

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE

**DESIGN DE MODA E ARTESANATO:
UMA RELAÇÃO SOCIAL RECÍPROCA**

RITA DE CÁSSIA ROTHBARTH LORENZI

JOINVILLE

2015

RITA DE CÁSSIA ROTHBARTH LORENZI

**DESIGN DE MODA E ARTESANATO:
UMA RELAÇÃO SOCIAL RECÍPROCA**

Dissertação de Mestrado apresentada
como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre em Design, na
Universidade da Região de Joinville.
Orientadora: Dra. Elenir Carmen
Morgenstern.

JOINVILLE

2015

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

Lorenzi, Rita de Cássia Rothbarth
L869d Design de moda e artesanato: uma relação social recíproca / Rita de Cássia Rothbarth Lorenzi ; orientadora Dra. Elenir Carmen Morgenstern. – Joinville: UNIVILLE, 2015.

137 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Design –
Universidade da Região de Joinville)

1. Design de moda. 2. Artesanato. 3. Trabalho – Aspectos sociais. 4. Renda – Aspectos sociais. I. Morgenstern, Elenir Carmen (orient.). II. Título.

CDD 746.92

Termo de Aprovação

“Design e Artesanato: uma relação social recíproca”

por

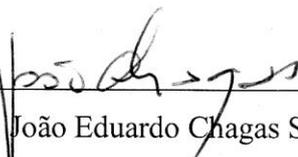
Rita de Cassia Rothbarth Lorenzi

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestra em Design, aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Design – Mestrado Profissional.



Profa. Dra. Elenir Morgenstern

Orientadora (UNIVILLE)



Prof. Dr. João Eduardo Chagas Sobral

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Design

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Elenir Morgenstern
Orientadora (UNIVILLE)



Prof. Dr. Alberto Cipiniuk
(PUC-RJ)



Prof. Dr. Victor Rafael Laurenciano Aguiar
(UNIVILLE)

Joinville, 19 de março de 2015

Para
Ruan, Júnior, Renan e Robson,
minha preciosa e abençoada família!

Agradecimentos

Inicialmente, agradeço a Deus por colocar ao meu lado, pessoas de coração nobre como amigos, parentes, técnicos, colegas e professores do Mestrado.

À professora orientadora Dra. Elenir Carmen Morgenstern, um muito obrigado pela ajuda na Dissertação do Mestrado. Sem sua paciência, incentivo e fé, nada seria possível!

A UNIVILLE, pelo auxílio necessário ao desenvolvimento deste Mestrado. Em especial ao Programa Institucional de Bolsas de Pós-Graduação - PIBPG.

Aos queridos professores: Dra. Adriane Shibata Santos; MSc. Anna Luiza Moraes de Sá Cavalcanti; Dr. Evandro Bittencourt; Dra. Marli Teresinha Everling; Dra. Rita Inês Petrykowski Peixe; Dra. Virginia Grace Barros e Dr. Victor Rafael Laurenciano Aguiar, pelo apoio e ensinamentos passados em sala.

Ao chefe de departamento do Mestrado Profissional em Design, João Sobral, pela consideração e confiança, repassados nas horas mais difíceis.

Em especial a secretária do Mestrado Bruna, que com ternura e paciência, indicou qual o caminho a seguir.

Aos meus queridos alunos de Moda, que torceram e incentivaram nessa jornada. Não esquecendo as bolsistas Daiane Fontana e Paloma Moreira, pelo auxílio no transcorrer desse trabalho. Em particular a estudante Julia Brümmer, pela contribuição nas pesquisas e registros imagéticos.

Agradeço com muito carinho as integrantes dos Projetos “Vida em Flor”, ‘SempreViva’ e ‘AmaViva’, que entenderam e contribuíram muito com a dissertação de mestrado.

À minha mãe ‘Eduvirges’ e minhas irmãs ‘Regiane e Rodivana’, pela torcida e convicção, que tudo daria certo.

Finalmente, agradeço a todos que me ajudaram direta ou indiretamente para o desenvolvimento desta dissertação!

RESUMO

A investigação, ancorada numa abordagem antropológica, adentra nas temáticas 'Design de Moda' e 'produção manual' (referida no presente trabalho como 'Artesanato'), conjecturando, nesta relação, processos recíprocos. Com base na abordagem social, mais especificamente na teoria dos signos, de Pierre Bourdieu, aplicando-se a teoria na prática, intenta-se uma definição teórica para o campo do Design de Moda. A investigação teórica é aplicada na prática de grupos femininos que objetivam, por meio da produção manual, a geração de trabalho e renda. A pesquisa destaca a responsabilidade social e a necessidade de uma relação social recíproca, entre artesãos e designers, na busca de definição de identidade, para os artefatos produzidos, considerando-se os agentes produtores e o local histórico/geográfico/cultural dessa produção. Por essa perspectiva consideram-se os aspectos sociais, culturais e históricos como constitutivos das práticas dos produtores manuais e dos designers de moda.

Palavras-chave: Design de Moda; Artesanato; Projetos de geração de trabalho e renda.

ABSTRACT

The research, anchored an anthropological approach, enters the thematic 'Fashion Design' and 'manual production' (referred to in this work as 'Craft'), wondering, in this relationship, reciprocal processes. Based on the social approach, specifically the theory of signs, Pierre Bourdieu, applying the theory in practice, attempts to be a theoretical definition for the field of Fashion Design. The theoretical research is applied in practice of women's groups that aim, through the manual production, generate employment and income. The research highlights the social responsibility and the need for reciprocal social relations between craftsmen and designers in the search for identity definition, for the artifacts produced, considering the creating agencies and the historical/geographical/cultural site of this production. From this perspective are considered the social, cultural and historical aspects as constitutive practices of manuals producers and fashion designers.

Keywords: Fashion Design; crafts; Projects to generate jobs and income.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cronologia do Projeto SempreViva: (2008, 2009, 2010, 2011, 2012 2013 e 2014).....	22
Figura 2: Cronologia do Projeto Vida em Flor (Bairros: Jardim Paraíso e Ulysses Guimarães).....	23
Figura 3: Cronologia do Projeto AmaViva: (2009) Confeção de avental para jardinagem; (2010) Visita a loja Yacamin; (2011) Oficina Dudalina com aproveitamento de retalhos; (2012) Confeção de artefatos para Semana da Comunidade;(2013) Oficina com novas possibilidades de estamparia; (2014) Costura de artefatos e Preparação para o convívio em grupo.....	23
Figura 4: Produtos projetados pelo projeto ‘SempreViva’ e confeccionados pelo projeto ‘AmaViva’, para a comercialização sob a marca ‘Sempre Flor’.....	24
Figura 5: Encomenda de bolsas para curso de engenharia; sacola e estojo para Colégio da Univille; sacola retornável com logo customizada da Univille.....	24
Figura 6: Bazar realizado durante a Semana da Comunidade nas dependências da Univille.....	25
Figura 7: Vista aérea do Campus localizado no bairro Bom Retiro. Nova marca e selo comemorativo aos 50 anos da universidade.....	26
Figura 8: Peça confeccionada no tear pelo Projeto “Mãos que Tecem” (Casa Kruger), que resgata símbolos e cores de Joinville por meio da tecelagem.....	46
Figura 9: Acessórios e revestimentos do couro de peixe marinho confeccionado pelo Projeto <i>Ichtus</i> do município litorâneo de Itapoá/SC.....	47
Figura 10: Detalhes do vestido feitos à mão. Por Isabela Capeto no <i>Fashion Rio/Summer</i> 2011.....	51
Figura 11: Miniatura de canoa de madeira entalhada por João Carlos de Borba/Florianópolis.....	57
Figura 12: A boneca de porcelana criada por Maria Izilda Alves denuncia a presença alemã em Pomerode.....	57
Figura 13: Nilza Rodrigues e Irene Felisberto apresentam a bucha vegetal combinada à palha de milho de Santo Amaro da Imperatriz.....	58
Figura 14: Agricultoras do norte do Estado participam do curso de tecelagem com fibra de bananeira.....	58

Figura 15: Isadora Guercovich com seus looks apresentados por modelos <i>new faces</i> e pela modelo internacional Carol Ribeiro.....	60
Figura 16: Prato genuinamente joinvilense, o marreco recheado é preparado pelo Restaurante Hübner há mais de 65 anos; O strüdel da Confeitaria XV é elaborado desde 1964; Em Joinville, a cuca é um dos elementos fundamentais da culinária e está presente na maioria das casas da cidade.....	62
Figura 17: Pontos diferenciados de bordados e crochês confeccionados pela tia, mãe e avó da bolsista e aluna de Moda, Julia Brümmer de Souza, a partir de técnicas repassadas pela Cooper Cargo Social de Joinville.....	62
Figura 18: Em Joinville, há registros de construções com a técnica enxaimel, de 1865 até a década de 1960 (Casa situada na rua General Valgas Neves – Joinville/SC).....	63
Figura 19: 18ª Festa da Polenta, no galpão da Igreja Santo Antônio, na Rodovia do Arroz, no bairro Vila Nova, e a 34ª Festa da Colheita na Sociedade Dona Francisca, em Pirabeiraba.....	64
Figura 20: Localização da cidade de Joinville/SC.....	65
Figura 21: População residente, por local de nascimento, em Joinville (2010).....	67
Figura 22: Cidade de Joinville - Av. Hermann August Lepper x Rua Dona Francisca x Rua Max Colin.....	68
Figura 23: Vista panorâmica de Joinville. Ao fundo a baía da Babitonga (esquerda) e a Serra do Mar (direita).....	68
Figura 24: A floração do jacatirão-de-Joinville acontece entre os meses de dezembro a fevereiro.....	69
Figura 25: O Morro do Amaral é envolvido pelo ecossistema de manguezais; Rochas sobrepostas são encontradas no Castelo dos Bugres; No Rio da Prata encontramos nascentes de rios e cachoeiras e na Estrada Rio do Júlio, araucárias e bromélias.....	69
Figura 26: O príncipe François Ferdinand; Vista área da cidade; Saída dos funcionários da Fundação Tupy; Festa das Flores e Festival de Dança de Joinville..	70
Figura 27: Moinho e Pórtico de Joinville.....	71
Figura 28: Museu Nacional da Imigração e Colonização.....	72
Figura 29: Rua das Palmeiras.....	72
Figura 30: Parque Zoobotânico.....	73

Figura 31: Museu de Artes. Fachada é cheia de detalhes simbólicos. A mistura de elementos góticos (dos arcos ogivais) e romanos (representados pelas folhas de acanto dos pilares) chega a um estilo colonial-burguês incomum em outras edificações do mesmo período.....	73
Figura 32: Museu de Sambaqui.....	74
Figura 33: Museu e obras do artista plástico Fritz Alt.....	74
Figura 34: Instituto Juarez Machado possui 60 telas e objetos pessoais do Artista.....	75
Figura 35: Mercado Público Municipal.....	76
Figura 36: Vista da Casa Krüger e detalhes de pinturas na parede.....	76
Figura 37: As peças foram serigrafadas com figuras que lembram o verão à beira Mar.....	80
Figura 38: Resumo da investigação realizada junto às integrantes sobre as características de Joinville, produto que poderiam compor este cenário e principais habilidades manuais das integrantes.....	85
Figura 39: Sementes, flores e árvores encontradas em Joinville, citadas pelas Integrantes.....	86
Figura 40: Formas representativas das plantas encontradas nas residências das integrantes. Das quais, primeiramente foram desenhadas, em seguida reveladas nas telas serigráficas, e por fim, serigrafadas, como teste, nos tecidos.....	86
Figura 41: Chapéus de praia customizados, ancoradas nas habilidades manuais individuais de cada integrante, como fuxico e bordados.....	87
Figura 42: Primeiro ensaio fotográfico com as peças prontas.....	88
Figura 43: Resumo da investigação realizada em 2014, junto às integrantes sobre as características de Joinville, produto que poderiam compor este cenário e as principais habilidades manuais das integrantes.....	90
Figura 44: Análise das plantas e sementes encontradas nas residências das Integrantes.....	90
Figura 45: Análise das tonalidades das flores, sementes e galhos encontrados nas residências das integrantes do projeto.....	91
Figura 46: Formas representativas das plantas encontradas nas residências das Integrantes.....	91
Figura 47: Projeto e modelagem da bolsa para praia, rio ou piscina.....	92
Figura 48: <i>Banners</i> descartados e Processo produtivo da bolsa: Modelagem; corte; encape com tecido cru; aplicação do acabamento das bordas (viés ou ponto	

caseado); colocação das laterais (tecido ou crochê); dobra e costura para colocação das alças de madeira.....	92
Figura 49: Bastões de madeira e ponteiros plásticos dos banners foram utilizados para fazer as alças das bolsas.....	93
Figura 50: Porta chaves, utilizando-se o cordão de nylon utilizado para pendurar o Banner.....	93
Figura 51: Oficina na qual as integrantes, professores e bolsistas trocaram conhecimento da técnica do crochê para customização das bolsas.....	94
Figura 52: Bolsas para praia ou piscina confeccionadas pelas integrantes do projeto 'SempreViva' em 2014.....	94
Figura 53: Diversidade nos acabamentos (crochê, encape, ponto caseado e costura à máquina) das alças e ponteiros, bem como no fechamento das laterais das peças.....	95
Figura 54: Integrantes estavam orgulhosas em apresentar aos presentes as bolsas produzidas. Professoras, colaboradoras e bolsistas do projeto na foto de encerramento, realizado nas dependências do Anfiteatro 1 da UNIVILLE. Em destaque a professora Elenir premiando a Sra. Márcia Vieira Coelho, como a autora da bolsa que mais retratou a cidade, conforme escolha dentre as próprias integrantes.....	95
Figura 55: Investigação realizada as integrantes sobre as características e materiais encontrados no bairro. Técnicas manuais conhecidas pelas integrantes.....	97
Figura 56: Registro fotográfico do Rio Velho.....	97
Figura 57: Vista parcial do número elevado de crianças presentes no bairro. Nota-se ao fundo a vegetação do manguezal junto ao Rio Velho - Dia das crianças 2013 Univille/Prefeitura.....	98
Figura 58: Os integrantes confeccionaram painéis retratando Joinville com ilustrações de flores, danças, bicicletas, paisagens e arquiteturas.....	99
Figura 59: Peças customizadas, tendo como inspiração as características de Joinville, como uma cidade chuvosa, dispendo de uma arquitetura bonita em meio a jardins floridos.....	99
Figura 60: Aproveitamento e tingimento natural (com açafraão) das sobras de tecido no corte da camiseta, na customização da bermuda com aplicação de fuxicos.....	100
Figura 61: Bermudas customizadas ancoradas em habilidades manuais individuais de cada integrante, como fuxico, macramê e patchcolagem.....	100

Figura 62: Tingimento natural com açafão-da-terra e urucum (sobras de tecidos e linhas de algodão cru). Última foto com técnica para a confecção da rede da bolsista Daiane Fontana aprendida com a vó, confeccionado num tear artesanal utilizando-se de madeira descartada e pregos.....	101
Figura 63: Exposição das peças customizadas na cerimônia de formatura e entrega de certificados aos integrantes (de pé) do projeto Vida em Flor do bairro Ulisses Guimarães (Loteamento Jardim Loureiro).....	101
Figura 64: Tecidos estampadas, tendo como inspiração as cores das flores hemerocales encontradas em Joinville.....	102
Figura 65: As integrantes de maneira espontânea e criativa customizaram suas peças com pedaços e ourelas dos tecidos, descartados durante o corte do vestido.....	102
Figura 66: Customização dos vestidos com ourelas dos tecidos, descartados durante o corte das peças. Material resistente e que não desfia.....	103
Figura 67: Ficha cadastral preenchida pelas integrantes dos projetos.....	123
Figura 68: Oficinas de geração de renda ministradas nas dependências da Univille.....	127
Figura 69: Fotocópia da Autorização de Uso da Imagem das integrantes 'SempreViva' e 'AmaViva'.....	128
Figura 70: Autorização para disponibilizar cópias da Dissertação.....	134
Figura 71: Reportagem BISU sobre interesses a respeito projetos sociais da Univille.....	135
Figura 72: Reportagem BISU sobre a formatura dos projetos de geração de renda da Univille.....	136
Figura 73: Reportagem 'Revista Donna'. Encarte semanal do Jornal A Notícia de Joinville/SC	137
Figura 74: Reportagem a respeito da ex-integrante do projeto (Darlene M. Baixo) que se formou em moda no ano de 2013.....	138

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Critérios para avaliação de tipos de produtos.....	35
Gráfico 2 – Número de empresas por setor econômico.....	66
Gráfico 3 – Idade das integrantes dos projetos.....	124
Gráfico 4 - Local de nascimento.....	124
Gráfico 5 - Grau de instrução das integrantes.....	124
Gráfico 6 - Estado civil.....	125
Gráfico 7 - Número de filhos.....	125
Gráfico 8 – Renda familiar por residência.....	125
Gráfico 9 – Situação da casa (ou apartamento) que reside.....	126
Gráfico 10 – Habilidades manuais conhecidas.....	126

QUADROS

Quadro 1 – População por faixa etária em Joinville.....	66
Quadro 2 – População urbana de Joinville por categoria de renda.....	66
Quadro 3 – População economicamente ativa, por setor de atividade.....	67
Quadro 4 - Grau de escolaridade de Joinville (2010).....	67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 CONTEXTUALIZANDO O CAMPO DE ESTUDO	19
1.a Agentes produtores.....	20
1.a.a Projetos de geração de renda vinculados ao departamento de Design/UNIVILLE.....	21
1.b Financiadores.....	25
1.b.a. UNIVILLE e Extensão Universitária.....	25
1.b.b Secretaria de Assistência Social de Joinville.....	29
2 CONSIDERANDO OS SISTEMAS SIMBÓLICOS	31
2.a Artesanato, moda e identidade.....	31
2.b Identidade/hibridismo cultural.....	37
2.c Moda e sociedade.....	39
2.d Design de Moda, artesanato e territorialidade.....	43
2.e Limites e hibridismos no campo da Moda.....	50
2.f Identidade cultural e responsabilidade socioambiental.....	52
2.g Santa Catarina: moda e artesanato.....	54
2.h Joinville: produção cultural e mercado	60
2.h.a Joinville contemporânea.....	65
3 APLICANDO A TEORIA NA PRÁTICA	78
3.a. Oficinas e materiais.....	79
3.a.a Como eram	79
3.a.b Como ficaram a partir das reflexões teóricas	80
3.b Projetos definidores das práticas	81
3.b.a Como eram	81
3.b.b Como passaram a ser a partir das reflexões práticas.....	82
3.c Experiência prática nos dois anos de desenvolvimento da pesquisa de Mestrado.....	83
3.c.a Projeto ‘SempreViva’ desenvolvido em 2013.....	84
3.c.b Projeto ‘SempreViva’ desenvolvido em 2014.....	89
3.c.c Projeto ‘Vida em Flor’ desenvolvido em 2013 e 2014	96
3.c.c.a Materiais e técnicas aplicadas nos artefatos produzidos pelo Projeto ‘Vida em	

Flor' em 2014.....	102
CONCLUSÃO.....	105
REFERÊNCIAS.....	111
GLOSSÁRIO.....	121
APÊNDICE A – Modelo de ficha cadastral dos Projetos de geração de trabalho e renda da UNIVILLE.....	123
APÊNDICE B - Levantamento de 85 fichas cadastrais dos projetos de geração de renda da Univille, desde o ano de 2012.....	124
APÊNDICE C - Exemplos de algumas oficinas ministradas nos projetos de geração de renda da Univille.....	127
APÊNDICE D – Autorização de Uso da Imagem das Integrantes 'SempreViva' e 'AmaViva'.....	128
APÊNDICE E – Autorização autorizando cópias da Dissertação.....	134
ANEXO A – Boletim Informativo Semanal da Univille (BISU): Reportagem sobre o interesse a respeito dos Projetos Sociais da Univille.....	135
ANEXO B – Reportagem do jornal interno da UNIVILLE a respeito da formatura das integrantes dos projetos de geração de renda, em 2011.....	136
ANEXO C – Reportagem do Jornal A Notícia de Joinville (Encarte Revista Donna) sobre a integrante Simone A. Lima, do projeto da UNIVILLE.....	137
ANEXO D – Reportagem do Jornal A Notícia de Joinville (Encarte Revista Donna) sobre integrante do projeto da UNIVILLE.....	138

INTRODUÇÃO

Experiências desenvolvidas por professores de design, numa universidade comunitária catarinense¹, em projetos de extensão universitária que capacitam para a geração de trabalho e renda, por meio de saberes oriundos do campo do design, destacaram uma problemática em especial: mulheres artesãs, capacitadas em projetos sociais, passam a adotar procedimentos, sob a orientação de professores de design, e incorporam, em suas produções, modos produtivos pautados em metodologia do campo do design; materiais nativos e técnicas familiares e locais, paulatinamente, podem ser abandonados. Em decorrência disso, os artefatos produzidos descaracterizam o grupo que os produz e não integram materiais locais, desconsiderando o meio ambiente. Essa problemática deu luz à reflexão de mestrado intitulada “Design de Moda e Artesanato: uma relação social recíproca”, que propõe, de modo integrado aos saberes específicos do campo do design, um retorno às características locais, em busca de uma produção manual que reflita as condições materiais locais e a identidade cultural dos agentes produtores. Nesse sentido, entende-se que as práticas antigas, aquelas passadas de geração em geração e os materiais locais, que podem ser extraídos e manufaturados pelas próprias artesãs, são tão valiosos quanto conhecimentos científicos e materiais adquiridos das indústrias de beneficiamento.

Nesta reflexão define-se, como artesanato, toda atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade².

A temática aqui desdobrada é contextualizada pelo documento validado no Encontro Nacional do Programa SEBRAE de Artesanato, realizado em Araxá/MG, no ano de 2003, pelos coordenadores estaduais. O referido documento destaca o artesanato como estratégia de valorização dos territórios que promove o fortalecimento das cadeias produtivas e centraliza no capital humano e social, como

¹ A **Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ** – é uma entidade de direito privado, sem fins lucrativos, com autonomia didático-científica, administrativa, financeira e disciplinar, exercida na forma da lei e dos seus estatutos, mantenedora da **Universidade da Região de Joinville – Univille**.

² NETO, Eduardo Barroso. O que é artesanato. *web*, 2013.

pré-condição para o empreendedorismo. De acordo com o referido documento, com custo de investimento baixo, o setor artesanal usa, na maioria das categorias existentes, “matéria-prima natural, promove a inserção da mulher e do adolescente em atividades produtivas, estimula a prática do associativismo e fixa o artesão no local de origem, evitando o crescimento desordenado dos centros urbanos”³.

Assim, a presente investigação apresenta como objetivo geral verificar a contribuição dos estudos fundados na abordagem social, para o campo do Design de Moda, visando aplicabilidade junto a projetos que visam geração de trabalho e renda, por meio de processos artesanais. Intenta identificar e analisar possibilidades de colaboração entre professores de design e artesãs dos projetos que capacitam para a geração de trabalho e renda, desenvolvidos pela Área de Extensão Universitária da Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE (Projetos SempreViva, AmaViva e Vida em Flor).

Propõe-se, a partir desta investigação, a verificação de contribuições dos estudos fundados na abordagem social, para o campo do Design de Moda, com vistas a sua aplicabilidade a projetos que visam à geração de trabalho e renda por meio de processos artesanais. Entendendo que as produções de tais grupos são situadas geográfica e historicamente, intenciona-se fomentar o desenvolvimento de novos artefatos, integrando-se ferramentas e tecnologias acadêmicas do campo do Design de Moda com os conhecimentos populares de técnicas, processos e materiais locais, compreendendo, em tais práticas, a relevância de estabelecer uma relação social recíproca.

Neste escopo teórico, desdobram-se os seguintes capítulos:

O primeiro capítulo apresenta os projetos de geração de renda vinculados ao departamento de Design e desenvolvidos pela Extensão da UNIVILLE. Apresenta-se o histórico dos projetos ‘SempreViva’, ‘Vida em Flor’ e ‘AmaViva’, que capacitam mulheres de pouca escolaridade e com dificuldade de inserção profissional para geração de trabalho e renda, por meio de conhecimentos teóricos e práticos, relacionados ao campo do Design. Em seguida relatam-se a trajetória da universidade e o trabalho da Extensão Universitária da UNIVILLE, na qual o estudo

³ SEBRAE, 2004, p. 12 e 14.

foi realizado. Por fim, discorre-se acerca da parceria entre Secretaria de Assistência Social de Joinville, que atua com famílias em situação de fragilidade social do município de Joinville, e Extensão Universitária/UNIVILLE.

O segundo capítulo adentra em conceituações e definições histórico-sociais de termos como artesanato, moda, cultura e identidade. Investe na definição de uma noção contemporânea de artesanato, delineada com base na observação das atuais práticas de sua produção, interpretação e distribuição. A conceituação do campo do Design de Moda apoia-se na perspectiva teórica sociológica. Por esse viés, contextualiza o campo da moda em Santa Catarina; aborda os limites e hibridismos do campo da moda; destaca o caráter multicultural do Estado, pela incorporação dos valores culturais de grupos sociais oriundos de outras regiões do Brasil; e analisa a produção cultural local considerando mercado e economia local.

O terceiro capítulo fará a interseção entre a teoria e a prática. Nessa intenção, serão apresentadas questões de ordem empírica relacionadas aos projetos, destacando-se: projetos desenvolvidos; oficinas/disciplinas/conhecimentos; materiais e processos/técnicas; e resultados. A finalidade do terceiro capítulo é aplicar a teoria (apresentada nos dois capítulos anteriores) à prática cotidiana dos projetos de geração de renda, de forma a buscar respostas sociológicas (lógicas e empíricas) ao problema identificado.

Intenta-se, por meio deste senso prático, expor as potencialidades de colaboração entre os agentes (professores de design, colaboradores, bolsistas e artesãs integrantes dos Projetos SempreViva e Vida em Flor) nos processos de desenvolvimento de novos artefatos, vinculando-se ferramentas e tecnologias, do campo do Design de Moda, com os conhecimentos populares de técnicas, processos e materiais locais, entendendo-se a relevância de uma relação social recíproca entre Design de Moda e Artesanato.

1 CONTEXTUALIZANDO O CAMPO DE ESTUDO

O objetivo da investigação é verificar a contribuição dos estudos fundados na abordagem social para o campo do Design de Moda, visando aplicabilidade a projetos que propõem geração de renda por meio de processos artesanais.

A metodologia apoia-se na Teoria dos Sistemas Simbólicos, de Pierre Bourdieu. Para Bourdieu⁴, não basta analisar o objeto de estudo isoladamente, é necessário sopesar o campo no qual está inserido e considerar o sistema simbólico nele instituído. A questão central desta investigação é buscar respostas sociológicas – ou seja, lógicas e ao mesmo tempo empíricas.⁵ O viés sociológico, elegido para a presente investigação, conduz ao entendimento de que os agentes envolvidos no processo analisado têm sua responsabilidade, mas são em grande parte definidos em suas possibilidades ou impossibilidades, pela estrutura na qual estão situados e pela posição que ocupam nessa estrutura.⁶ Não se compreende nada se não se compreende o campo que o produz e que lhe confere pequena força.⁷

A Teoria do Campo, em Bourdieu⁸, refere-se às questões de legitimação, decorrentes de padrões culturais, dos campos simbólicos. O campo é o espaço social (simbólico) de conflito onde as relações sociais (efetivadas pelos agentes e por classes de agentes) estão distribuídas na forma de capital, seja simbólico ou cultural, e por meio das quais se estabelecem as relações de dominação. O campo é articulado pelas lutas, disputas pelo poder, entre os agentes, sempre dispostos a envolverem-se, com o objetivo de demarcarem suas posições na estrutura social (distinção). Por maior que seja a autonomia do campo, o resultado dessas lutas nunca é completamente independente de fatores externos. Em outros termos, as relações de força (entre o velho e o novo) dependem do estado das lutas externas e do reforço que uns e outros possam encontrar fora do campo.⁹

Todo campo social, seja o campo científico, seja o campo artístico, o campo burocrático ou o campo político, tende a obter daqueles que nele entram uma

⁴ BOURDIEU, Pierre. 2003, p. 65.

⁵ BOURDIEU, Pierre. 2007.

⁶ BOURDIEU, Pierre. 1997, p. 78.

⁷ *Id. Ibid.*

⁸ BOURDIEU, Pierre. 2003, p. 65.

⁹ *Id. Ibid.*

relação com o campo, a que Bourdieu¹⁰ chama de *illusio*. De acordo com o mencionado teórico, os agentes podem querer inverter as relações de força no campo, mas, por isso mesmo, reconhecem os alvos, não são indiferentes.¹¹ Assim, para Bourdieu, querer fazer a revolução em um campo significa concordar com o essencial do que é tacitamente exigido por esse campo, a saber, que ele é importante, que o que está em jogo aí se torna tão importante a ponto de se desejar fazer a revolução.

1.a Agentes produtores

Para Bourdieu, o agente é o ser que participa e pleiteia dentro do campo de interesses. O autor esclarece que os agentes obtêm o capital econômico e cultural de acordo com sua origem social, determinantes desde o seu nascimento. Ao transcorrer do tempo os agentes assimilam formas de agir dentro do meio social.

Conforme dados coletados e arquivados¹² pelos projetos “SempreViva’ e ‘Vida em Flor’, os agentes aqui referidos são mulheres de baixa escolaridade (aproximadamente 70% possuem no máximo o ensino fundamental) e renda (45% com ganho familiar de até R\$ 724,00), cadastradas na Secretaria de Assistência Social de Joinville (no Programa de Incentivo às Organizações Produtivas), que almejam, ao ingressar nos projetos de geração de renda da UNIVILLE, se qualificar para o mercado de trabalho, com vistas ao complemento da renda familiar. Trata-se de donas de casa casadas (50%), separadas ou divorciadas (30%), procedentes de cidades do interior de Santa Catarina e Paraná (Apêndice B, Gráfico 4), que se dedicam aos afazeres domésticos e à educação dos filhos (em média 3 filhos. Apêndice B, gráfico 7). Moradoras da periferia de Joinville, dominam determinadas técnicas artesanais, como crochê, bordado, fuxico ou *patchwork* (Apêndice B, gráfico 10). Algumas das integrantes vêm em busca de atividade que alivie a rotina doméstica, outras foram diagnosticadas com quadro de depressão. Com a capacitação nos projetos passam a integrar o mercado de trabalho por meio de atividade empreendedora, autônoma ou vinculada a uma associação.

¹⁰ BOURDIEU, Pierre. 2014, p.140.

¹¹ *Id. Ibid.*

¹² Disponíveis no site do projeto: <<http://www.sempreflor.com.br/projetosempreviva.html>>.

As agentes produtoras, supra-apresentadas, ao se cadastrarem na Secretaria de Assistência Social, passam a integrar os projetos de capacitação para a geração de trabalho e renda **SempreViva, Vida em Flor** ou '**AmaViva**', desenvolvidos na UNIVILLE.

Entre os agentes envolvidos estão professores e estudantes do curso de Design da UNIVILLE (principalmente da linha de formação em Moda).

O corpo docente, formado por professores do departamento de Design da UNIVILLE, transmite nas oficinas de capacitação conhecimento de pesquisa, criação e desenvolvimento de artefatos. Possibilitando-se conhecer o público-alvo, o tema, criação, desenvolvimento e apresentação de artigos de baixa complexidade.

As atividades ocorrem uma vez por semana e contam com o auxílio de estudantes (bolsistas e voluntários) na preparação do espaço de onde será realizada a oficina, disponibilização dos materiais utilizados, registro fotográfico e preparação do lanche.

1.a.a Projetos de geração de renda vinculados ao departamento de Design/UNIVILLE

A área de extensão universitária da UNIVILLE, desde 2006, investe em capacitação profissional de mulheres, oriundas de domicílios com baixa renda familiar, cadastradas na Secretaria de Assistência Social de Joinville. As ações que investem (ao longo de um ano) na capacitação de mulheres de pouca escolaridade e com dificuldade de inserção profissional, para geração de trabalho e renda, são desdobradas por meio dos Projetos de Geração de Renda.

O Projeto **SempreViva** iniciou-se em 2007 e permanece ininterruptamente até a presente data. Seu objetivo principal é “proporcionar às integrantes do grupo acesso a conhecimentos teóricos e práticos, relacionados ao campo do Design, visando à geração de trabalho e renda”. Constituem o grupo mulheres de famílias com ganho de até meio salário mínimo *per capita*, sem qualificação profissional e com baixa escolaridade. O projeto (fruto de parceria entre a UNIVILLE e a Secretaria

de Assistência Social) investe na qualificação profissional permanente das artesãs, objetivando inserção social das integrantes (pela geração de ocupações produtivas e de renda). A capacitação ocorre por meio de oficinas de serigrafia, *patchwork*, modelagem, costura, projeto de programação visual, projeto de produto e administração (Apêndice C). Os materiais utilizados são provenientes de doações das parcerias estabelecidas com as empresas. Os resultados do projeto SempreViva, bem como outras informações, podem ser conferidos nos seguintes sites: <http://projetosempreviva.weebly.com/> e <http://www.sempreflor.com.br/index.html>, ou pela página do Facebook: <https://www.facebook.com/projetosemprevivaamaviva/posts/1526233750926757>.

Figura 1: Cronologia do Projeto SempreViva: (2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013 e 2014).



Fonte: Primária (2014).

O Projeto **Vida em Flor**, desenvolvido em parceria com a Secretaria de Assistência Social (financiado pelo Programa de Aceleração do Crescimento - PAC) e promovido nas dependências da UNIVILLE, configura-se em projeto de extensão que visa ao aprendizado para geração de renda. O projeto reúne mulheres, oriundas de bairros específicos de Joinville, precisamente de áreas invadidas, cadastradas junto nos Centros de Referência em Assistência Social (CRAS) locais. As atividades objetivam proporcionar às integrantes acesso a conhecimentos técnicos e estéticos em serigrafia, *patchwork*, modelagem, costura, projeto de produto, projeto de programação visual e gestão da produção. Duas turmas (oriundas do bairro Jardim Paraíso) foram capacitadas ao longo de 2011 e 2012, e outras duas foram capacitadas no segundo semestre de 2013, estendendo até fim do primeiro semestre de 2014 (com integrantes procedentes do bairro Ulysses Guimarães).

Figura 2: Cronologia do Projeto Vida em Flor (Bairros: Jardim Paraíso e Ulysses Guimarães).



Fonte: Primária (2014).

O Projeto **AmaViva** é constituído por artesãs remanescentes de outros projetos de geração de renda, desenvolvidos na UNIVILLE (projetos Geração de renda: Mulher SempreViva – SempreViva; Geração de renda: Vida em Flor – Vida em Flor; Amadurecer com Fibra – AMAR; Design na Economia Solidária: qualificação e valorização da produção artesanal joinvilense – ECOSOL). O foco do grupo AmaViva centra-se no desenvolvimento de artefatos conforme demandas e de acordo com projetos desenvolvidos no primeiro ano de capacitação. As oficinas primam pelo aperfeiçoamento dos saberes técnicos e estéticos adquiridos nos projetos de origem; na preparação para o trabalho associativo; na capacitação para o gerenciamento da produção e comercialização dos artefatos. Do valor arrecadado das vendas realizadas, 95% são divididos em partes iguais para os integrantes e os 5% restantes investidos na compra de matéria-prima faltante. Os documentos de controles do projeto abrangem: Caixa; Movimento de Produto Acabado; Controle de Estoque; Vendas e Frequência das Integrantes.

Figura 3: Cronologia do Projeto AmaViva: (2009) Confeção de avental para jardinagem; (2010) Visita à loja Yacamin; (2011) Oficina Dudalina com aproveitamento de retalhos; (2012) Confeção de artefatos para a Semana Comunitária; (2013) Oficina com novas possibilidades de estamparia; (2014) Costura de artefatos e preparação para o convívio em grupo.



Fonte: Primária (2014).

O portfólio de produtos produzidos anualmente pelo AmaViva contempla desde aventais, bolsas, sacolas ecológicas, mochilas para *notebook*, *eco bags* em *jeans*, sacolas e estojos para colégio. A produção atende também a demandas oriundas do setor de Eventos da UNIVILLE, confeccionando sacolas retornáveis com o logotipo da universidade e bolsas personalizadas para cursos específicos da instituição (Figuras 4 e 5).

Figura 4: Produtos projetados pelo SempreViva e confeccionados pelo projeto AmaViva, para a comercialização sob a marca Sempre Flor.



Fonte: Primária (2014).

Figura 5: Encomenda de bolsas para curso de engenharia; sacola e estojo para o Colégio da Univille; sacola retornável com logotipo customizado da Univille.



Fonte: Primária (2014).

Os produtos também são comercializados em eventos na própria universidade (Figura 6) e em feira municipais (Festa das Flores, Natal e Mercado das Pulgas na Estação Ferroviária e em parceria com a Economia Solidária de Joinville).

Figura 6: Bazar realizado durante a Semana da Comunidade nas dependências da Univille.



Fonte: Primária (2013).

1.b Financiadores

Com o objetivo de contribuir com a formação do ser humano, para a melhoria do exercício profissional e desenvolvimento de uma sociedade mais justa e democrática¹³, a Universidade da Região de Joinville, por meio de um fundo financiador próprio (FAEX – Fundo de Apoio à Extensão), investe em atividades de Extensão Universitária¹⁴. Por ano, 35 projetos são custeados. Para aprovação e implantação, os projetos são submetidos a um edital de demanda interna, sendo avaliados por dois membros internos e um membro externo à instituição¹⁵.

1.b.a UNIVILLE e Extensão Universitária

Da importância de educadores para o desenvolvimento de Joinville, destaca-se a Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE¹⁶ –, com o ensino superior, vindo a suprir a cidade e região de recursos humanos para as áreas educacional, gerencial e empresarial.

¹³ UNIVILLE. Área de Extensão Universitária, *web*, 2014.

¹⁴ RESOLUÇÃO n.º 32/07 Conselho de Administração da UNIVILLE. Art. 4.º - O recurso do fundo corresponderá a 4% da receita líquida da Furj/Univille. *Web*, 2015.

¹⁵ Edital para a chamada de projetos de extensão de demanda interna, conforme prevê a Resolução 08/05 CEPE. UNIVILLE, *web*, 2015.

¹⁶ Instalada em 15 de março 1965, com a Faculdade de Ciências Econômicas, que, a partir de 1969, foi incorporada à Fundação Joinvilense de Ensino – FUNDAJE –, criada em 1967. Em 1971, a FUNDAJE passou a denominar-se Fundação Universitária do Norte Catarinense – FUNC – e, desde 1977, Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ –, mantenedora da atual Univille (1996).

Localizada na zona norte da cidade¹⁷, o *Campus* Universitário de Joinville abriga o Colégio da Univille, que atende alunos da educação básica. São mais de 200 mil m² de área, com aproximadamente 41.403,12 m² de área edificada e 93.497,52 m² de área construída, distribuídas em uma extensa área verde nativa preservada. Contendo salas de aulas climatizadas com equipamentos multimídia; 102 laboratórios (informática e áreas afins); 4 Anfiteatros; Auditório; Biblioteca; Centro de Esportes, Saúde e Lazer; ginásios e quadras poliesportivas; pista de atletismo; Estação Meteorológica; clínicas odontológicas; Centro Cirúrgico Experimental; 29 ambulatórios (alguns instalados em hospitais da rede pública de Joinville); Centro de Artes e Design (laboratórios de teatro, gravura, escultura, pintura e tecelagem); Centro de Gastronomia; restaurante; cantinas e estacionamento¹⁸.

Figura 7: Vista aérea do *Campus* localizado no bairro Bom Retiro. Nova marca e selo comemorativo aos 50 anos do ensino superior em Joinville.



Fonte: UNIVILLE 50 anos. Disponível em: <http://marca.univille.br/50-anos/>.

A Univille¹⁹ oferece cursos de graduação em diversas áreas, como: Administração; Arquitetura e Urbanismo; Artes Visuais; Ciências Biológicas (Biologia Marinha, Meio Ambiente e Biodiversidade); Ciências Contábeis; Ciências Econômicas; Comércio Exterior; Design de Animação; Design de Interiores; Design de Moda; Design Projeto de Produto, Design Programação Visual; Direito; Educação Física; Engenharia Ambiental e Sanitária; Engenharia Civil; Engenharia de Produção; Engenharia Mecânica; Engenharia Química; Engenharia de Software;

¹⁷ Endereço: *Campus* Universitário. Rua Paulo Malschitzki, 10 - Zona Industrial Norte. Joinville - SC, CEP 89219-710. Telefone 3461 9000.

¹⁸ UNIVILLE. Ensino. *Campus* Joinville, web, 2014.

¹⁹ Conta com unidades em Joinville (centro) e São Francisco do Sul e *Campus* na cidade de São Bento do Sul/SC. Informações UNIVILLE. Ensino, web, 2014.

Farmácia; Fotografia; Gastronomia; Gestão Comercial (São Bento do Sul); Gestão Financeira; História; Letras; Medicina; Odontologia; Pedagogia; Psicologia; Publicidade e Propaganda; Sistemas de Informação.

Em nível de especialização (Pós-Graduação/*lato sensu*²⁰) há cursos como: Desenvolvimento Gerencial e Gestão de Pessoas; Engenharia de Produção; MBA em Gestão de Organizações Sociais; Design e Desenvolvimento para Interfaces Digitais Interativas; Marketing, Consumo e Redes Sociais (Joinville e São Bento do Sul); Direito Civil e Direito Processual Civil (São Bento do Sul).

Possui cinco cursos de mestrado reconhecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES - e um curso de doutorado (Saúde e Meio Ambiente). Entre os cursos de mestrado, estão: Saúde e Meio Ambiente; Engenharia de Processos; Patrimônio Cultural e Sociedade; Educação; Design. Oferece aos estudantes programas de atendimento psicopedagógico, nivelamento, bolsas de estudo, apoio ao estágio, empregabilidade e planejamento de carreira.

De acordo com a visão de universidade contemporânea, o ensino superior ganha sentido a partir de sua inserção no espaço social. De acordo com Zen²¹, a participação na comunidade determina prioridades e oferece elementos para avaliação, que, no Brasil, deve ser calculado pela redução das desigualdades sociais e dos desequilíbrios regionais. A mencionada autora ainda destaca que a relevância da universidade se encontra no grau de participação na solução e melhoria das condições de vida da sociedade em termos sociais, políticos ou econômicos.

A Univille caracteriza-se por ser uma universidade comunitária, mantida pela FURJ. Uma entidade de direito privado, sem fins lucrativos, com autonomia didático-científica, administrativa, financeira e disciplinar, exercida na forma da lei e dos seus estatutos²².

²⁰ Programas de especialização e incluem os cursos designados como MBA. Com duração mínima de 360 horas, ao final do curso o aluno obterá certificado, e não diploma. Ademais são abertos a candidatos diplomados em cursos superiores e que atendam às exigências das instituições de ensino – Art. 44, III, Lei n.º 9.394/1996. – Ministério da Educação, web, 2014.

²¹ DALLA ZEN, 1982, p. 15.

²² FURJ, web, 2014.

Nesse sentido, a **missão** da Univille é promover formação humanística e profissional de referência para a sociedade atuando em ensino, pesquisa e extensão e contribuir para o desenvolvimento sustentável. A **visão** é ser reconhecida nacionalmente como uma universidade comunitária, sustentável, inovadora, internacionalizada e de referência em ensino, pesquisa e extensão (Anexo A).

Dos **valores e princípios** institucionais da Univille estão a **Cidadania** (autonomia, comprometimento, motivação, bem-estar e participação democrática responsável promovem o desenvolvimento pessoal e social); **Integração** (ação cooperativa e colaborativa com as comunidades interna e externa constrói o bem comum); **Inovação** (competência para gerar e transformar conhecimento científico em soluções sustentáveis para os ambientes interno e externo contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico) e a **Responsabilidade ambiental** (gestão de recursos e ações comprometidas com o equilíbrio ambiental favorece a melhoria da qualidade de vida).²³

Com tal característica, a extensão universitária pode ser entendida como um canal de comunicação com a comunidade, no âmbito da socialização do conhecimento, tornando acessível à sociedade o conhecimento de domínio da Universidade, seja por sua própria produção, seja pela sistematização ou pelo estudo do conhecimento universal disponível:

Sua função é possibilitar o aprendizado que ultrapasse os espaços eminentemente acadêmicos e interseccione o conhecimento científico e o conhecimento popular, viabilizando a relação transformadora entre universidade e sociedade, promovendo o fortalecimento e a avaliação do Ensino e da Pesquisa, no que diz respeito a sua relevância social, bem como a avaliação da qualidade do saber produzido.²⁴

Nessa finalidade, a UNIVILLE investe em projetos de extensão universitária e, anualmente, capacita um número considerável de artesãs por meio de projetos que visam à geração de renda (Anexo B). Ao término da capacitação algumas artesãs montam seu próprio negócio, integram-se ao mercado de trabalho ou prosseguem suas atividades associadas a um grupo (cooperativa, instituto, associação).

²³ FURJ, *web*, 2014.

²⁴ UNIVILLE. Extensão, *web*, 2013.

1.b.b Secretaria de Assistência Social de Joinville

Objetivando desenvolver e executar serviços, programas e projetos de geração de trabalho e renda que proporcionem o desenvolvimento econômico e social das famílias em situação de vulnerabilidade social do município, a Prefeitura da cidade dispõe do Serviço de Incentivo às Organizações Produtivas – **SIOP**²⁵ –, vinculado à Secretaria de Assistência Social (SAS) de Joinville.

O público-alvo, em geral, são mulheres a partir de 16 anos, em situação de extrema pobreza, com baixa escolaridade, cadastradas ou em processo de cadastramento no Cadastro Único de Assistência Social (CadÚnico).

São oferecidos cursos e oficinas de artesanato, costura e alimentos. Apoiando-se igualmente, a criação e o desenvolvimento de organizações produtivas, embasadas nos princípios da economia solidária. O SIOP funciona diariamente na rua Abdon Batista, 342, no Centro Público de Atendimento aos Trabalhadores (CEPAT), em Joinville.

Os projetos de geração de renda, desenvolvidos pela UNIVILLE em parceria com a SAS promovem, além da aprendizagem de conteúdos específicos, o desenvolvimento pessoal e a responsabilidade socioambiental e ética. As ações desses projetos, ao contribuírem com o aprimoramento profissional e consequente evolução das condições de vida familiar e local, investem na constituição de um futuro melhor aos menos favorecidos socialmente.

Neste primeiro capítulo foram apresentados os agentes produtores, integrantes dos projetos 'SempreViva', 'Vida em Flor' e 'AmaViva'. Em seguida, apontaram-se os financiadores, inicialmente discorrendo-se acerca da trajetória da Univille e, posteriormente, evidenciando-se a importância da Extensão Universitária, como elo de comunicação com a comunidade joinvilense. Por fim, discorreu-se acerca da parceria com a Secretaria de Assistência Social, que executa serviços, programas e projetos de geração de renda de famílias em situação de vulnerabilidade social do município.

²⁵ SIOP, *web*, 2014.

Considerando os agentes produtos e os financiadores, o segundo capítulo, apresentado a seguir, adentrará em conceitos e definições de termos como: artesanato, moda, cultura e identidade. Contextualizará o campo da Moda em Santa Catarina, abordando limites e hibridismo e destacará o caráter multicultural do Estado. Ainda, este próximo capítulo, analisará a produção cultural local, considerando o mercado e a economia local.

2 CONSIDERANDO OS SISTEMAS SIMBÓLICOS

Entendendo que os artefatos artesanais desvinculados dos aspectos históricos e sociais não identificam culturalmente seus produtores, faz-se necessário conceituar alguns termos relevantes para esta investigação. Assim, o presente capítulo investe em conceituações e definições dos termos artesanato, moda e identidade cultural, analisados por meio de uma perspectiva sociológica. Por esse viés, o capítulo aborda limites e hibridismos entre moda e artesanato e destaca o caráter multicultural da localização histórico-geográfica em que a presente pesquisa é desenvolvida.

De acordo com Bourdieu, a ciência deve aplicar aos campos de estudo o princípio da teoria do conhecimento antropológico, segundo o qual os sistemas simbólicos que um grupo produz e reproduz no âmbito de um tipo determinado de relações sociais adquirem seu verdadeiro sentido quando referidos às relações de força que os tornam possíveis e socialmente necessários.²⁶ Seguindo essa diretriz, é preciso evidenciar que os gostos (legitimados ou institucionalizados como tal) e as preferências estilísticas pelos artefatos produzidos e comercializados, em Joinville e em Santa Catarina, não são apenas um reflexo da estrutura social, como também um meio de afirmação e de adequação a uma vinculação social.²⁷

2.a Artesanato, moda e identidade

Historicamente, quando máquinas substituíram mãos e ferramentas – como é o caso dos teares mecânicos –, ocorreram transformações na estrutura da civilização ocidental. Conforme discorrem Kebrussly e Imbroisi²⁸, a função do artesanato começou a modificar-se, aproximando-se daquela que possui nos dias atuais: passando de um único meio de fabricação para uma forma alternativa de produção. Gradativamente, o artesão perdeu sua primazia e meio de sustento,

²⁶ BOURDIEU, 2007. p. 176.

²⁷ CIPINIUK, 2014. p. 83.

²⁸ KEBRUSSLY; IMBROISI. 2011. p. 11 - Sobre a Revolução Industrial, que teve início no setor têxtil na Inglaterra.

surgindo novas profissões e empregos, como operário e designer industrial, consequência da ruptura entre criação e produção, disseminada pela modernidade²⁹.

Nessa fase, o artesanato entrou num processo lento de decadência e marginalização social e econômica, sobrevivendo como alternativa de consumo para as populações periféricas, afastadas ou de menor poder aquisitivo, impossibilitadas economicamente de acesso aos bens e serviços produzidos pela indústria³⁰. Os artesãos revoltaram-se contra a nova situação produtiva e econômica, organizando-se em associações com regras de convivência e comercialização³¹. Assim, ao longo da história, a valorização do artesanato esteve em foco de produtores e teóricos, em épocas diversas e de diferentes maneiras, liderados por intelectuais e artistas que eram contrários à produção em série de objetos que “consideravam mal acabados e de mau gosto e favoráveis ao resgate e à preservação de técnicas artesanais, valorizando a habilidade dos artesãos e estabelecendo parcerias produtivas”³².

De acordo com Wolff³³, o trabalho artístico, e outros trabalhos práticos, são atividades semelhantes e que em longo prazo foram afetados pelo modo capitalista de produção e por suas relações sociais e econômicas. Assim, por motivos históricos, o trabalho artístico passou a ser visto como diferente, como “realmente criativo”; na medida em que o trabalho em geral perdeu seu caráter de trabalho livre e criativo, os artistas perderam sua posição integrada na sociedade, passando a ser marginalizados e isolados.

Apesar dessa relação – promovida pelo modo de produção industrial, em meio ao paradigma moderno – entre trabalhos práticos (como o artesanato) e “criatividade”, como apontou Wolff, é importante destacar que em outros momentos da história ocidental, conforme esclarece Sennett³⁴, a atividade prática foi menosprezada das ocupações, ditas, mais elevadas. A habilidade técnica foi desvinculada da imaginação.

²⁹ KEBRUSSLY; IMBROISI. 2011, p. 15.

³⁰ NETO, Eduardo Barroso, *web*, 2013. p. 7.

³¹ KEBRUSSLY; IMBROISI, 2011.

³² KEBRUSSLY; IMBROISI, 2011. p. 12.

³³ WOLFF, 1982. p. 31.

³⁴ SENNETT, 2009. p. 31.

Contemporaneamente, entretanto, pode-se dizer que o sentimento de nostalgia encontra, no artesanato, a lembrança de momentos vividos associada a um desejo de regresso, impulsionado por lembranças e antigas relações sociais. A noção que se tem no momento atual (já que as práticas artesanais das sociedades, que antes eram essenciais, foram substituídas quase que totalmente pelas industriais) é a de que quem produz, distribui ou compra produtos artesanais promove uma tradição de tempos antigos. Considerando-se que existem registros das ações de fiar e tecer em pinturas egípcias, que datam de 1800 anos antes de Cristo, poder-se-ia dizer, por esse princípio, que todos os artesãos que trabalham com fios e fibras estão participando, de certa forma, da mesma história. Seja o mestre do trançado que faz o balaio, a avó que tricota um sapatinho de lã para o recém-nascido, a rendeira que vê seu trabalho dando um toque diferente no vestido da *top model* ou a moça que dá seus primeiros passos num tear artesanal³⁵.

Outra questão relevante quando se intenta definir uma noção contemporânea de artesanato diz respeito ao sistema econômico no qual essa produção se insere. Na produção industrial, quanto menor a escala de produção, tendendo às peças únicas ou exclusivas, seu valor nominal econômico tende a ser maior e eleva-se quanto maior for seu valor cultural³⁶. Configura-se um mercado de bens simbólicos, inserido num sistema de relações de produção, circulação e consumo de bens alegóricos.

O desenvolvimento do sistema de produção de bens simbólicos [...] é paralelo a um processo de diferenciação cujo princípio reside na diversidade dos públicos aos quais as diferentes categorias de produtores destinam seus produtos, e cujas condições de possibilidade residem na própria natureza dos bens simbólicos. Estes constituem realidades com dupla face – mercadorias e significações –, cujo valor propriamente cultural e cujo valor mercantil subsistem relativamente independentes, mesmo nos casos em que a sanção econômica reafirma a consagração cultural³⁷.

Esse mercado de bens simbólicos tem investido no chamado artesanato de referência cultural. Para Neto³⁸, o artesanato de referência cultural vem se apresentando como resultado de uma intervenção planejada de artistas e/ou designers, em parceria com artesãos, objetivando diversificar os produtos, porém

³⁵ SENAC.DN, Fios e Fibras, 2002. p. 7.

³⁶ SEBRAE, 2004, p. 28 e 29.

³⁷ BOURDIEU, Pierre. 2011, p. 102 e 103.

³⁸ NETO, web, 2013.

preservando-se seus traços culturais mais representativos. De acordo com o mencionado autor, esses produtos, em geral, possuem forte personalidade formal, organizados em coleções ou famílias, atendendo a demandas identificadas de mercado. Os produtos, conforme o entendimento do referido autor³⁹, são portadores de uma história singular, autêntica e que, ao ser contada, se torna de maior valor simbólico em comparação aos produtos industrializados, pensados desde o início para o consumo frívolo ou de luxo. Pelo entendimento de Neto⁴⁰, na sua forma final, nas cores utilizadas, nos elementos gráficos e visuais que os distinguem, “nada é gratuito e desprovido de significados, constituem-se, em sua maioria, de exemplos de intervenções bem-sucedidas, geradoras de trabalho e renda, impulsionadas pela produção local comprometida com sua cultura e origens”. Todavia entenda-se que Neto⁴¹ está fazendo referência a uma parcela dos consumidores que se identifica com a noção de que os valores culturais são permanentes ou invariáveis. Sendo assim, ressalta-se que todos os artefatos são simbólicos, todos eles possuem cultura, os tradicionais e os industriais; aqueles “parecem ser” mais significativos em termos culturais, daí considerar-se que possuem maior “valor agregado”. Do ponto de vista prático, poderiam justificar as suas permanências e os preços cobrados, haja vista suas aproximações com supostas essências universais e invariáveis da cultura.

Pensando-se em produção artesanal, enquanto mercado de bens simbólicos, podem-se mencionar as estratégias de apoio e promoção dos produtos artesanais realizadas pelo Sebrae⁴². Para esse órgão, a utilização dos critérios “valor cultural” e “volume de produção” permite uma avaliação para diferenciar os distintos tipos de produtos, contribuindo para perceber que para cada grupo deverá ser definida uma estratégia de apoio e promoção diferenciada:

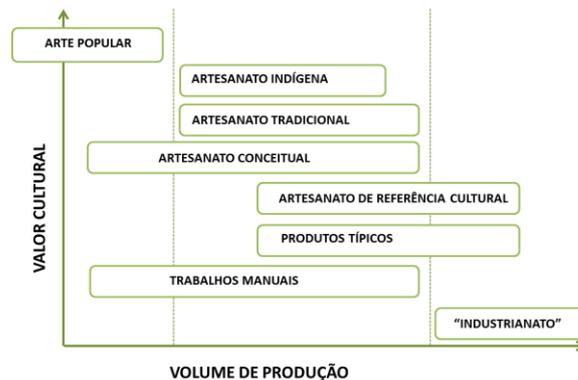
³⁹ NETO, *web*, 2013, p. 29.

⁴⁰ *Id. Ibid.*

⁴¹ NETO, *web*, 2013, p. 29.

⁴² SEBRAE, 2004. p. 28 e 29.

Gráfico 1 – Critérios para avaliação de tipos de produtos.



Fonte: SEBRAE, 2004, p. 29.

É necessário indagar acerca do Design e, mais especificamente, do Design de Moda nas questões de identidade e mercado do artesanato. Aparo e Soares⁴³ escrevem que o design, como atividade projetual, deverá valorizar o contexto produtivo artesanal, formando as bases estratégicas e metodológicas para que opere no âmbito do mercado contemporâneo, por meio de interpretação cuidadosa e eficaz da realidade produtiva analisada. Para os mencionados teóricos, essa operação deverá ser desenvolvida tendo a consciência das vertentes que caracterizam o artesanato de forma a torna-se numa mais valia para os próprios produtos⁴⁴.

Salvador⁴⁵ entende que:

Os artesãos são herdeiros de técnicas e conhecedores dos recursos naturais existentes em suas regiões com isso é preservada a identidade cultural do artesanato valorizando as tradições regionais, a habilidade dos artesãos e as relações existentes nos grupos. Seus objetos traduzem seus valores e visão de mundo e, desse modo, criam e reinventam uma das formas mais singulares de representação da identidade cultural⁴⁶.

Conforme Salvador⁴⁷, para o desenvolvimento dos produtos artesanais, de referência cultural, deve-se valer de elementos do lugar de origem, seja pelo uso de elementos simbólicos que façam menção às origens de seus produtores ou de seus antepassados ou pelo uso dos materiais empregados. Segundo o referido autor, a identidade cultural é caracterizada por costumes, ritos, mitos, cores que remetem à

⁴³ APARO; SOARES. 2007. p. 101.

⁴⁴ *Id. Ibid.*

⁴⁵ SALVADOR, 2011.

⁴⁶ *Id. Ibid.* p. 28.

⁴⁷ *Id. Ibid.* p. 29.

paisagem local, pelas imagens prediletas, pela fauna e flora, pelos tipos humanos retratados e seus costumes mais singulares, que contribuem para distinguir um determinado grupo social dos demais. Destacando-se, também, o uso de matérias-primas disponíveis na região e de técnicas de produção que foram passadas de geração em geração. São atributos valorizados por tal mercado.

Para Cipiniuk⁴⁸, faz-se necessário definir claramente o tipo de cultura que acarreta o artesanato e, sobretudo, não deixar de considerar que o povo que o produz participa do sistema integrado de comunicação dos mesmos valores, ouvem rádio e assistem televisão e, o mais importante, em sua maioria residem nas periferias e, mesmo morando longe, nas áreas antes denominadas rurais, têm íntimo contato com centros urbanos, ou seja, estão dentro do sistema capitalista. No entender de Cipiniuk, o artesanato deve ser pensado juntamente com outro tipo de produção do mesmo sistema de produção, e não algo contrário a ele⁴⁹. O diálogo entre design e artesanato passa pelo respeito a um tipo de cultura desprezada; trata-se de integrar as classes sociais e as suas diferentes culturas a um sistema que as separa⁵⁰.

Nos dias de hoje, em todo Brasil, é comum encontrar artefatos de mesma estirpe, fabricados a partir de modos similares de produção e com características estético-formais plagiadas de lugares-comuns. No intuito de “resgatar” a história, a memória, a identidade local, e tudo isso possivelmente com foco mercadológico (o que também não se pode condenar, afinal, em meio ao sistema capitalista, o artesão está em dependência da comercialização de seu produto), ocorrem práticas que procuram valorizar o artesanato por meio da intervenção do design. No entanto, como bem destaca Cipiniuk⁵¹, a relação entre design e artesanato carece de respeito a um tipo de cultura desfavorecida, e é necessário integrar as diferentes culturas dentro de um sistema que as separa.

⁴⁸ CIPINIUK. Design e artesanato: aproximações, métodos e justificativas. Artigo apresentado no 7º P&D, 2006.

⁴⁹ *Id. Ibid.*

⁵⁰ *Id. Ibid.*

⁵¹ *Id. Ibid.*

2.b Identidade/hibridismo cultural

Conforme documento elaborado pelo SEBRAE⁵², desenvolver produtos artesanais de referência cultural significa valer-se de elementos que reportem o produto ao seu lugar de origem, como a utilização de certos materiais, insumos ou técnicas de produção típicas da região ou uso de elementos simbólicos que façam menção às origens de seus produtores ou de seus antepassados.

Ainda de acordo com dados do SEBRAE⁵³, a utilização de cores de paisagem, imagens prediletas, fauna e flora, retratando os tipos humanos e seus costumes mais singulares, mediante matérias-primas disponíveis na região e técnicas passadas de geração em geração, pode conferir identidade à produção cultural local. De acordo com a mesma fonte, em geral, esse tipo de produção é resultante de uma intervenção planejada de artistas e designers em parceria com os artesãos, com o objetivo de diversificar os produtos, porém preservando seus traços culturais mais representativos.

A possibilidade de projetar pequenas séries diferenciadas para produção em ambientes tradicionais, de acordo com Castro⁵⁴, viabiliza uma forma de design que interpreta a cultura contemporânea e local, partindo do contexto produtivo artesanal para dotá-lo de estratégia e método, podendo o artesanato tornar-se competitivo e contribuindo para a busca do desenvolvimento sustentável.

Consonante aos escritos de Castro e do SEBRAE, compreende-se, nesta pesquisa, que é necessário, quando se almeja uma produção cultural híbrida, envolvendo design e artesanato, considerar o contexto em meio ao qual as práticas são desenvolvidas. E, indo adiante, entende-se que tem de se levar em conta que a cultura local é constituída pelo empréstimo cultural de outras culturas⁵⁵. Nesse ponto, entra-se também em concordância com Canclini⁵⁶, em sua afirmação de que hoje todas as culturas são de fronteira.

⁵² SEBRAE. 2004, p. 18.

⁵³ SEBRAE. 2004, p. 23.

⁵⁴ CASTRO. 2009.

⁵⁵ SAID, Edward. *in* BURKE, Peter. Hibridismo cultural. 2003, p.13.

⁵⁶ CANCLINI, Nestor G. *in* BURKE, Peter. Hibridismo cultural. 2003, p.13.

Entretanto é relevante um posicionamento teórico no tocante ao entendimento do fenômeno (por alguns teóricos denominado hibridismo cultural – atacado por uns e defendido por outros – e por outros chamado com outros termos), evidenciando que, no encaixe dos escritos de Burke⁵⁷, entendemos que as formas híbridas de hoje não são necessariamente um estágio no caminho para uma cultura global homogênea ou para uma desintegração cultural. Para Burke, a análise mais convincente de nossa cultura é aquela que vê uma nova ordem, surgindo uma formação de novos ecotipos, a cristalização de novas formas, a reconfiguração de culturas, a “crioulização do mundo”⁵⁸. Buscando-se uma resposta sociológica ao problema, apresentado nesta investigação, entende-se que seja fundamental confrontar as teorias com a prática dos grupos de geração de renda.

No caso de Joinville/SC, o hibridismo cultural é facilmente percebido, já que a cidade se constitui, em grande parte, por pessoas provenientes de outras localidades. Esse fator é intensificado pela característica industrial e universitária da cidade, que atrai trabalhadores de diferentes Estados do Brasil (dados que serão apresentados mais à frente, em subcapítulo que aborda o Estado e o Município). A própria constituição dos grupos que integram os projetos de geração de renda da UNIVILLE evidencia o caráter multicultural. Observa-se a necessidade de considerar tal hibridação na definição da identidade cultural do grupo de artesãos dos projetos. Dessa forma, a intenção não é cristalizar uma cultura formulada no passado, nem tampouco entendê-la como uma fragmentação, num fenômeno mundial, mas sim observar o momento histórico, considerar as necessidades socioambientais, absorver os conhecimentos do passado cultural e estabelecer uma relação social recíproca entre os saberes compostos pela tradição das artesãos e os saberes atuais de ferramentas e métodos do Design.

Em meio a esse arcabouço de ideias, vale reforçar a perspectiva desta investigação: entende-se que as culturas não permanecem puras; nem tampouco é possível separar taxativamente o Design do artesanato. Se continua havendo artesanato, ainda que seja reformulado pelas indústrias culturais, é porque ainda funciona como núcleo simbólico para expressar formas de produção e

⁵⁷ BURKE, Peter. Hibridismo cultural. 2003, p.116.

⁵⁸ *Id. Ibid.*

representação⁵⁹. Da mesma forma, impossível negar a intercessão entre os métodos do Design e as práticas artesanais. Compreende-se que, como aponta Canclini, é possível construir uma nova perspectiva de análise do tradicional-popular levando em conta suas interações com a cultura de elite e com as indústrias culturais.⁶⁰

2.c Moda e sociedade

Transformar um tecido em uma roupa é um exercício antigo e percebido como uma prática comum, tal como fabricar mesas ou artefatos de ferro. Porém transformar uma matéria têxtil em um objeto que envolve, protege, adorna e, até mesmo, altera a forma de um corpo, interferindo, muitas vezes, nas relações pessoais e sociais e nas representações socioculturais, é um processo que envolve muitos outros saberes, saindo do fazer prático e empírico, para fazê-lo pensado e estruturado.⁶¹

Vinda do latim “*modus*”, que significa “modo” ou “maneira”⁶², a moda é um fenômeno sociocultural que move a economia global e que cresce a cada ano. Hoje, reconhecida internacionalmente, a moda brasileira consagra-se como grande negócio, movimentando cerca de R\$ 60 bilhões de dólares por ano no Brasil⁶³. De acordo com a Associação Brasileira das Indústrias Têxteis e de Vestuário (ABIT), o país é o 6.º maior parque têxtil do mundo, o 2.º principal fornecedor mundial de índigo, o 3.º de malha e um dos cinco maiores produtores de confecção, gerando cerca de 1,65 milhão de empregos. As empresas de pequeno e médio porte representam quase 70% da produção, estando concentradas na região sul e sudeste, reunindo por volta de 86% da produção nacional⁶⁴.

O termo Design, em linhas gerais, refere-se à atuação de um profissional em um projeto, desde a concepção de um novo artefato, passando pelo desenvolvimento e circulação. O Design de Moda, especificamente, vem desempenhado, entre outros, o seguinte papel social: projeta artefatos que

⁵⁹ CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas. 2013, p. 364.

⁶⁰ CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas. 2013, p. 214-215.

⁶¹ Modelagem. 2009. p. 14.

⁶² Corte, Costura & Modelagem. 2012, p. 119.

⁶³ *Id. Ibid.* p. 123.

⁶⁴ Modelagem. 2009. p. 21-24.

promovem distinção aos seus usuários⁶⁵. Os artefatos projetados, desenvolvidos e distribuídos contribuem, em boa parte, com a definição não daquilo que seu usuário é, mas daquilo que ele gostaria de ser.⁶⁶

MacCracken⁶⁷ observa que o “vestuário revela tanto os temas quanto as relações formais que servem a uma cultura, enquanto idéias norteadoras e bases reais ou imaginárias, de acordo com as quais suas categorias são organizadas”. Enfatiza que o vestuário é uma fonte valiosa de evidência para o estudo de princípios culturais⁶⁸. Desse modo, o uso do vestuário, para representar categorias, princípios e processos culturais, mostra-se uma empresa amplamente coletiva, na qual o indivíduo, enquanto comunicador, desempenha um papel relativamente passivo.⁶⁹ Nesses termos, o vestuário funciona como um mecanismo comunicativo por meio do qual, de acordo com o mencionado autor, a mudança social é contemplada, proposta, iniciada, reforçada e negada.⁷⁰

Para Gomes Filho⁷¹, a imagem simbólica do produto é constituída pela incorporação do estilo de vida e por certos valores culturais de pessoas e grupos sociais, conectando-se também a determinadas características sensíveis e emocionais do usuário-consumidor. Os usuários, “independentemente de sexo ou idade, possuem uma autoimagem fundamentada em valores pessoais, sociais e culturais que faz com que eles procurem se cercar de objetos que reflitam esta autoimagem”.⁷²

Bourdieu⁷³ considera que certas maneiras de tratar as roupas e os enfeites, aqui transpostos para a terminologia Design de Moda, exprimem, de forma simbólica, fatores de distinção, no meio social. De acordo com Bourdieu, entre todos os tipos de consumo e de conduta passíveis de abrigar uma função expressiva, quer se trate da compra de um automóvel, da decoração de um apartamento ou da escolha de uma escola para os filhos, são as roupas e os enfeites (em virtude de

⁶⁵ BOURDIEU, 2011. p. 18.

⁶⁶ *Id. Ibid*

⁶⁷ MACCRACKEN, 2003. p. 85.

⁶⁸ *Id. Ibid.* p. 86.

⁶⁹ *Id. Ibid.* p. 87.

⁷⁰ *Id. Ibid.* p. 88.

⁷¹ GOMES FILHO, 2006.

⁷² *Id. Ibid.* p. 108.

⁷³ BOURDIEU, 2011. p. 18.

seu elevado rendimento simbólico) que, ao lado, da linguagem e da cultura, melhor realizam a função de socialização e dissociação.⁷⁴

Nos fundamentos da sociologia das formas simbólicas, Bourdieu⁷⁵ destacava que o poder simbólico se manifesta por meio de sistemas simbólicos, sendo estruturas estruturantes como a arte, a religião e a língua. O autor⁷⁶ afirmava que os símbolos, coordenados pelos sistemas simbólicos, têm como função preponderante a integração social, conferindo sentido ao mundo social e possibilitando o *consensus* a respeito da ordem estabelecida. Assinalava, portanto, que os sistemas simbólicos cumpriam uma função política, na qual o poder simbólico emergia como um poder capaz de impor significações, e a impunham como legítimas, contribuindo com a dominação vigente.

O poder simbólico, conforme Bourdieu⁷⁷, imperceptível e invisível, é uma forma transfigurada e legitimada das outras formas de poder. E o que torna possível tal poder é a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem, conclui o autor. Para o mencionado autor, a conversão do capital econômico em capital simbólico, mediante o desperdício de energia social que é a condição da permanência da dominação, só pode ter sucesso com a cumplicidade de todo o grupo. No entender do teórico, o trabalho de denegação que está na origem da alquimia social é, como a magia, um empreendimento coletivo.⁷⁸

De acordo com Bourdieu⁷⁹, tudo se passa como se os sistemas simbólicos estivessem destinados pela lógica de seu funcionamento enquanto estrutura de homologias e de oposições, ou melhor, de desvios diferenciais, a preencher uma função social de socialização e dissociação ou, então, a exprimir os desvios diferenciais que definem a estrutura de uma sociedade, enquanto sistema de significações, arrancando os elementos constitutivos dessa estrutura, grupos ou indivíduos, da insignificância.

De fato, as classes sociais mais desfavorecidas do ponto de vista econômico não intervêm jamais no jogo da divulgação e da distinção, forma por excelência do jogo propriamente cultural que se organiza objetivamente

⁷⁴ *Id. Ibid.*

⁷⁵ BOURDIEU, 2002. p. 8.

⁷⁶ *Id. Ibid.* p. 10 - 15.

⁷⁷ BOURDIEU, 2002. p. 10 - 15.

⁷⁸ BOURDIEU, 2006.

⁷⁹ BOURDIEU, 2011. p. 17 - 20.

em relação a elas, a não ser a título de refugio, ou melhor, de natureza. O jogo das distinções simbólicas se realiza, portanto, no interior dos limites estreitos definidos pelas coerções econômicas e, por este motivo, permanece um jogo de privilegiados das sociedades privilegiadas, que podem se dar ao luxo de dissimular as oposições de fato, isto é, de força, sob as oposições de sentido.⁸⁰

Na teoria dos campos, Bourdieu⁸¹ busca:

[...] encontrar aspectos gerais presentes nos mais variados campos que permitem ligá-los e contextualizá-los e procura ainda conhecer a origem dos atos e das vontades individuais, que para além do espontaneísmo individualista possuem determinações próprias do campo em que são geradas. Há, portanto, uma relação de mão dupla entre as estruturas objetivas (campo) e as estruturas subjetivas (*habitus*).⁸²

Assim, o termo *habitus*, adotado por Bourdieu⁸³ para estabelecer a diferença entre conceitos correntes como hábito, costume, praxe, tradição, situa-se entre a estruturação e a ação. “Denota o sistema de disposições duráveis e transferíveis, que funciona como princípio gerador e organizador de práticas e de representações, associado a uma classe particular de condição de existência”⁸⁴.

Gera uma lógica, uma racionalidade prática, irreduzível à razão teórica. É adquirido mediante a inter-ação social e, ao mesmo tempo, é o classificador e o organizador desta interação. É condicionante e é condicionador das nossas ações [...] O *habitus* constitui a nossa maneira de perceber, julgar e valorizar o mundo e conforma a nossa forma de agir, corporal e materialmente.⁸⁵

Ele funciona como um esquema de ação, percepção e reflexão. “Presente no corpo (gestos, posturas) e na mente (formas de ver, de classificar) da coletividade inscrita em um campo, automatiza as escolhas e as ações em um campo dado, ‘economiza’ o cálculo e a reflexão”.⁸⁶ Trata-se do produto da experiência biográfica individual, da experiência histórica coletiva e da interação entre essas experiências. E contém as potencialidades objetivas, associadas à trajetória da existência social dos indivíduos, que tendem a se atualizar, ou seja, são reversíveis e podem ser aprendidas.⁸⁷

⁸⁰ BOURDIEU, 2011, p. 24.

⁸¹ SCARTEZINI. Artigo acerca da reflexão a respeito da metodologia de pesquisa utilizada e divulgada por Pierre Bourdieu. s.d. p. 36.

⁸² *Id. Ibid.*

⁸³ THIRY-CHERQUES. Artigo do professor da FGV que discute o sistema de conceitos que Bourdieu utiliza. 2006, p. 33.

⁸⁴ *Id. Ibid.*

⁸⁵ *Id. Ibid.*

⁸⁶ THIRY-CHERQUES, 2006, p. 34.

⁸⁷ *Id. Ibid.*

Para Bourdieu (*apud* MORGENSTERN⁸⁸), as práticas sociais organizam-se objetivamente, sem terem sido claramente concebidas e postas com relação a tal fim, de modo que essas práticas colaboram para a reprodução do capital possuído.

As ações têm por princípio o *habitus*, que tende a reproduzir as condições de sua própria produção, gerando, nos domínios mais diferentes da prática, as estratégias objetivamente coerentes e as características sistemáticas de um modo de reprodução.⁸⁹

Considerando “que as preferências estão associadas às condições reais de existência, o *habitus* é o que faz um agente ser detentor de um gosto”.⁹⁰

É interessante considerar o Design de Moda com base nas noções de campo e *habitus* de Bourdieu. De fator isolado, o Design de Moda passa a ser compreendido a partir de sua relação com os agentes produtores e consumidores. Estes são contemplados pela consideração do gosto vigente, moldado pelo *habitus* instituído socialmente. Reiterando os posicionamentos dos teóricos antes citados⁹¹, entende-se, nesta investigação, que o Design de Moda atua na sociedade como fator de distinção, por meio do valor simbólico atribuído aos artefatos, aos designers ou às marcas que representa.

2.d Design de Moda, artesanato e territorialidade

As iniciativas de projetos e programas para o desenvolvimento do território, ao que se espera, contribuem para a melhoria da autoestima do artesão, valorizando o seu trabalho e tendo, como pano de fundo, o sentido de pertencimento ao local onde vive.

A produção de base artesanal, por não exigir lugares fixos para sua concretização, dá impulso a um estilo de desenvolvimento territorial lastreado na mobilidade dos atores e equipamentos, contribuindo para que a sociedade passe a ser a promotora do seu próprio desenvolvimento, com uma atuação sistêmica e

⁸⁸ MORGENSTERN, 2011. Sobre Noções fundamentais extraídas da teoria de Bourdieu. p. 17.

⁸⁹ *Id. Ibid.*

⁹⁰ *Id. Ibid.*

⁹¹ SCARTEZINI, *s.d.*; THIRY-CHERQUES, 2006; MORGENSTERN, 2011. Sobre a metodologia de pesquisa utilizada por Pierre Bourdieu.

direcionada para a conquista de progresso socioeconômico e a preservação ambiental.⁹²

Krucken⁹³ entende que a abordagem do design aplicada ao território visa beneficiar simultaneamente produtores e consumidores localizados em uma determinada região geográfica: significa planejar ações que valorizem conjuntamente o capital territorial e o capital social, em uma perspectiva duradoura e sustentável em longo prazo. Muitas oportunidades podem surgir ao voltar-se o foco de análise para o território, segundo a autora: de um produtor para um grupo de produtores; de uma empresa para um conjunto de empresas; das competências e dos recursos isolados para as possibilidades de sinergia entre os atores locais:

O estreitamento de relações com instituições de ensino, de pesquisa e de suporte ao empreendedorismo é fundamental para promover o desenvolvimento do território. Essas relações estimulam a interação de profissionais de diversas áreas de conhecimento na busca conjunta por soluções inovadoras, fortalecendo a visão de sistema.⁹⁴

Das ações para valorizar os artefatos locais, de acordo com Krucken⁹⁵, não existe uma receita única para elaborar projetos de valorização comercial ou de troca de produtos locais. Mas podem-se enumerar oito ações essenciais para promover os produtos e territórios, favorecendo uma relação transparente e duradoura de produtores e consumidores, **reconhecendo** as qualidades do produto e do território; **ativando** as competências situadas no território; **comunicando** o produto e o território; **protegendo** a identidade local e o patrimônio material e imaterial; **apoiando** a produção local; **promovendo** sistemas de produção e de consumo sustentáveis; **desenvolvendo** novos produtos e serviços que respeitem a vocação e valorizem o território e **consolidando** redes no território.

A autora⁹⁶ reforça a importância de contar com profissionais capacitados e competentes para perceber os elementos do território presentes nos produtos e nos modos de fazer e planejar formas de estimular favoravelmente as relações que se constituem em torno da produção e do consumo. Para Krucken⁹⁷, desenvolver e

⁹² MARINHO, s.d. Dra. e gerente Área de Desenvolvimento da Economia Criativa do SEBRAE/RJ. p. 14.

⁹³ KRUCKEN, 2009. p. 49.

⁹⁴ *Id. Ibid.* p. 52.

⁹⁵ *Id. Ibid.* p. 98.

⁹⁶ KRUCKEN, 2009. p. 107.

⁹⁷ *Id. Ibid.*

promover “produtos e serviços com fortes associações simbólicas e emocionais, que portem nossas raízes culturais, é um grande desafio. A nosso favor, contamos com a grande riqueza de recursos e de pluralidades culturais do Brasil”.⁹⁸

No tocante ao Design de Moda, Fletcher⁹⁹ ressalta a importância em fazer com que as prioridades locais sejam relevantes, com vistas a promover o desenvolvimento sustentável num processo potencialmente transformador, para fomentar a solidez econômica e, ao mesmo tempo, a diversidade cultural e estética. Porém, alerta a autora, o encanto da globalização corrói, em vez de construir a variedade cultural da moda, e o desenho de roupas tende a refletir a estética ocidental, independentemente da estética do lugar em que são fabricadas ou vendidas. Os designers de moda são cúmplices nisso, por muitas vezes nos inspiramos em uma região e copiamos para onde se pode produzir a menor custo¹⁰⁰. Com isso, reduz-se o elemento cultural a mero ornamento superficial, diminuem-se a viabilidade e as tradições locais e acelera-se a padronização de mercados e produtos¹⁰¹. Diante disso, a autora enfatiza a importância de desenhar com sensibilidade para com o local em que os produtos são fabricados ou consumidos, Os designers precisam navegar em uma zona intermediária entre o comércio e a cultura, requerer a construção dos conhecimentos acerca das tradições, mitologias e simbolismos locais e entender o significado das cores e dos ornamentos na perspectiva local e histórica, apoiando-se em materiais regionais disponíveis e em habilidades de moradores locais.¹⁰²

Compreende-se que indivíduos de culturas distintas são identificados por uma série de características – hábitos de alimentação, comportamentos, vestuário, entre outros – que se manifestam em meio a contornos que possibilitam a descrição de traços fundamentais. Todavia, como as sociedades são dinâmicas e se relacionam umas com as outras, influenciam-se mutuamente, configurando o fenômeno de difusão, vinculado à tradição – uma territorialidade¹⁰³.

Pode-se considerar que esta tipicidade única, assim como a originalidade criativa representa um bem imaterial, que é propriedade coletiva inseparável

⁹⁸ *Id. Ibid.*

⁹⁹ FLETCHER, 2011. p. 108.

¹⁰⁰ *Id. Ibid.*

¹⁰¹ *Id. Ibid.*

¹⁰² FLETCHER, 2011, p. 109.

¹⁰³ ONO, 2006. p. 16.

do território de produção, do qual os produtores são usuários. Este direito de uso é comparável ao direito de exploração de uma patente, em que o direito de uso é exclusivo dos produtores do respectivo território, enquanto permanecerem os fatores técnicos naturais e humanos que lhe deram origem.¹⁰⁴

Nesse contexto, o artesanato brasileiro merece cuidado, preservação, atenção e valorização. Suas questões vão além da moda e dizem respeito à sobrevivência e ao desenvolvimento sustentável de comunidades que podem obter dele a renda e a cidadania plena.¹⁰⁵

A história do artesanato têxtil brasileiro acompanha o perfil da formação de nossa cultura: conhecimentos indígenas se misturam àqueles trazidos pelos portugueses, recebendo contribuições africanas e de outros europeus. Esses diferenciais se destacam internacionalmente, o que torna essenciais o resgate e a valorização de técnicas tradicionais e sua renovação por meio de parcerias construtivas. Isso se deve, em grande parte, à parceria com o design e à orientação profissionalizante dos artesãos¹⁰⁶.

Figura 8: Peça confeccionada no tear pelo Projeto Mãos que Tecem (Casa Krüger), que resgata símbolos e cores de Joinville por meio da tecelagem.



Fonte: Guia Catarina (*web*, 2014).

A construção de parcerias, nos moldes desta argumentação, deverá definir estratégias entre designers e artesãos, quando se trata de colaboração para desenvolvimento de novos produtos caracterizados pela autenticidade e valor cultural/social/econômico, e não meramente simbólico. Bourdieu explana que, para compreender as interações objetivas e hierarquizadas entre os indivíduos, “é preciso observar, diacrônica e sincronicamente, as posições que os grupos sociais ocupam

¹⁰⁴ SEBRAE, *web*, 2013.

¹⁰⁵ AVELAR, 2011. p. 108.

¹⁰⁶ KEBRUSSLY; IMBROISI, 2011. p. 26.

segundo uma distribuição de recursos acumulados nos percursos de suas diferentes trajetórias de socialização”.¹⁰⁷

Ainda, no tocante a definições de parcerias e estratégias, de acordo com o texto do SEBRAE¹⁰⁸, somente quando o artesão passa a entender que não é apenas o seu fazer que conta, mas todo o ambiente em que se insere (Figura 9), pode-se vislumbrar a possibilidade de melhor aproveitamento dos recursos próprios desses territórios e ele passa a interagir com as demais pessoas e instituições da comunidade. E, assim, desse modo, compartilha seus saberes, o que favorece a ampliação de oportunidades para seus produtos e para a região.

Figura 9: Acessórios e revestimentos de couro de peixe marinho confeccionado pelo Projeto *Ichtus*, do município litorâneo de Itapoá/SC.



Fonte: Projeto *Ichtus* (web, 2013).

Bosi ressalta que a cultura popular pode atravessar a cultura de massa, “tomando seus elementos e transfigurando esse cotidiano em arte: ela pode assimilar novos significados em um fluxo contínuo e dialético”¹⁰⁹. E quando a arte “caminha a par com a vida, manifesta-se nos objetos de uso diário: cestos, tecidos e cerâmicas, sendo expressão do artista e do seu povo”.¹¹⁰

Canclini¹¹¹ esclarece que nas classes populares há certos usos refinados das destrezas manuais, para dar soluções técnicas apropriadas a seu estilo de vida e também para jogar imaginativamente com seus recursos.

Argumentando sobre o reconhecimento e a valorização do artesanato local brasileiro, Avelar¹¹² evidencia:

¹⁰⁷ SETTON, 2008, p. 126.

¹⁰⁸ SEBRAE, web, 2013.

¹⁰⁹ BOSI, 1973. p. 55.

¹¹⁰ *Id. Ibid.* p. 56.

¹¹¹ CANCLINI, 2012. p. 72.

¹¹² AVELAR, 2011. p. 109.

Constituem maneiras de garantir que esse tipo de criação não se perca com o passar do tempo. Mas essa atitude positiva reflete, também, uma preocupação com as graves questões sociais que já não podemos ignorar. A opção que nos parece a mais adequada consiste em reinserir a produção artesanal no mercado, para garantir a sobrevivência das pessoas e comunidades que a ela se dedicam. A recuperação econômica mais óbvia se dá, afinal, pela valorização, quando possível, de conhecimentos já consolidados. E aí que se destaca a cultura tradicional¹¹³.

Algumas atividades artesanais têm se mantido em determinadas comunidades, baseadas em técnicas rústicas na extração ou coleta de recursos naturais, cujo conhecimento, passado de geração em geração, garante a subsistência de muitas famílias. No entanto parte da produção artesanal brasileira vem se configurando em reprodução de técnicas e modos produtivos, muitas vezes sob orientação de profissionais do campo do design.

Outra questão problemática, aqui deflagrada, é a produção de artefatos assinados por ilustres figuras e executados por artesãos/produtores manuais experientes (anônimos) que empregam suas habilidades para desenvolvimento de projetos que não congregam sua cultura, nem partilham de honras ou remunerações adequadas.

Borges alerta que a aproximação entre designers e artesãos é um fenômeno importante pelo impacto social e econômico que gera no seu significado cultural. “Ela está mudando a feição do objeto artesanal brasileiro e ampliando em muito o seu alcance. Nessa troca, ambos os lados têm a ganhar”¹¹⁴. O designer passa a ter acesso a uma sabedoria empírica, popular, a qual não teria entrado por outras vias, além de obter um mercado de trabalho considerável. O artesão, por sua vez, tem ao menos a possibilidade de interlocução sobre a sua prática e de um intervalo no tempo para refletir sobre ela.¹¹⁵

De acordo com a mencionada autora¹¹⁶, têm ocorrido também muitas experiências ruins, muitos equívocos. Via de regra, de uma postura que vê designers ou estudantes de Design como superiores aos artesãos¹¹⁷. Assim, “os ‘outros’

¹¹³ *Id. Ibid.*

¹¹⁴ BORGES, 2011, p. 137.

¹¹⁵ *Id. Ibid.*

¹¹⁶ *Id. Ibid.*

¹¹⁷ *Id. Ibid.*

entram com sua habilidade, seu jeito com as mãos e, no máximo, com a familiaridade com as matérias-primas”¹¹⁸.

É muito fácil passar uma semana num lugarejo, com acesso a matérias-primas e tecnologias locais, e sair com uma coleção de objetos lindos. Também é relativamente fácil publicar belas fotos com esses objetos e com rostos das pessoas que participaram das oficinas em revistas especializadas ou mostrá-las em palestras nos congressos internacionais, sob o título de ‘responsabilidade social’ ou ‘ajuda humanitária’. O difícil é fazer com que esse trabalho tenha significado e relevância para a comunidade local e, assim, possa ser continuado.¹¹⁹

Nessa linha, a autora¹²⁰ indaga acerca do tipo de relação que deverá ser estabelecido entre designers, comunidades e gestores. Que tipo de interferência é favorável, como lidar com os repertórios de conhecimentos locais, como identificar as habilidades existentes e, por fim, como fazer um trabalho que ressoe fundo nos seus participantes.

Diante dessas indagações, o pressuposto básico da aproximação entre designers e artesãos deverá ser de respeito. O respeito, por sua vez, vem do conhecimento. O designer necessita se abrir para as virtudes do objeto, observá-lo com atenção, procurar compreendê-lo, perceber a riqueza e a criatividade encravada num trabalho artesanal.¹²¹

Assim, continua Borges, por melhores que sejam as qualidades técnicas e estéticas dos produtos gerados no encontro entre artesãos, designers e gestores, faz-se necessário incentivo adequado por parte do governo e das instituições da sociedade civil; distribuição e comercialização, que estão ligadas às noções de certificação e de comércio justo; promoção da produção artesanal, divulgação, marketing e chegada aos mercados em que seu valor será reconhecido.¹²²

Enfim, é necessário considerar sobre os parâmetros éticos observados no encontro entre designers, artesãos e gestores, compartilhando e desenvolvendo metodologias que levem a um diálogo real. “Esses parâmetros não podem ser construídos sobre o conceito de ‘caridade’ ou de ‘ajuda’ – que trazem dentro de si

¹¹⁸ *Id. Ibid.*, p. 137.

¹¹⁹ *Id. Ibid.*, p. 138.

¹²⁰ *Id. Ibid.*

¹²¹ BORGES, 2011, p. 147

¹²² *Id. Ibid.*, p. 159.

uma posição de superioridade e, portanto, de desprezo pelo 'outro' -, e sim sobre a ideia das trocas e aprendizagens mútuas".¹²³

O reconhecimento do artesanato local somente será possível com iniciativas de projetos que viabilizem ações que valorizem o desenvolvimento sustentável do território, com o aproveitamento racional dos recursos naturais e a justa valorização do artesão.

2.e Limites e hibridismos no campo da moda

Como referência fundamental acerca da temática, destaca-se o entendimento de Canclini¹²⁴ sobre noção de cultura híbrida. O autor observa que os fenômenos culturais folclóricos ou tradicionais são o produto multideterminado de agentes populares e hegemônicos, rurais e urbanos, locais, nacionais e transnacionais. Por extensão, de acordo com o referido teórico, é possível pensar que o popular é constituído por processos híbridos e complexos, usando como signos de identificação de elementos procedentes de diversas classes e nações.

Para Meirelles¹²⁵, os processos de hibridação são interseções que possibilitam a interculturalidade, ao atuar de forma democrática com as diferenças. Segundo a pesquisadora, alguns casos acontecem de forma não planejada, como resultado de fluxos migratórios, turísticos, intercâmbio econômico ou comunicacional, podendo surgir como resultado da criatividade individual e coletiva, como modo de reverter um bem material ou simbólico, de forma a reinseri-lo em uma nova situação quanto às condições de produção e de mercado.¹²⁶

A moda, ao pensar-se em possibilidades híbridas, apropria-se dos mais variados elementos culturais e sociais para criar tendências e lançar novos produtos no mercado. Logo, a moda também se apropria de elementos populares, como o

¹²³ BORGES, 2011, p. 155.

¹²⁴ CANCLINI, 2011, p. 220.

¹²⁵ MEIRELLES, 2011, p. 25.

¹²⁶ *Id. Ibid.*

artesanato, que pode estar presente de diversas formas, seja nos acessórios, na customização de peças, bordados e aplicações.¹²⁷

Um exemplo de tais práticas está no trabalho da estilista Isabela Capeto, que cria suas coleções buscando elementos visuais em museus e livros; cada peça é como uma obra de arte: feita à mão¹²⁸ (Figura 10). Suas peças, no geral, são bordadas, tingidas ou plissadas, com muitas aplicações de rendas antigas, paetês, tules ou passamanarias. O maior objetivo de Isabela, como gosta de repetir, “é fazer com que as mulheres se sintam lindas usando suas roupas românticas”.¹²⁹

Figura 10: Detalhes do vestido feitos à mão. Por Isabela Capeto no *Fashion Rio/Summer* 2011.



Fonte: ABEST, *web*, 2013.

Neste sentido, a consultora do SEBRAE¹³⁰ Cristiana Franco argumenta que o designer poderá apresentar ao artesão uma nova percepção estética sem deixar de lado as suas raízes culturais.

Esse tipo de trabalho possibilita, para a comunidade de artesãos, aumento de mercado e, conseqüentemente, mais geração de renda, melhores condições de vida, elevação da autoestima e orgulho da própria identidade [...]. a riqueza cultural do Brasil, a diversidade étnica, a grandiosa oferta de matérias-primas e a criatividade dos artesãos são ingredientes que se misturam na dose certa, contribuindo para uma receita de sucesso¹³¹.

Entende-se que aliar artesanato e design é uma maneira de estabelecer diálogo com o mercado consumidor, além de unir tradição e contemporaneidade: “O

¹²⁷ LINKE; VELHO. Revista Multidisciplinar da UNIESP, 2014.

¹²⁸ ABEST, *web* 2013.

¹²⁹ *Id. Ibid.*

¹³⁰ SEBRAE. 2008. p. 32.

¹³¹ SEBRAE. 2008. p. 47.

certo é que essa mistura resulta em importante diferencial competitivo – produtos com alto valor agregado, exclusivos e, melhor ainda, com mercado em expansão”.¹³² Conforme Simon, “uma roupa pode ter uma silhueta admirável e uma ótima linha, mas serão os detalhes que irão defini-la e diferenciá-la do trabalho de outros designers. Em geral, são os detalhes que garantem a venda”¹³³.

Na moda, quando observa-se a produção cultural contemporânea, tanto nos objetos quanto na maneira de produzi-los, é possível encontrar uma característica recorrente: a apropriação do passado. A prática de tomar estilos históricos do passado como referência parece ser evidente na arte e no design.¹³⁴ A memória é assim compreendida a partir de sua relação com o passado e a história. Ao se apropriar das referências da memória, cria-se um jogo temporal no qual o passado é trazido ao presente, estabelecendo um diálogo entre diferentes temporalidades na produção do design.¹³⁵

Em suma, o Design de Moda constitui-se a partir de elementos culturais e sociais. Nesses moldes, torna-se importante considerar as características territoriais, incluindo, nos projetos, as possibilidades técnicas tradicionais e os recursos naturais da região.

2.f Identidade cultural e responsabilidade socioambiental

São satisfatórias a consciência, por parte dos consumidores contemporâneos, e a aquisição de produtos ambientalmente amigáveis e de personalidade singular, encontrada em peças artesanais.

O comércio de moda encontra-se em um momento em que os valores e questionamentos dos consumidores têm revelado e procurado novos caminhos para o consumo de artefatos. A busca por uma vida saudável, com novos valores pessoais e comunitários, que priorizem a utilização consciente dos recursos naturais para a preservação do meio ambiente, formatou um perfil de consumidor

¹³² *Id. Ibid.*

¹³³ SIMON, 2009. p. 127.

¹³⁴ DALLA ROSA JUNIOR. A representação social da produção de Ronaldo Fraga: os lugares da memória, *web*, 2014.

¹³⁵ *Id. Ibid.* p.3.

diferenciado para o setor de design de moda.¹³⁶ “A recíproca entre o consumidor e o produto de moda precisa estar em perfeita simbiose, para que o objetivo de um seja o resultado do outro, complementando-se e dando propulsão para esse novo padrão de consumo”.¹³⁷

Para um designer de moda, a pesquisa e busca por *inovação* é sempre o *carro-chefe* de uma coleção. Logo, esta inovação deve se tornar o grande atrativo para manter o consumidor o mais ativo possível, com uma oferta de produtos agregados de conceito. Nessa iniciativa de voltar o olhar para o *novo design de moda*, a meta é reunir pesquisas e aprofundar o conhecimento para soluções dinâmicas, leves e coerentes com os novos tempos.¹³⁸

O desenvolvimento sustentável abrange, além da evolução no processo de produção, um novo estilo de vida: o de um consumidor ativo, engajado nos problemas da humanidade, preocupado com valores éticos e que procura, por meio de seus atos e compras, trazer o consumo consciente para sua vida.¹³⁹ Num processo de socialização, no qual as pessoas passam a desenvolver seus valores e atividades, as práticas adotadas pelos consumidores dentro da família, nas instituições de ensino e suas experiências de vida formatam essa nova postura de consumo, que caracteriza a sociedade futura. Seus valores essenciais influenciam suas escolhas de consumo.¹⁴⁰

Nesse propósito, o design sustentável desenvolve projetos que se preocupam com o descarte ou reúso de produtos, com a utilização de materiais que não prejudiquem o meio ambiente e que sejam economicamente viáveis. A consciência da importância da natureza fez nascer o conceito de desenvolvimento sustentável.¹⁴¹

Não se pensa apenas nas gerações futuras e no que estamos deixando às mesmas, mas sim na quantidade de recursos e matérias-primas disponíveis para o desenvolvimento de seus bens de consumo, bem como na qualidade do meio ambiente que eles encontrarão para viver.¹⁴²

¹³⁶ RECH; SOUZA, *web*, 2014.

¹³⁷ *Id. Ibid.*

¹³⁸ *Id. Ibid.*

¹³⁹ *Id. Ibid.*

¹⁴⁰ RECH; SOUZA, *web*, 2014

¹⁴¹ MARTINS, 2011, p. 70.

¹⁴² RECH; SOUZA, *web*, 2014.

Em relação ao meio ambiente, Krucken¹⁴³ defende que a dimensão ambiental na cultura e na prática projetual foi primeiramente centrada na redução do impacto ambiental de materiais e processos, evoluindo em direção ao ciclo de vida do produto, passando a considerar todas as etapas de produção, distribuição, consumo e descarte no projeto de um produto, para assim poder reduzir o impacto ambiental ao longo dessas fases. A autora afirma que a inovação voltada ao desenvolvimento sustentável requer um alto grau de participação social. Dessa forma, para promover a concepção de soluções sustentáveis é necessário desenvolver uma visão sistêmica e integrar competências de diversos atores. “O designer, portanto, assume o papel de facilitador, ou agente ativador, de inovações colaborativas, promovendo interações na sociedade”.¹⁴⁴

Segundo a mencionada autora, os elementos que permitem ao consumidor apreciar valores relacionados com o perfil socioambiental de produtos e serviço se referem a: origem das matérias-primas; processos de fabricação e distribuição; história do produto, do território e da comunidade que o produz; iniciativas de preservação do território e dos serviços ambientais associados; impacto do produto e da embalagem – ciclo de vida, consumo energético e possibilidade de uso renovável dos recursos utilizados.¹⁴⁵

Mostra-se fundamental para a manutenção da cultura dos agentes produtores que se valorize a matéria-prima local. É essencial, para a manutenção dos processos naturais do planeta, que se considere o meio ambiente no momento de escolha das matérias-primas, as quais devem ser renováveis, de acordo com as condições climáticas e geográficas do local em que ocorre a produção.

2.g Santa Catarina: moda e artesanato

Para Bourdieu, a distinção aponta para um exame social do “juízo de gosto”, destacando a existência de uma economia de bens culturais. As escolhas do ser humano são “distinções” interligando interesses de classes de agentes e

¹⁴³ KRUCKEN, 2009. p. 48.

¹⁴⁴ *Id. Ibid.*

¹⁴⁵ *Id. Ibid.*

configurando-se em escolhas feitas em oposição àquelas praticadas por pessoas de outras classes¹⁴⁶.

Em boa parte da produção artesanal, em Santa Catarina, empregam-se elementos simbólicos que fazem menção às origens de seus produtores ou de seus antepassados, seja pelo uso dos materiais utilizados, pelos tipos humanos retratados, cores utilizadas ou por seus costumes singulares, que contribuem para se distinguir de outros estados brasileiros.

Localizada no centro da região Sul, entre os estados de Paraná (ao norte) e Rio Grande do Sul (ao sul), Santa Catarina possui uma população de mais de 6.000.000 de habitantes. Desse total, cerca de 40% moram no campo, enquanto 60% residem nas áreas urbanas. A economia baseia-se na indústria (agroindústria, têxtil, cerâmica e metal-mecânica), no extrativismo (minérios) e na pecuária. A população é formada por mais de 50 etnias, sendo predominantes as descendentes de portugueses, alemães, italianos e, em menor medida, eslavos (poloneses), índios e africanos. Cerca de 10 mil descendentes de grupos indígenas (guaranis, xoclengues e Kaingang) vivem hoje em quase 30 áreas espalhadas pelo Estado. Os imigrantes oriundos do Arquipélago dos Açores ocuparam o litoral catarinense e em cidades como Florianópolis, Imbituba, Itajaí e São Francisco do Sul; a influência dessa colonização pode ser encontrada na arquitetura, na culinária baseada em frutos do mar e em tradições como a pesca artesanal e a renda de bilro.¹⁴⁷

Os alemães fundaram colônias como São Pedro de Alcântara, Blumenau e Joinville e espalharam-se por toda a região norte do Estado e pelo Vale do Itajaí, onde instalaram os primeiros teares daquele que viria a se transformar no principal polo têxtil do país. Atualmente, os descendentes de alemães representam 35% da população do Estado.¹⁴⁸

O último grupo de imigrantes a desembarcar em Santa Catarina e a contribuir fortemente para a formação da identidade catarinense foi a dos italianos, que se instalaram na região sul, em cidades como Criciúma, Tubarão e Urussanga. Atualmente, 45% dos catarinenses descendem de imigrantes italianos.¹⁴⁹

¹⁴⁶ BOURDIEU, 2008.

¹⁴⁷ Aspectos Histórico-culturais de Santa Catarina. SANTUR. *web*, 2014.

¹⁴⁸ *Id. Ibid.*

¹⁴⁹ *Id. Ibid.*

Dos moradores atuais, 15% não nasceram no Estado, um contingente de quase 900 mil pessoas que deixaram seus estados e países para viver em Santa Catarina.

Em Santa Catarina existem tradições artesanais dos povos indígenas, das técnicas do contato dos povos africanos e dos demais imigrantes de diversas etnias, que ocuparam o território em períodos diferentes. Dos povos indígenas ficaram as técnicas da cerâmica e da cestaria.¹⁵⁰ Os guaranis ainda trabalham com a cestaria e a escultura figurativa em madeira, mas não dominam mais a técnica dos ceramistas. “Ela foi, porém, dentre outras que os índios possuíam, incorporada pelos imigrantes europeus que, quando chegaram, tiveram de adaptar-se às novas limitações e necessidades”.¹⁵¹

De início, os artesões produziram objetos que atendiam às necessidades práticas e imediatas, como panelas e vasilhames de barro ou vassouras e chapéus de palha. Depois, objetos como adornos de motivação religiosa, grinaldas com flores de conchas ou escamas de peixe.¹⁵² A cerâmica, produzida nas regiões de colonização açoriana, era uma atividade dos homens. Operar o torno em que se moldam os vasos e panelas “era uma atividade viril”. Assim, as mulheres começaram a moldar panelas em miniatura e imagens de bichos com os quais as crianças brincavam. O artesanato, contudo, restringia-se ao uso na vida em comum.¹⁵³

Um primeiro interesse comercial pelos objetos artesanais do estado apareceu nos anos de 1960. Instrumentos de pesca, a canoa de um tronco só (Figura 11) e as histórias envolvendo a pescaria despertaram a atenção das pessoas que visitavam as comunidades litorâneas. Logo, “as canoas em miniatura e as bruxinhas de pano passaram a ser compradas como suvenires [...] Assim, ganhou estímulo e revigorou-se o artesanato dos diversos povos que colonizaram o território catarinense”¹⁵⁴.

¹⁵⁰ Feito a mãos, 2010. p. 7-9.

¹⁵¹ *Id. Ibid.* p. 9.

¹⁵² *Id. Ibid.*

¹⁵³ Feito a mãos, 2010. p. 7-9

¹⁵⁴ *Id. Ibid.*

Figura 11: Miniatura de canoa de madeira entalhada por João Carlos de Borba/Florianópolis.



Fonte: Feito a mãos (2010, p. 34).

Composto pelo predomínio de diversas etnias, o artesanato catarinense procura transmitir, nos produtos, a memória de um tempo passado (Figuras 12 e 13). “As várias ondas migratórias trouxeram à região uma miríade de culturas”.¹⁵⁵ Em Santa Catarina, busca-se manter as tradições, também, por meio das festas, festivais e encontros, exemplificados pelas festas alemãs, no mês de outubro. À conotação tradicional de muitas festas locais (a Oktoberfest, importada pelos imigrantes alemães, por exemplo) agrega-se um toque internacional de alguns famosos festivais, com a inclusão de artes performáticas, como instituições artísticas históricas. “A cultura, desse modo, mantém suas características de tradição. Uma tradição, porém, que em contato com outras culturas se renova continuamente, internacionalizando-se”.¹⁵⁶

Figura 12: A boneca de porcelana criada por Maria Izilda Alves denuncia a presença alemã em Pomerode.¹⁵⁷



Fonte: Feitos a mãos (2010, p. 124).

¹⁵⁵ DNA Brasil. 2009. p. 106.

¹⁵⁶ DNA Brasil. 2009. p. 106.

¹⁵⁷ No avental, as flores identificam a procedência, como nas festas tradicionais, onde as mulheres levavam o símbolo de cada família bordado em suas roupas.

Figura 13: Nilza Rodrigues e Irene Felisberto apresentam a bucha vegetal combinada à palha de milho de Santo Amaro da Imperatriz.



Fonte: Feitos a mãos (2010, p. 65).

Com influência de várias etnias e conhecedores de novas técnicas artesanais, alguns artesãos catarinenses remetem à contemporaneidade e consideração ao meio ambiente nas peças confeccionadas a partir de recursos naturais, anteriormente descartados. Um destaque, em algumas cidades em Santa Catarina, é a extração, o beneficiamento e a aplicação da fibra extraída do pseudocaule da bananeira. A partir de cursos ofertados pela EPAGRI¹⁵⁸, moradores de Joinville e região (Figura 14) vêm utilizando a fibra natural aplicada ao mobiliário, a peças decorativas e utilitárias.¹⁵⁹

Figura 14: Agricultoras do norte do Estado participam do curso de tecelagem com fibra de bananeira.



Fonte: Secretaria Executiva Estadual do SC Rural, *web*, 2014.

Constata-se que a atividade artesanal exercida em pequenas unidades produtivas, por suas próprias características, dificilmente compete com eficiência com o produto industrial de larga escala e encontra, como estratégia de sobrevivência, a opção em ofertar produtos singulares, exclusivos e com melhor

¹⁵⁸ EPAGRI: Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina é o órgão oficial de extensão rural e pesquisa agropecuária do estado de Santa Catarina.

¹⁵⁹ Secretaria Executiva Estadual do SC Rural. *web*, 2014.

acabamento a uma faixa de consumidores exigentes e direcionados a produtos únicos e personalizados.¹⁶⁰

Santa Catarina é o 3.º maior produtor nacional de bananas, gerando, com isso, resíduos prejudiciais ao solo. Nesse cenário, parcerias entre comunidade, designers e órgãos públicos podem analisar e disponibilizar soluções para problemas pontuais e chegar à alternativa de aplicação para tal material, transformando-o em artigos utilitários ou decorativos.

Percebe-se que a combinação étnica, em Santa Catarina, enriquecida pela soma daqueles que escolheram o estado para viver, espelha hoje uma cultura híbrida. Tal contribuição pode ser retratada, na forma do artesanato contemporâneo, por meio da utilização de novas técnicas artesanais para o aproveitamento das matérias-primas locais na confecção de produtos personalizados. Assim, o resgate do fazer manual pode agregar valor às peças, remetendo a aspectos culturais enraizados daqueles que as produziram. Cada peça pode tornar-se única, com uma história para contar, uma recordação, uma memória.

Em relação à moda no país, nota-se grande empenho para impor um estilo próprio. A construção desse caminho está em curso, procurando imprimir no design, na modelagem e combinação de cores dos produtos gerados por alguns de nossos estilistas as marcas da cultura nacional, nossas tradições, nossos costumes, as características dos espaços e dos climas em que vivemos, criando uma estética própria de um povo miscigenado, originada dos tempos da colonização.¹⁶¹

Em Santa Catarina, as indústrias de maior expressão têxtil estão concentradas no Vale do Itajaí e exportam juntas 400 milhões de dólares por ano.¹⁶²

Uma revolução está acontecendo no setor de moda liderado por indústrias do Sul. É o caso da Marisol e da AMC Têxtil, cuja estratégia é funcionar como gestoras de marcas, um conceito ainda novo no Brasil. A primeira, pequena malharia fundada em Jaraguá do Sul, fatura hoje 500 milhões de reais por ano e está adquirindo grifes famosas [...]. A segunda, o grupo catarinense AMC Têxtil, fundado para vender retalhos de tecido a pequenas malharias, caminha para ser uma holding que administra grifes fortes.¹⁶³

¹⁶⁰ NETO, Eduardo Barroso. *web*, 2013. p. 7.

¹⁶¹ Modelagem. Tecnologia em produção de vestuário. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009. p. 21-24.

¹⁶² DNA Brasil. Região Sul. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009. P. 113.

¹⁶³ *Id. Ibid.*

Em sintonia com a recente evolução da moda no Estado, jovens designers estão despontando. Como exemplo, destaca-se a jovem estilista Isadora Guercovich¹⁶⁴ (designer da Dalila Têxtil, indústria de Jaraguá do Sul/SC), selecionada para participar do Brasil *Fashion* (evento de moda que integra a programação da Olimpíada do Conhecimento, em Belo Horizonte/MG). Sob a orientação de Ronaldo Fraga, que auxiliou no direcionamento do trabalho e com experiência de passarela, criou três *looks* de formas sinuosas e abstratas de crochê e tricô, inspiradas na arte do escultor Ivens Machado¹⁶⁵ (Figura 15).

Figura 15: Isadora Guercovich com seus *looks* de formas sinuosas e abstratas de crochê e tricô apresentados por modelos *new faces*¹⁶⁶ e pela modelo internacional Carol Ribeiro.



Fonte: Revista Donna. Moda ARTSY: Isadora Guercovich lança coleção inspirada pelo escultor Ivens Machado. *web*, 2014.

2.h Joinville: produção cultural e mercado

Os *habitus* estabelecem as diferenças nas práticas dos agentes, ou de seus grupos, em meio ao campo¹⁶⁷. Essas diferenças são constitutivas de sistemas simbólicos, configurando-se em signos distintivos, propiciando o estabelecimento de diferenciadas categorias de percepção¹⁶⁸.

O município de Joinville, fundado em 9 de março de 1851¹⁶⁹, demonstrou um processo de desenvolvimento diferenciado em relação a outras regiões do Brasil,

¹⁶⁴ Nascida na Argentina e criada em Blumenau/SC.

¹⁶⁵ Revista Donna. Moda ARTSY: Isadora Guercovich lança coleção inspirada pelo escultor Ivens Machado. (Escultor, gravador e pintor Ivens Olinto Machado, nasceu em Florianópolis/SC em 1942). *web*, 2014.

¹⁶⁶ Modelos em início de carreira.

¹⁶⁷ BOURDIEU, 2003, p. 21.

¹⁶⁸ *Id. Ibid.* p. 22.

¹⁶⁹ É recorrente encontrarmos nos escritos uma íntima relação com os fatos que registram o início da colonização, não levando em consideração os povos sambaquianos, indígenas e nem mesmo os

que recebiam imigrantes europeus, notadamente alemães, em meados do século XIX. Enquanto os imigrantes enviados para São Paulo trabalharam em regime de semiservidão nas lavouras de café, os que se dirigiram para a Colônia Dona Francisca (atual Joinville) adquiriram lotes de terra, proporcionando-lhes determinada autonomia para desenvolver suas atividades, decorrendo o rápido aparecimento de núcleos urbanos¹⁷⁰.

A respeito da chegada dos colonizadores, a professora de história Dra. Janine Gomes da Silva¹⁷¹ observa:

Após o primeiro impacto, os imigrantes foram destinados aos seus lotes. Na maioria alemães, no início provavelmente só tinham contatos entre si, nada conheciam da “cultura” da nova terra e, portanto, seu referencial de mundo era a Europa. Trouxeram consigo seus costumes e seus valores, seus sonhos e suas vontades.

Janine¹⁷² complementa esclarecendo que a migração masculina foi direcionada para a lavoura ou para a abertura de estradas. Restou às mulheres e aos filhos a responsabilidade da lida diária. Além de esposas, mães e donas de casa, as mulheres foram também colonas, costureiras, cozinheiras, parteiras, professoras e proprietárias de estabelecimentos comerciais. Quando professoras, as mulheres geralmente ensinavam trabalhos manuais, “tendo em vista que as atividades relacionadas à educação das meninas deveriam estar voltadas para o interior – o lar”¹⁷³.

O acervo do Arquivo Histórico de Joinville, bastante diversificado, tem uma grande quantidade de obras que pertenceram às famílias de imigrantes. Suas datas demonstram que já naquela época muitas obras “tidas como femininas” eram lidas, como literatura, revista para o lar e manuais de boas maneiras. Obras bastante manuseadas e rabiscadas¹⁷⁴.

Assim, conclui Janine¹⁷⁵, que ao passear pela cidade, ao caminhar por suas ruas, ao olhar suas vitrines, é comum depararmos com casas, roupas, brinquedos ou doces ditos “típicos da Alemanha”.

brasileiros que se encontravam nas proximidades. “Há uma espécie de mito fundador que valoriza os registros da época, acerca dos primeiros imigrantes e seu pioneirismo, contando e recontando a história a partir de 1851” (SILVA, 2004, p. 22).

¹⁷⁰ VEGINI, 2004. p. 119.

¹⁷¹ SILVA, 2004. p. 26.

¹⁷² *Id idem*. p. 88.

¹⁷³ *Id idem*. p. 98.

¹⁷⁴ *Id idem*. p. 144.

¹⁷⁵ *Id idem*. P. 210.

Figura 16: Prato genuinamente joinvilense, o marreco recheado é preparado pelo Restaurante Hübner há mais de 65 anos; o strudel da Confeitaria XV é elaborado desde 1964; em Joinville, a cuca é um dos elementos fundamentais da culinária e está presente na maioria das casas da cidade.



Fonte: Revista Premier. web, 2014.

Pequenas peculiaridades também fizeram questão de serem transmitidas através das gerações, conforme a pesquisa antropológica ao Museu de Imigração e Colonização de Joinville. Uma dessas especificidades é o bordado “familiar”. Aprendido em casa pelas moças, servia para registrar em tecidos passagens importantes, como nascimento de uma criança ou casamento dos cônjuges, usado como quadro ou porta-retrato memorial. O registro de brasões familiares também se tornou uma prática importante, visto que os intelectuais queriam perpetuar sua linhagem e as novas famílias emergentes começavam a criar uma postura de *status* considerável no meio social joinvilense, a partir da conquista de patrimônios com o trabalho braçal e manual, conforme aponta a pesquisa de campo particular. Atualmente, ainda se reúnem em Joinville grupos de idosos que dominam as técnicas manuais, passadas de geração em geração, especialmente o bordado e o tricô (sendo este importantíssimo, na época, para a produção de roupas para o frio, especialmente na Europa). Além de praticarem o trabalho manual, exercitam a conversação alemã, recheada de dialetos e termos antigos ainda perpetuados entre os antigos e também entre as novas gerações, que estão se interessando, ainda timidamente, pelo passado da cidade e pelas suas tradições.¹⁷⁶

Figura 17: Pontos diferenciados de bordados e crochês confeccionados pela tia, mãe e avó da bolsista e aluna de Moda Julia Brümmer de Souza, a partir de técnicas repassadas pela Cooper Cargo Social de Joinville.



Fonte: Arquivo pessoal. Foto: Julia Brümmer de Souza (2013).

¹⁷⁶ SOUZA. Pesquisa de Iniciação Científica PIBIC/CNPQ. O design de Moda e a instituição social da cultura simbólica. 2014.

Com relação à concepção das casas, “obedecia-se uma combinação de técnicas de construção à brasileira e conhecimentos tradicionais da casa do agricultor alemão, ou europeu de uma forma geral”¹⁷⁷. O enxaimel – técnica mista de construção que utiliza a trama de madeira preenchida por alvenaria – foi a solução encontrada pelas famílias para levantar moradias de forma rápida e com baixo custo. Em Joinville, as construções da estrutura de madeira preenchida com tijolos, na maioria das vezes, não recebem o reboco¹⁷⁸ (Figura 18).

Figura 18: Em Joinville, há registros de construções com a técnica enxaimel, de 1865 até a década de 1960 (Casa situada na rua General Valgas Neves – Joinville/SC).



Fonte: Minha História, Meu Patrimônio, *web*, 2014.

O fato de os lotes urbanos serem áreas remanescentes de um projeto de assentamento agrícola na colonização de Joinville, foi um dos fatores que facilitou o surgimento das atividades artesanais e, em seguida, industriais domésticas. A disponibilidade de grandes espaços nos fundos das residências originou uma ocupação mista de residencial e fabril, fato esse comprovado pela existência de grandes fábricas na área central até os dias de hoje¹⁷⁹.

Pode-se apontar como aspecto fundamental para o sucesso do empreendedorismo colonizador a vinda de três tipos de imigrantes: o colonizador que se fixou na estrada Dona Francisca; o imigrante artífice que caracterizou a propensão industrial e o imigrante intelectual que garantiu os fundamentos para o processo de desenvolvimento da Colônia, referindo-se à organização político-administrativa e cultural¹⁸⁰.

¹⁷⁷ TERNES, Apolinário. Joinville, a construção da cidade. Joinville: Bartira, 1993. p. 73

¹⁷⁸ Na Colônia Dona Francisca, a solução construtiva foi adaptada à realidade local, criando aspectos diferentes do que era feito na Alemanha. As adaptações, segundo o arquiteto e urbanista Marcel Vieira, começam na volumetria das casas: em Joinville, elas são menores e têm poucas divisões internas. Alguns exemplares ainda incorporam varandas, recurso para proteção contra a chuva e o calor. Minha História, Meu Patrimônio. Tijolos históricos. 2014.

¹⁷⁹ Pelo arquiteto e urbanista Norberto Sganzerla, sobre o processo urbanístico de Joinville. Joinville: 150 anos. 2001. p. 54.

¹⁸⁰ VEGINI, 2004, p. 119.

A partir dos anos 30 do século passado, um novo sotaque passou a ser ouvido em Joinville. Eram os descendentes de italianos que chegavam às terras úmidas do município e se instalavam, principalmente, nas regiões do bairro Vila Nova e zona sul da cidade para produzir arroz¹⁸¹. Mas não chegaram de uma vez só e nem vieram do seu país de origem. Eram migrantes, em sua maioria, nascidos no Brasil, descendentes de imigrantes que começaram a chegar ao país no fim do século 19. Ao longo do século 20 protagonizaram três períodos de migração para Joinville, nos anos 60, 70 e 80. Estima-se que hoje 25% da população local tenha origem italiana. Até o fim dos anos 80, porém, pouco se ouvia falar deles¹⁸².

Moacir Bogo, presidente do *Circolo Italiano di Joinville*, entidade que resgata e preserva a cultura italiana na cidade, explica que os migrantes que chegaram ao longo da década de 30 conviveram com a perseguição ocorrida durante a Segunda Guerra Mundial, e assim, como os descendentes de alemães, não podiam expressar sua cultura e falar sua língua. Ao mesmo tempo, esses italianos foram incorporados a uma comunidade de tradição germânica, deixando de lado muitos de seus costumes e dialetos¹⁸³.

Figura 19: 18.^a Festa da Polenta, no galpão da Igreja Santo Antônio, na Rodovia do Arroz, no bairro Vila Nova, e 34.^a Festa da Colheita na Sociedade Dona Francisca, em Pirabeiraba.



Fonte: Jornal Notícias do Dia. Publicado em 16/09/12. *web*, 2014.

Alemães, suíços e noruegueses organizaram falas e reuniram hábitos, tomaram cada qual de seu modo um rumo e um ritmo¹⁸⁴. A mística da cidade tem início ali e a partir dali, devorando o tempo e ampliando o espaço físico, flui o espírito coletivo que pode explicar a trajetória da cidade¹⁸⁵. “De frágil povoado, à beira do colapso, naqueles primeiros meses de grande solidão e desesperança, à vitalidade de hoje, madura e forte”¹⁸⁶.

¹⁸¹ LIMA. Jornal Notícias do Dia. *web*, 2014.

¹⁸² LIMA. Jornal Notícias do Dia. *web*, 2014.

¹⁸³ *Id. Ibid.*

¹⁸⁴ TERNES, 1993, p. 203.

¹⁸⁵ *Id. Ibid.*

¹⁸⁶ *Id. Ibid.*

Vegini¹⁸⁷ observa que “a tendência à industrialização e ao comércio, verificada nos primórdios da sua história, fez de Joinville a cidade mais industrializada de Santa Catarina”, predominando setores como o metal-mecânico, químico, plástico e têxtil.

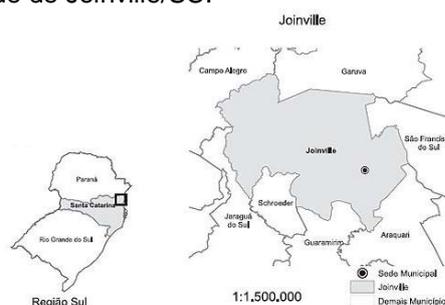
2.h.a Joinville contemporânea

Povoada por imigrantes europeus – com predomínio alemão em seu primeiro ciclo histórico – e por trabalhadores de todo o país nos últimos 40 anos, Joinville tem na diversidade étnica e cultural uma de suas principais características¹⁸⁸.

Em 30 anos, a partir da segunda metade do século 19, mais de 17 mil imigrantes europeus estabeleceram-se na Colônia, entre alemães, suíços, franceses, austríacos e, principalmente, italianos. Justamente nesse período surgiram as primeiras indústrias metalúrgicas e têxteis da região¹⁸⁹.

Entre as décadas de 1950 e 80 a cidade se transformou em um dos principais polos industriais do Brasil e atraiu trabalhadores vindos de todo o Sul para trabalhar nas empresas da cidade. A partir dos anos 90, o perfil foi ampliado para os setores de serviços e de tecnologia, com o desenvolvimento comercial descentralizado dos bairros. Na mesma década, começaram a ser inaugurados os primeiros grandes *shoppings centers* da cidade e, com o advento da globalização, as maiores empresas da região conseguem se consolidar em suas lideranças nacionais e internacionais¹⁹⁰.

Figura 20: Localização da cidade de Joinville/SC.



Fonte: Instituto Virtual de Turismo. Sul. Brasil. *web*, 2014.

¹⁸⁷ VEGINI, 2004, p. 119.

¹⁸⁸ Publicação do Perini Business Park, realizada com apoio da Prefeitura Municipal de Joinville e produção da EDM Logos Comunicação. Joinville em dados 2013.

¹⁸⁹ *Id. Ibid.*

¹⁹⁰ *Id. Ibid.*

Conforme Censo IBGE realizado em 2010, a taxa média de crescimento populacional anual da cidade foi de 1,69%, acima da média nacional (1,17%) e estadual (1,55%). Cerca de 60% da população que mora em Joinville tem entre 18 e 59 anos (49,63% de homens e 50,36% de mulheres).

Quadro 1 - População por faixa etária de Joinville

0 a 5 anos	6 a 9 anos	10 a 14 anos	15 a 17 anos	18 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 44 anos	45 a 59 anos	60 a 64 anos	Mais de 64 anos
6,67%	4,75%	8,12%	5,94%	13,54%	13,51%	14,94%	19,82%	4,57%	8,14%

Fonte: Joinville em dados. 2013, p. 19. *Apud* IPC – Instituto de Pesquisa Catarinense LTDA – Pesquisa Origem Destino 2010.

As famílias joinvilense são formadas, em média, por 3 ou 4 pessoas, e aproximadamente 70% da população (*per capita*) urbana recebe até 3 salários mínimos por mês.

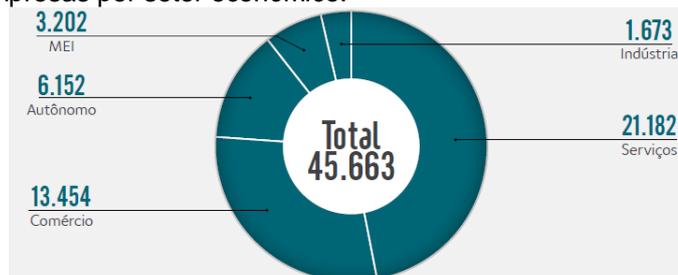
Quadro 2 - População urbana de Joinville por categoria de renda.

Renda (em SM*)	Participação %
Menos de 1 SM	3,9
1 SM	14,8
De 1 a 3 SM	51,4
De 3 a 5 SM	17,3
De 5 a 10 SM	8,2
De 10 a 20 SM	1,8
De 20 a 30 SM	0,3
Mais de 30 SM	2,3

Fonte: Joinville em dados. 2013, p. 25. *Apud* Estimativas IBGE – Sebrae – SC Censo Domiciliar – Estimativa Ippuj – IDH Renda – 0,776 (Médio * IDH).

A seguir, o número de empresas por setor econômico:

Gráfico 2 – Número de empresas por setor econômico.



MEI: Microempreendedor Individual.

Fonte: Joinville em dados. 2013, p. 22. *Apud* Secretaria Municipal da Fazenda – Cadastro técnico 2012/01. Dados até 31 de dezembro de 2011.

Totalizam-se 209.459 vagas de emprego no setor formal, distribuídas pelos setores primário, secundário e terciário, como a seguir:

Quadro 3 – População economicamente ativa, por setor de atividade.

Setores	2010
Primário	560
Secundário	87.793
Terciário	121.106
Total	209.459

Obs.: Segundo setor: indústria e construção civil. Terceiro setor: comércio e serviços.

Fonte: Joinville em dados. 2013, p. 19. *Apud* MTE/CAGED/RAIS – 2011, 1.º semestre. Considerados apenas empregos formais declarados na RAIS.

Dos moradores da cidade, 46% da população completou o ensino fundamental e aproximadamente 10% não completou o ensino médio. Reforçando-se a baixa escolaridade, um dos quesitos para que os trabalhadores formais recebam até 3 salários mínimos por mês.

Quadro 4 – Grau de escolaridade de Joinville (2010).

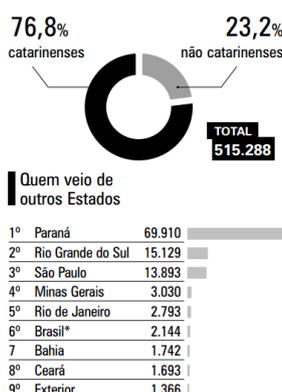
Analfabeto	Ensino Fundamental incompleto	Ensino Fundamental completo	Ensino Médio incompleto	Ensino Médio completo	Superior incompleto	Superior completo	Pós Graduação Mestrado ou Doutorado	Não se Aplica
1,88%	32,48%	14,08%	10,03%	23,32%	5,43%	4,83%	1,01%	6,94%

*Não se aplica: O item equivale às crianças de 0 a 6 anos, que frequentam creches, p. 20. (IPC – Instituto de Pesquisa Catarinense LTDA).

Fonte: Joinville em dados. 2013, p.20. *Apud* IPC – Instituto de Pesquisa Catarinense LTDA – Pesquisa de Origem Destino, 2010.

No espaço social, Joinville experimenta intenso processo de crescimento populacional, relacionado à contínua migração de grandes contingentes populacionais oriundos, especialmente, do oeste paranaense em busca de trabalho¹⁹¹.

Figura 21: População residente, por local de nascimento, em Joinville (2010):

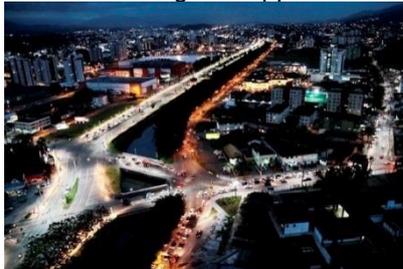


Fonte: Diário Catarinense. Migração. Web, 2014.

¹⁹¹ VEGINI, 2004, p. 121.

Com polos industriais mais atualizados, Vegini¹⁹² ressalta a importância da constante necessidade de adotar mecanismos modernizadores e educadores que viabilizem o desenvolvimento contínuo da cidade. Adverte, porém, que a acentuada marca industrial corre o risco de inibir as características histórico-culturais da cidade, levando à formação de uma sociedade “denominada pela racionalidade instrumental unidimensional¹⁹³. Conseqüentemente, a formação de uma consciência crítica fica comprometida”¹⁹⁴.

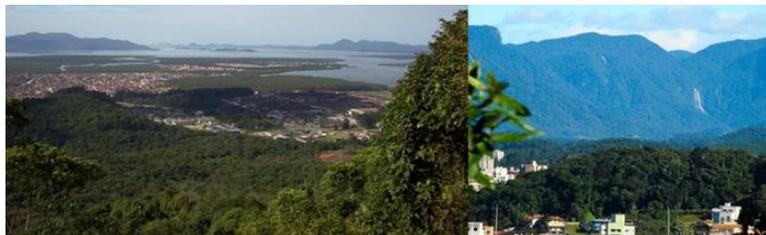
Figura 22: Cidade de Joinville - Av. Hermann August Lepper x Rua Dona Francisca x Rua Max Colin.



Fonte: IPPUJ. Galeria de fotos. Fotógrafo: Rogério da Silva, *web*, 2014.

O território de Joinville integra a paisagem natural estabelecida nas coordenadas geográficas de 26 graus, 18 minutos e 05 segundos de latitude Sul e a 48 graus, 50 minutos e 38 segundos de longitude Norte. Estende-se por 1.183 km², na planície litorânea entre o Atlântico e a última ponta da Serra do Mar. A planície que se estende das bordas da Serra do Mar até a Baía da Babitonga é drenada por pequenos rios, entre eles, o Cubatão, o Cachoeira e o Pirai¹⁹⁵.

Figura 23: Vista panorâmica de Joinville. Ao fundo a Baía da Babitonga (esquerda) e a Serra do Mar (direita).



Fonte: Baía da Babitonga por Marcelo Ferrari, *web*, 2014.

¹⁹² VEGINI, 2004, p. 121.

¹⁹³ A sociedade industrial avançada impõe uma racionalidade tecnológica. Ser bem-sucedido significa adaptar-se ao aparato, ou seja, às instituições, aos dispositivos e às organizações da indústria. Não há lugar para a autonomia humana, para independência de pensamento, nem para o direito de oposição. Reflexões sobre a sociedade tecnológica do filósofo alemão Herbert Marcuse. GABRIEL, 2014.

¹⁹⁴ VEGINI, 2004, p. 119.

¹⁹⁵ TERNES, 1993. p. 17 e 23.

Com relação ao meio biótico, Gonçalves e Oliveira¹⁹⁶ argumentam que a cobertura florestal no município é densa, representada pela última ocorrência de Mata Atlântica do Sul do país. A região da serra, apesar de ter sido explorada por madeireiros até meados de década de 70, encontra-se em bom estado de recuperação. As espécies mais observadas são guapuruvu, figueira, pau-ferro, canela-garuva, entre outras. E, em estágio inicial de recuperação, jacatirão-de-Joinville, jacatirão-açu e embaúba¹⁹⁷.

Figura 24: A floração do jacatirão-de-Joinville acontece entre os meses de dezembro e fevereiro.



Fonte: Rogério Souza Jr. *web*, 2014.

Gonçalves e Oliveira complementam afirmando que os atrativos naturais de Joinville são de excepcional beleza e extremamente diversificada, podendo-se escolher entre a Baía da Babitonga¹⁹⁸, com o canal do Palmital com seus mangues, e a Serra do Mar com as cachoeiras que despencam das encostas, com altitudes médias de 900 metros e paredões de rocha, como o Castelo dos Bugres, Pelado e o Jurapê, além dos campos de altitude e florestas de araucária, num trecho de menos de 30 quilômetros em linha reta¹⁹⁹.

Figura 25: O Morro do Amaral é envolvido pelo ecossistema de manguezais; rochas sobrepostas são encontradas no Castelo dos Bugres; no Rio da Prata encontramos nascentes de rios e cachoeiras e na Estrada Rio do Júlio, araucárias e bromélias.



Fonte: Guia de informação de Joinville. Joinville bucólica, por Diego Soares. *web*, 2014.

¹⁹⁶ Joinville: 150 anos. 2001. In GONÇALVES; OLIVEIRA. O meio ambiente e a sua dinâmica na região de Joinville. p. 73.

¹⁹⁷ *Id. Ibid.*

¹⁹⁸ A Baía da Babitonga compreende os municípios de Joinville, Araquari, Balneário Barra do Sul, Garuva, Itapoá e São Francisco do Sul.

¹⁹⁹ Joinville: 150 anos. Gonçalves; Oliveira. O meio ambiente e a sua dinâmica na região de Joinville, 2001. p. 73.

Durante o ano, Joinville oferece uma extensa programação cultural com festivais, *shows* de música e teatro. A produção artística acontece em teatros, museus, mercado público, casa da cultura, centro de eventos e também em escolas, universidades, associações de moradores, igrejas e praças públicas.

Um exemplo reconhecido internacionalmente é o Festival de Dança de Joinville. O evento acontece no mês de julho e garantiu ao município destaque no *Guinness Word Record* (livro dos recordes). Chegou a sua 32.^a edição em 2014 como o maior festival de dança do mundo. Isso faz de Joinville a famosa Capital da Dança. Além da troca de experiências entre estudantes e profissionais, o evento estimula o desenvolvimento cultural e a arte da dança, por sua programação diversificada. O festival reúne mais de 4 mil participantes do país e do exterior e atrai mais de 200 mil pessoas. A Festa das Flores acontece há 75 anos, e recentemente a cidade passou a sediar também um festival de música instrumental, o Joinville Jazz Festival. Por seus atributos culturais, Joinville recebeu diversos títulos ao longo das décadas de 1940, 60 e 80²⁰⁰, tornando-se conhecida como “Cidade dos Príncipes”, “Manchester Catarinense”²⁰¹, “Cidade das Bicicletas”, “Cidade das Flores” e “Cidade da Dança”.

Figura 26: O príncipe François Ferdinand; vista área da cidade; saída de funcionários da Fundação Tupy; Festa das Flores e Festival de Dança de Joinville.



Fonte: Joinville. *web*, 2014.

A antiga Colônia Dona Francisca, atual Joinville, atrai pessoas de diferentes locais do Brasil e do mundo por ser um moderno centro urbano e industrial, mas que ainda contém traços típicos herdados de seus colonizadores europeus, como jardins floridos bem cuidados e casas estilo enxaimel. A cidade oferece ainda estrutura para

²⁰⁰ Guiville. Durante o ano inteiro Joinville oferece uma extensa programação cultural. *web*, 2014.

²⁰¹ É uma cidade do Reino Unido, no noroeste da Inglaterra. A cidade é um grande centro industrial e econômico. Manchester teve um papel primordial na Revolução Industrial, por isso seu nome pode ser utilizado para adjetivar algumas cidades, quando se deseja ressaltar um grande desempenho industrial, apelidando-as com seu nome ou comparando-as à cidade inglesa. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/manchester/>>. Manchester. *web*, 2014.

eventos, hospedagem e gastronomia, com comidas típicas, chocolates caseiros e cafés coloniais²⁰², nos principais pontos turísticos de Joinville.

Inaugurados na década de 1980, o Moinho e o Pórtico do Joinville estão localizados na principal entrada do município e foram construídos em estilo enxaimel, influenciados pelas culturas germânica e holandesa. Anexo ao moinho funciona um restaurante, e no Pórtico a sede da Secretaria Municipal de Turismo, que atende até mesmo nos fins de semana²⁰³.

Figura 27: Moinho e Pórtico de Joinville.



Fonte: Foto por Lysandro Lima (Radar Sul, *web*, 2014).

Aberto ao público em 28 de dezembro de 1961 na gestão do então Prefeito Helmut Ernesto Fallgatter, o Museu Nacional de Imigração e Colonização foi instalado na edificação denominada Palácio dos Príncipes. O prédio construído em 1870 para sede da administração da Colônia Dona Francisca foi tombado em 1939 pelo Serviço do Patrimônio Histórico Nacional, sendo a primeira edificação não litorânea tombada em Santa Catarina na ocasião. Quando da criação do Museu, o então Serviço do Patrimônio Histórico Nacional firmou convênio com a Prefeitura de Joinville objetivando a instalação dessa unidade museológica. Para tanto criou-se uma Comissão de Cidadãos Voluntários, partidários da política de preservação, para recolher objetos relacionados à imigração. Na ocasião, com apoio de diversas empresas joinvilenses, recuperou-se parte da mobília original do Palácio: uma sala de jantar confeccionada em carvalho e uma sala de visitas em jacarandá. Fruto do trabalho voluntário da comissão, em atividades até hoje, o museu conta com um acervo estimado de 5 mil peças distribuídas em 13 coleções. Adquirida em 1957, tendo sido residência particular até 1956, a propriedade compreende uma área de 6.000 m². A sede principal apresenta uma área construída de 857,46 m², distribuídos em 3 pavimentos. O Galpão de Tecnologia Patrimonial, construído em 1962,

²⁰² SCTur, *web*, 2014.

²⁰³ *Id. Ibid.*

apresenta área de 280 m². A Casa Enxaimel, construção de 1905, relocada para os Jardins do Museu em 1980, apresenta área de 127 m².²⁰⁴

Figura 28: Museu Nacional de Imigração e Colonização.



Fonte: JoinvilleTour. *web*, 2014.

Vindas do Rio de Janeiro em 1873, as 52 mudas de palmeiras demoraram algum tempo para se tornarem o cartão-postal da cidade de Joinville. Plantadas no jardim de entrada do Palácio dos Príncipes (hoje Museu de Imigração), a exuberância e a altura das palmeiras impressionam moradores e turistas²⁰⁵.

Figura 29: Rua das Palmeiras.



Fonte: Juliana Salles. *web*, 2014.

O Parque Zoobotânico conta com aproximadamente 200 animais de diferentes espécies, além de quiosques, *playground*, trilhas e auditório para eventos. – nos 170 km² de área verde. Local para fazer piqueniques e conhecer a fauna e flora da cidade²⁰⁶, o parque compreende uma área de 100 km² e atende a uma antiga reivindicação da cidade por um espaço de preservação da mata atlântica na

²⁰⁴ JoinvilleTour. *web*, 2014.

²⁰⁵ SCTur. Rua das Palmeiras. *web*, 2014.

²⁰⁶ Jornal A Notícia. Cinco passeios joinvilense para curtir a primavera. *web*, 2014.

zona urbana de Joinville. No local acontecem palestras sobre educação ambiental e pesquisas sobre a reprodução em cativeiro de animais em extinção²⁰⁷.

Figura 30: Parque Zoobotânico.



Fonte: JoinvilleTour. Parque Zoobotânico. *web*, 2014.

No Museu de Arte de Joinville encontram-se pinturas, gravuras, desenhos e esculturas de artistas locais, estaduais, nacionais e de renome internacional. São cerca de 600 peças. Durante o ano realiza-se uma série de exposições temporárias. Destacam-se obras de Tarsila do Amaral, Luiz Henrique Schwanke, Lígia Clark e Juarez Machado²⁰⁸. Erguida em 1866 como residência do imigrante alemão Ottokar Doerffel, a construção tornou-se moradia de arte, reconhecida como exemplar único da arquitetura no país. Doerffel imprimiu em sua casa uma série de símbolos que reforçam a sua crença na filosofia maçônica. Para o crítico de arte Walter de Queiroz Guerreiro, a casa foi planejada desde o fundamento para servir como uma espécie de templo pessoal. Os dois indícios principais são o formato em L da planta da casa e o V formado pela varanda. De acordo com Walter, a imagem do compasso é uma das joias móveis maçônicas e indica as possibilidades do conhecimento. O L da planta também faz parte do emblema maçônico, fazendo vez de esquadro, a segunda joia, que traduz equidade, disciplina e retidão²⁰⁹.

Figura 31: Museu de Artes. Fachada é cheia de detalhes simbólicos. A mistura de elementos góticos (dos arcos ogivais) e romanos (representados pelas folhas de acanto dos pilares) chega a um estilo colonial-burguês incomum em outras edificações do mesmo período.



Fonte: Minha História, Meu Patrimônio. A casa como templo. *web*, 2014.

²⁰⁷ JoinvilleTour. Parque Zoobotânico. *web*, 2014.

²⁰⁸ Museu de Arte de Joinville. *web*, 2014.

²⁰⁹ Minha história, meu patrimônio. *web*, 2014.

A criação do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ), em 1969, resultou da compra da coleção arqueológica pertencente ao pesquisador amador Guilherme Tiburtius, em 1963. Em 1972, com a inauguração de seu prédio, concebido pelo arquiteto Sabino Barroso e pelo museólogo Alfredo Rusins, o MASJ passa a ter a guarda permanente de materiais arqueológicos da região, que são propriedade da União. Seu prédio tem salas para exposições, laboratórios, reserva técnica, auditório, biblioteca e salas administrativas²¹⁰.

Figura 32: Museu de Sambaqui.



Fonte: JoinvilleTour. Museu do Sambaqui. *web*, 2014.

Criado em 1970, o Museu Casa Fritz Alt possui como objetivos preservar, documentar e divulgar o trabalho do escultor alemão Fritz Alt, o primeiro artista plástico da região de Joinville. No acervo estão mais de 30 esculturas desde sua chegada a Joinville, em 1945, até o ano de sua morte, em 1968. Autor de diversas obras grandiosas – entre elas o *Monumento aos Imigrantes*, situado na Praça da Bandeira, no centro da cidade. Além do ateliê do artista, estão em exposição ferramentas, processo de produção das obras, fotos e objetos de uso pessoal. O museu guarda também no seu acervo obras de outro artista joinvilense, Mário Avancini, em esculturas em pedra²¹¹.

Figura 33: Museu e obras do artista plástico Fritz Alt.



Fonte: Fotos Lysandro Lima. Radar Sul, *web*, 2014.

²¹⁰JoinvilleTour. Museu do Sambaqui. *web*, 2014.

²¹¹JoinvilleTour. Museu Fritz Alt. *web*, 2014.

A implantação do Instituto Internacional Juarez Machado²¹² revela a preocupação do artista em fomentar a arte na cidade. O espaço físico localizado na rua Lages, em Joinville, oferece uma exposição com obras que têm em comum a bicicleta, temática recorrente na produção do artista desde os primeiros anos de carreira. O acervo escolhido pelo autor reúne quadros, fotografias, esboço dos cenários que criava para a TV nos anos 70, esculturas e objetos pessoais²¹³.

A bicicleta na vida e obra de Juarez Machado ocupa um galpão de dois andares, construído especialmente para abrigar exposições, com arquitetura que faz referência ao enxaimel e às indústrias da cidade. Não é intenção de seu idealizador fazer do espaço uma vitrine somente para a sua produção. Na agenda, haverá oportunidade para outros artistas, principalmente os de produção contemporânea, dialogarem com a proposta do instituto. Pelo menos um recorte de trabalhos de Juarez entrará na programação anual do galpão²¹⁴.

Figura 34: O Instituto Juarez Machado possui 60 telas e objetos pessoais do artista.



Fonte: (1) Jornal A Notícia por Rodrigo Philipps, *web*, 2014; (2) Jornal ND *online* por Alana Schwoelk, *web*, 2014.

Inicialmente, o Mercado Germano Kurt Freissler foi criado para comercializar os pescados provenientes das comunidades pesqueiras de São Francisco do Sul, há mais de 90 anos. Por iniciativa da Prefeitura de Joinville e para atender melhor os visitantes, sua sede própria foi construída e na época era um importante centro comercial. Mais tarde, o mercado municipal perdeu grande parte de seus clientes para os grandes centros de compras e supermercados, mas continua sendo até hoje referência de qualidade na cidade²¹⁵.

²¹² Juarez Machado nasceu em Joinville no ano de 1941. Além de dedicar-se à pintura, é também escultor, desenhista, caricaturista, mímico, escritor e fotógrafo.

²¹³ Jornal Diário Catarinense. Por Rafaela Mazzaro. Anexo. *web*, 2014.

²¹⁴ *Id. Ibid.*

²¹⁵ SCTur. Rua das Palmeiras. *web*, 2014.

Figura 35: Mercado Público Municipal.



Fonte: Fotos Lysandro Lima. Radar Sul, *web*, 2014.

A Casa Krüger abrigou por mais de 100 anos a família de Robert Krüger. Restaurado pela Prefeitura da cidade, o local presta informações sobre a cidade e a região. Feita em estilo enxaimel, a casa sofreu algumas mudanças desde 1890 e atualmente é de alvenaria e conta com um engenho de açúcar, um lago de contenção e um estaleiro para os animais. Há também algumas pinturas feitas com a técnica do estêncil e pinturas externas que retratam pequenas embarcações e paisagens europeias. No local é possível degustar produtos coloniais, desde geleias até aguardente²¹⁶.

Figura 36: Vista da Casa Krüger e detalhes de pinturas na parede.



Fonte: Fotos por Lysandro Lima. Radar Sul, *web*, 2014.

Destacam-se neste capítulo a grande riqueza de recursos naturais e a pluralidade cultural de Santa Catarina, com atividades artesanais exercidas em pequenas unidades produtivas e a utilização de técnicas manuais na composição do vestuário contemporâneo.

Evidenciam-se a rica história da imigração de Joinville e a herança cultural que os imigrantes trouxeram, marcada pelo hibridismo cultural. Percebem-se, ainda hoje, pequenas peculiaridades gastronômicas – com pratos genuinamente joinvilense – e artesanais com peças bordadas manualmente.

²¹⁶ SCTur. Casa Krüger. *web*, 2014.

Destacam-se neste capítulo a grande riqueza de recursos naturais e a pluralidade cultural de Santa Catarina, com atividades artesanais exercidas em pequenas unidades produtivas e a utilização de técnicas manuais na composição do vestuário contemporâneo.

Sobre Joinville, destaca-se o intenso processo de crescimento populacional referente à contínua migração de pessoas em busca de trabalho. Dos moradores, apenas 46% da população completou o ensino fundamental e aproximadamente 10% não completou o ensino médio.

Considerando-se os dados coletados no primeiro e no segundo capítulos, e levando em conta as bases teóricas de Bourdieu, práticas diferenciadas, focadas na capacitação para o trabalho, foram realizadas nos projetos Vida em Flor e SempreViva no fim do segundo semestre de 2013 e ao longo do ano de 2014. Esse é o mote do próximo capítulo.

Por fim evidenciou-se, neste breve histórico, que a cidade de Joinville está localizada num território que integra a paisagem natural com manguezais; Serra do Mar com cachoeiras e paredões; campos de altitude e florestas preservadas. Destacou-se que Joinville possui um moderno centro urbano e industrial, mas que também contém traços típicos, que a destacam como, por exemplo, jardins floridos e casas no estilo enxaimel. Destacou-se a rica história da imigração de Joinville e a herança cultural que os imigrantes trouxeram, marcada pelo hibridismo cultural. Diante desses atrativos, o município oferece diversificada programação cultural com festivais, shows de música, teatro e dança.

3 APLICANDO A TEORIA NA PRÁTICA

Esta investigação destaca a relevância de estabelecer uma relação social recíproca entre Design e artesanato. Não vislumbra dois segmentos opostos nem tampouco entende que o desenvolvimento moderno, com a evolução do saber culto do Design, tenha suprimido ou venha a suprimir as culturas populares tradicionais.

Canclini²¹⁷, ao teorizar acerca das culturas híbridas, esclarece que os estudos sobre artesanato, a partir do desenvolvimento moderno, mostram um crescimento do número de artesãos, do volume da produção e de seu peso quantitativo.²¹⁸ Como esclarece o referido teórico²¹⁹, mesmo sendo certo que, em algumas regiões, a incorporação da força de trabalho camponesa a outros ramos produtivos reduziu a produção artesanal, existem, por outro lado, povos que nunca tinham feito artesanato, ou apenas o fabricavam para autoconsumo, e que, nas últimas décadas, se iniciaram nesse trabalho para suportar a crise. De acordo com Canclini, o desemprego é outro dos motivos pelos quais está aumentando o trabalho artesanal, tanto no campo como nas cidades, deslocando, para esse tipo de produção, jovens procedentes de setores socioeconômicos que nunca trabalharam no ramo.

Por essa perspectiva, concebendo os saberes cultos do Design e os saberes populares do artesanato, em meio a uma relação social recíproca, marcada pelo hibridismo cultural, e tendo como pano de fundo a Teoria dos Sistemas Simbólicos, desenvolvida por Pierre Bourdieu, propõe-se, no terceiro capítulo, uma análise das práticas dos grupos integrantes dos projetos que visam à geração de trabalho e renda desenvolvidos pela Extensão Universitária da UNIVILLE. Na abordagem prática, os referenciais teóricos, destacados no primeiro e no segundo capítulos, serão confrontados com a pesquisa prática, sistemática, que objetiva romper com o senso comum ao estabelecer relações do objeto estudado com fatores externos (históricos, sociais, culturais, filosóficos, econômicos). Em suma, propõe-se um senso prático. Trata-se de uma tentativa de avaliar o mundo prático que se constitui

²¹⁷ CANCLINI, 2013. p. 214-215.

²¹⁸ “Um relatório do SELA calcula que os artesãos dos quatorze países latino-americanos analisados representam 6% da população geral e 18 % da população economicamente ativa. Uma das principais explicações do incremento, dada tanto por autores da área andina quanto mesoamericana, é que as deficiências da exploração agrária e o empobrecimento relativo dos produtos do campo impulsionam muitos povos a procurar na venda de artesanato o aumento de sua renda”. *Idem*.

²¹⁹ CANCLINI, 2013. p. 215.

na relação com o *habitus*, enquanto sistema de estruturas cognitivas e motivadoras.²²⁰

A pesquisa prática, foco deste terceiro capítulo, foi realizada em dois grupos específicos: Projeto Geração de Renda Vida em Flor e Geração de Renda: Grupo SempreViva²²¹. Os referidos grupos reúnem-se semanalmente nas dependências da UNIVILLE, com carga de quatro horas semanais, sendo orientados por professores dos cursos de Design (Moda, Produto, Gráfico) e Administração e apoiados por estudantes bolsistas e voluntários.

As reflexões aqui apresentadas, inicialmente, adentram nas questões estruturais e técnicas (as oficinas; os materiais) aplicadas ao longo dos anos de existência dos projetos; na sequência, confronta-se a teoria de apoio desta investigação com as referidas práticas dos grupos femininos (os projetos definidores das práticas); e, finalmente, esboça-se uma conclusão que, ultrapassando as metodológicas, comumente disseminadas nos cursos de design, considera os agentes produtores, sua história e sua cultura. Nesses moldes, acena-se para a possibilidade de uma relação social recíproca entre designer de moda e artesãos. Ou seja, não uma relação de dominação simbólica ou econômica, mas uma prática que, situada histórica e socialmente, confere devido valor a artesãos e designers de moda e promove o desenvolvimento sustentável, por intermédio de consideração ao meio ambiente na definição de técnicas, manejos e materiais elegidos.

3.a Oficinas e materiais

3.a.a Como eram

As oficinas, ao longo dos 7 anos de experiência dos projetos de geração de renda da UNIVILLE, eram planejadas conforme tópicos definidos pelos professores. Os assuntos abordados em sala ofereciam temas predefinidos, com aula expositiva e prática, conforme programação efetuada pelo docente responsável pela disciplina. Não havia conexão entre os conteúdos nem tampouco troca de informações acerca

²²⁰ BOURDIEU, 2013, p.88.

²²¹ Grupos apresentados e contextualizados no primeiro capítulo.

do teor das abordagens nas oficinas. Em certos casos, o bolsista do projeto deveria procurar o professor para entender o assunto tratado.

Os materiais utilizados eram adquiridos pelo projeto, não havendo preocupação com questões ambientais ou sustentabilidade. Um exemplo dessa desconsideração foram as práticas do projeto Vida em Flor em 2012. Com o tema praia, foram confeccionadas bolsas (Figura 37) para transporte de objetos utilizados à beira-mar. O tecido impermeável e o cordão sintético, usado para as alças, foram adquiridos em uma loja de tecidos na cidade, sem a preocupação de que esses materiais poderiam ser ambientalmente amigáveis, no caso, tecidos e cordões de algodão, ou mesmo por meio de reaproveitamento de outras matérias-primas descartadas.

A estampa das peças foram serigrafadas, conforme o tema proposto, de maneira seriada, sem a preocupação de customizá-las. Assim, como resultado, produziram mais um acessório temático, entre tantos existentes no mercado.

Figura 37: As peças foram serigrafadas com figuras que lembram o verão à beira-mar.



Fonte: Primária (2012).

Nessas turmas, as participantes aprenderam a utilizar as ferramentas e técnicas de design apenas de maneira a replicar o processo aprendido.

3.a.b Como ficaram a partir das reflexões teóricas

A partir das reflexões teóricas do presente projeto de pesquisa, as integrantes dos projetos passaram a participar do planejamento, contribuindo com suas ideias. O professor responsável começou a ouvir e enxergar, de maneira a instigar novas

possibilidades de utilização dos conhecimentos e vivência relatados pelas participantes.

Na troca de experiência por parte dos agentes (professores, estagiários e integrantes dos projetos), vislumbrou-se um diferenciado cenário para o aperfeiçoamento de novos artefatos.

Exemplificando: nas oficinas de programação visual realizaram-se investigações acerca das características e da coleta de materiais, como sementes, flores, galhos e folhas de plantas encontradas nos jardins ou ruas próximas do local de moradia das participantes. Em sala, com auxílio dos estagiários, fizeram-se o registro fotográfico e a catalogação da variedade das plantas. Essas informações serviram como inspiração na concepção de um artefato que pudesse transmitir personalidade e diferenciação em relação aos existentes no mercado, com produtos personalizados e customizados de acordo com a habilidade manual de cada integrante.

A disponibilidade de matéria-prima descartada e o uso racional dos recursos naturais de Joinville originaram a produção de artefatos ambientalmente amigáveis. Seja na reutilização de sobras de tecidos e de *banners*, ou na utilização da técnica de tingimento com plantas naturais, essas mudanças, no tocante a materiais e técnicas aplicadas nos projetos, serão mais bem exemplificadas ao longo deste terceiro capítulo.

3.b Projetos definidores das práticas

3.b.a Como eram

Anteriormente a esta pesquisa, as integrantes, capacitadas em projetos sociais, adotaram modos produtivos apoiados em metodologias do campo do design. Os projetos dos produtos a serem desenvolvidos eram definidos pelos professores, sem preocupação e consideração no que tange a recursos, técnicas e conhecimentos trazidos pelas participantes, moradoras de Joinville.

Escolhido o tema, o professor sugeria propostas de artefatos. Escolhida a peça, era então fabricada conforme a temática. Os recursos audiovisuais eram amplamente empregados, porém com a realidade diferente acerca do conhecimento e recursos ambientais de Joinville.

3.b.b Como passaram a ser a partir das reflexões práticas

Entende-se que a participação do grupo produtor, em todas as fases do processo produtivo, pode promover a valorização dos artefatos desenvolvidos. Por tal diretriz, destaca-se aqui a contribuição dos estudos relacionados ao design participativo.

Conforme evidencia Rosa²²², no design participativo a entidade “usuário” é incluída na equipe e participa ativamente de todas as fases do projeto, atuando como *codesigners*. Esse tipo de abordagem permite não só a identificação de necessidades e características dos usuários, como também compreender modelos mentais, *modus operandi* e, principalmente, suas experiências prévias, considerando que a participação dos atores locais é importante para o desenvolvimento de uma ação integrada, que gere resultados e soluções inovadoras e permanentes.²²³

O design participativo mostra-se conveniente para a atividade de desenvolvimento de produtos e também para a pesquisa e o ensino. Salienta-se, nesta abordagem, que projetos acadêmicos que consideram o design participativo podem promover condições para que aprendizes não fiquem limitados ao ambiente de sala de aula e tomem contato, diretamente, com a realidade dos usuários para os quais desenvolverão os produtos.²²⁴

Foi apontada, na metodologia utilizada no processo de coleta de informações sobre as características reconhecidas a respeito de Joinville, como no ano anterior, a vegetação encontrada na cidade. Assim, exemplares de galhos e flores de árvores e chás foram trazidos para análise e troca de informações, em sala. Foram citadas

²²² ROSA, 2013, p. 40.

²²³ MELLO, 2011, p. 108.

²²⁴ ROSA, 2013.

com ênfase as flores encontradas na cidade, bem como ressaltados o capricho e carinho com que são cultivadas. As integrantes fizeram questão de destacar que, diferentemente de outras cidades, temos o privilégio de morar próximo da serra e do mar, com a natureza ao alcance para contemplar e, agora, aprender com ela. Assim, durante as oficinas dos projetos, espécies de vegetação e até receitas de chás foram conhecidas e trocadas.

Foi possível perceber benefícios gerados por meio do conhecimento teórico e prático acerca da cidade de Joinville, sobretudo por intermédio do trabalho de campo realizado pelas integrantes, na coleta e registro da vegetação encontrada nas suas residências e na troca de informações acerca dessas plantas.

Observou-se, no estudo, a troca de conhecimento de técnicas e ferramentas artesanais para a composição de artefatos autênticos, representando as características locais aliadas ao compartilhamento de saberes artesanais trazidas pelas integrantes.

Como resultado, identificou-se que a comunidade atendida, a partir da aplicação das práticas fundadas na teoria do design participativo, se apropria de sua identidade e passa a imprimir um novo olhar em sua realidade. Assim, compreende-se que deverá ser ela própria a protagonista responsável pelo desenvolvimento local, de forma responsável, participativa e comprometida com os recursos naturais presentes no bairro, permitindo-se, por meio do design participativo, a autoria nas decisões que afetam os agentes, em vez da imposição de decisões externas.

3.c Experiência prática nos dois anos de desenvolvimento da pesquisa de mestrado

Discorre-se a seguir o processo de desenvolvimento de novos artefatos, integrando-se ferramentas e tecnologias acadêmicas, do campo do design de moda, com os conhecimentos populares de técnicas, processos e materiais locais, compreendendo em tais práticas a relevância de estabelecer uma relação social recíproca.

3.c.a Projeto SempreViva desenvolvido em 2013

O projeto SempreViva, conforme já detalhado no capítulo 1, é constituído por mulheres oriundas de bairros variados de Joinville que, após cadastro e seleção feitos pela Secretaria de Assistência Social, passam a ser capacitadas (para a geração de trabalho e renda) pela equipe de professores e estudantes vinculados à área de extensão da UNIVILLE.

Das mulheres que participam do projeto (todas cadastradas pela Secretaria de Assistência Social e integradas ao Programa de Incentivo às Organizações Produtivas), aproximadamente 70% não nasceram em Joinville (Apêndice B, Gráfico 4). Algumas vieram quando crianças, porém a maioria já adulta, acompanhada por parentes (pai, mãe ou marido) para trabalhar no município, principalmente de cidades do interior de Santa Catarina e Paraná. Silva²²⁵ argumenta:

Atualmente, outras pessoas, advindas das mais diversas regiões do país, desenham novos contornos para a cidade, modificando suas feições. Joinville hoje é plural, multiforme, cuja polifonia ecoa diferentes sons. Sons, fragmentos e formas que possibilitam a construção de outras histórias, outras escritas...²²⁶.

Filhas, irmãs ou esposas desse fluxo migratório²²⁷, com pouco estudo e sem qualificação profissional, algumas não conseguiram inserir-se no mercado de trabalho e outras preferiram cuidar da educação dos filhos (Apêndice B, gráficos 4, 5, 6 e 7).

Como donas de casa, cuidam dos afazeres domésticos e encontram tempo, conforme investigação sobram habilidades individuais (Figura 55 e Apêndice B, gráfico 10), para praticar técnicas manuais como crochê, tricô, macramê, bordado, fuxico ou *patchwork*. Muitas enxergam nesses trabalhos uma alternativa de complemento de renda da família, pois vendem as peças para familiares ou amigos.

²²⁵ SILVA, Janine Gomes da. **Tensões, trabalhos e sociabilidades: histórias de mulheres em Joinville no século XIX**. Joinville: Univille, 2004.

²²⁶ *Id. Ibid.* p. 210.

²²⁷ Em março 2010, um levantamento por amostragem com pessoas que têm filhos e vivem em Joinville revelou que 57% dos entrevistados nasceram em outro lugar. Pouco mais de 24% em outras cidades catarinenses e 23% nasceram no Paraná. IPEA, *web*, 2014.

Fato reconhecido nas páginas do livro *Fios e Fibras*²²⁸, que destaca que ao procurar o artesanato as pessoas encontram mais do que um ganho ou um “bico”, encontram uma atividade fascinante, uma prática que entusiasma. “O artesanato é trabalho? É sim! Mas também é distração, lazer, maneira de fazer novos amigos, ampliar o conhecimento do mundo, oportunidade de expressar o próprio gosto, inventar”²²⁹.

Considerando-se a realidade migratória, característica do grupo SempreViva, e procurando-se valorizar a cidade em que vivem, foi pontuada²³⁰, em sala de aula em 2013, a característica principal que Joinville passa para cada integrante (Figura 38). As características mais citadas foram: florida, chuvosa, quente, hospitaleira, com muita vegetação, rios e baía, perto da praia.

Figura 38: Resumo da investigação realizada com as integrantes sobre as características de Joinville, produtos que poderiam compor esse cenário e principais habilidades manuais das integrantes.

Habilidades	Plantas	Flores	Sementes	O que Joinville é para mim?
Patchwork/Patchcolagem	Babosa	Ipê	Pata de vaca	Empresa
Crochê	Cica	Bromélia	Palmito	Vegetação
Tricô	Palmeira	Bananeira	Caperovu	Imigrantes
Fuxico	Palmito	Hortência	Pitanga	Chuva
Pintura	Fícus	Bocaville	Papuã	Rios/baía
Bordado: ponto cruz, rococó, russo, pedraria, oitinho...	Ipê	Diplodêmia	Girassol	Umidade
	Bromélia	Hemerocales	Acerola	Educação universitária
	Bananeira	Girassol	Capiá	Cultura bancária
	Manacá	Orquídea	Maracujá	Hospitaleira
	Comigo-ninguém-pode	Margarida	Arroz	Dança
	Cactos	Lírio	Abacate	Bicicleta
	Abacaxi de jardim	Bico de papagaio	Abóbora	Florida
	Bambu	Antúrio	Mamona	Príncipe
	Pata de vaca	Amor perfeito	Feijão	Maravilhosa
	Arrozeira	Rosa		Medicina
Cedro			Produto (acessório/decoração)	
Jacatirão			Capa de chuva	Cabide
Espada de São Jorge			Almofada	Manta sofá
			Sombrinha	Guirlanda
			Canga/toalha	Cachepô
			Chapéu	Colar
			Acessório de cabelo	Móbile
			Tapete	

Fonte: Primária (2013).

O grupo integrante do SempreViva efetuou levantamento acerca da vegetação característica de Joinville. Diante da investigação a respeito de vegetação, além da que é encontrada em morros e parques, percebe-se que as

²²⁸ SENAC.DN. Fios e Fibras. 2002. p. 8.

²²⁹ *Id. Ibid.*

²³⁰ Processo no qual cada integrante menciona quais características principais são reconhecidas na cidade.

integrantes tinham em suas residências quintais providos de diversas plantas. Assim, árvores e sementes de ipês, jacatirões, abacateiros, pitangueiras e palmeiras foram citados. Destacaram-se, ainda, flores como hemerocales, orquídeas, lírios, ipês, margarida e girassol.

Figura 39: Sementes, flores e árvores encontradas em Joinville e citadas pelas integrantes.



Fonte: Primária (2013).

Propôs-se, então, uma pesquisa acerca das plantas encontradas nas residências das participantes. Em seguida, fizeram-se coleta e consequente apresentação, em sala de aula, das folhas, flores e sementes colhidas. Nessa oficina, como mostra a Figura 40 (conforme autorização de uso da imagem disponível no Apêndice D), as integrantes socializaram diferenciados tipos de formas, cores e texturas representativos dos elementos visuais a serem utilizados na proposta do produto.

Figura 40: Formas representativas das plantas encontradas nas residências das integrantes. Elas foram primeiramente desenhadas, em seguida reveladas nas telas serigráficas e, por fim, serigrafadas, como teste, nos tecidos.



Fonte: Primária (2013).

Numa outra abordagem, levantou-se um questionamento acerca das habilidades manuais que cada integrante dispunha²³¹. Técnicas manuais (Figura 46) como crochê, *patchwork* e bordados (pontos: russo, rococó, oitinho, cruz e pedraria) foram citadas.

Das características de Joinville levantadas pelas integrantes, destacaram-se: cidade hospitaleira, florida, quente, próxima de rios e praias.

Com base em todas as considerações levantadas, o grupo foi desafiado a propor um projeto coerente com a pesquisa das características abordadas sobre Joinville. A escolha do artefato deu-se a partir do levantamento das habilidades técnicas das agentes produtoras (havia uma chapeleira no grupo), características geográficas da cidade, bem como materiais disponíveis. Decidiu-se projetar um acessório, chapéu, para proteção contra os raios solares, contemplando um público feminino que resida ou visite a cidade em direção às praias.

Considerando-se a pesquisa anterior, a base dos chapéus femininos contemplou os tons de cru e verde. As peças foram serigrafadas de forma artesanal com galhos e folhas inspiradas na vegetação trazida das suas residências e depois customizadas, pois cada integrante optou por técnicas manuais individuais, como fuxico e bordados, em cores inspiradas nas flores encontradas nos jardins, como margaridas, girassóis, orquídeas e ipês, como mostram as figuras 41 e 42 (apresentação e ensaio fotográfico das peças prontas).

Figura 41: Chapéus de praia customizados, ancorados nas habilidades manuais individuais de cada integrante, como fuxico e bordados.



Fonte: Primária (2013).

²³¹ Nesse momento, a técnica manual que a integrante domina para customização da peça.

Figura 42: Primeiro ensaio fotográfico da aluna de Moda Larissa Trentini, com as peças prontas.



Fonte: Primária (2013).

Com apoio na análise de experiência prática com integrantes de Joinville, fomentou-se um novo reconhecimento das ferramentas do design, com abordagem participativa baseada nas características da cidade de Joinville e nas técnicas artesanais conhecidas pelas participantes do projeto.

Em relação ao meio ambiente da cidade de Joinville, pode-se dizer que a cobertura florestal no município é densa, representada pela última grande ocorrência de Mata Atlântica do Sul do país. Os atrativos naturais são de excepcional beleza e extremamente diversificados, podendo-se escolher entre a Baía da Babitonga, com o canal do Palmital e seus mangues, e a Serra do Mar com suas cachoeiras que despencam das suas encostas e paredões de rocha, como o Castelo dos Bugres, além dos campos de altitude e florestas de araucárias. Tudo isso num trecho de menos de 30 quilômetros em linha reta²³². Particularidade percebida e apontada no decorrer do projeto no ano de 2013.

Como diferencial, no processo de coleta de informações acerca do território, no caso Joinville, muitas citaram a vegetação encontrada em morros e parques. As integrantes tinham em suas residências quintais providos de plantas. Assim, como trabalho de campo, elas puderam colher e trazer para compartilhar com a turma exemplares de flores, folhas e frutos. Com isso, foi possível mapear e registrar

²³² Joinville: 150 anos, 2001. p. 73. O meio ambiente e a sua dinâmica na região de Joinville – Pelas doutoras e professoras: Mônica Lopes Gonçalves e Therezinha Maria Moraes de Oliveira.

imagens de espécies de plantas conhecidas e preferidas por parte dos moradores de Joinville.

Participando direta e ativamente do processo de desenvolvimento do projeto, aqui exemplificado nos chapéus para praia customizados artesanalmente, elas obtiveram, no transcorrer do processo, a oportunidade da troca de informações e experiências, possibilitando o aprimoramento das suas habilidades manuais.

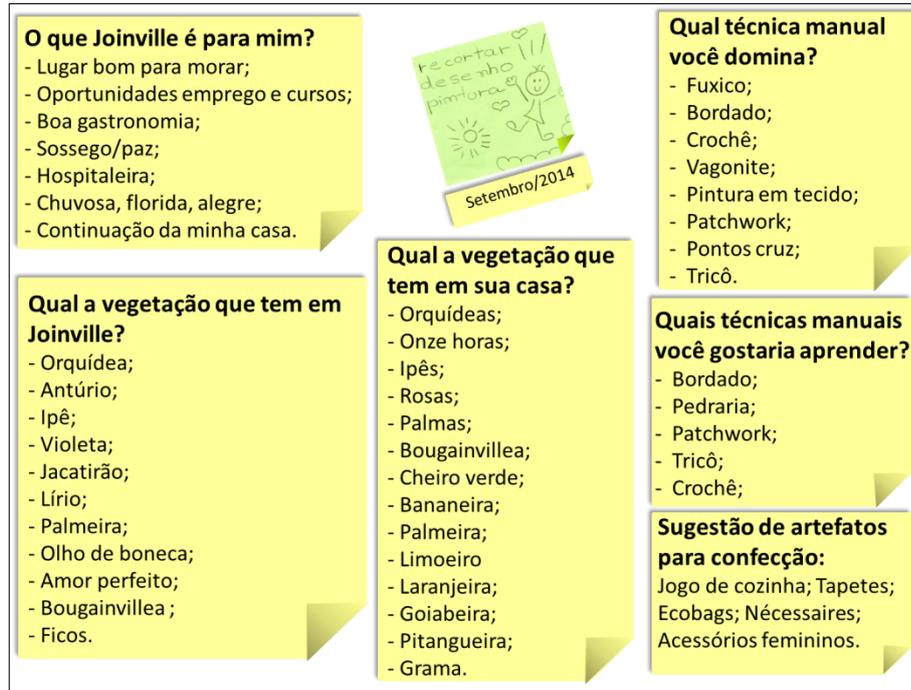
Ao compreender o trabalho do designer como um produtor, objetivou-se, no desenvolver da pesquisa, apresentar o contexto no qual esse agente está inserido, da mesma forma que todas as instâncias que o objeto, bem como o produtor, está submetido até a legitimação do design. Ou seja, diferentemente de uma concepção individual, a pretensão aqui exposta foi de mostrar o quanto o design é uma representação social: como ele se estrutura a partir da sociedade e como ele também reproduz a sociedade²³³.

3.c.b Projeto 'SempreViva' desenvolvido em 2014

Nessa turma, conforme levantamento, significativo percentual veio de outras cidades. Algumas nasceram em Joinville e outras vieram de cidades desenvolvidas do interior de Santa Catarina. Assim, foram apontadas, em sala, as principais características conhecidas pelas integrantes sobre a cidade que escolheram para morar: uma cidade tranquila, hospitaleira e com oportunidades de empregos e estudo. Como no ano anterior, a principal característica observada na oficina de linguagem visual foi a vegetação presente em Joinville, visto que a maioria mora em residências com espaço para quintais e hortas (Figura 43):

²³³ DALLA ROSA JUNIOR. A representação social da produção de Ronaldo Fraga: os lugares da memória. *web*, 2014. p. 4.

Figura 43: Resumo da investigação realizada em 2014 com as integrantes sobre as características de Joinville, produto que poderiam compor esse cenário e as principais habilidades manuais das integrantes.



Fonte: primária (2014).

Pela pesquisa feita, confere-se o carinho com que são cuidadas as residências das integrantes. Trata-se de uma característica reconhecida pelo cuidado das ruas e jardins (público ou privado) de Joinville.

Com espaço para quintais, as residências das integrantes são providas de diversas plantas. Assim, diferentes plantas, árvores e flores foram citadas (Figura 44). Muitos comentários e histórias puderam ser trocados, assim como receitas de chás e sobre mudas das plantas.

Figura 44: Análise das plantas e sementes encontradas nas residências das integrantes.



Fonte: Primária (2014).

Na oficina de linguagem visual, puderam conhecer diferenciados tipos de texturas, formas e cores característicos dos elementos visuais a serem empregados na proposta do produto. Ainda, tonalidades terrosas e cores como amarelo, vermelho, roxo e verde foram encontradas, seguidas das formas orgânicas das sementes, como abacate e abóbora.

Figura 45: Análise das tonalidades das flores, sementes e galhos encontrados nas residências das integrantes do projeto.



Fonte: Primária (2014).

Posteriormente, puderam reconhecer e desenhar as formas das espécies trazidas para sala de aula (Figura 46). Depois foram feitas fotocópias para escolha e análise dos vegetais, logo em seguida puderam desenhar o formato dos galhos, folhas e flores. Observou-se preferência, por parte das integrantes, pelas flores das plantas trazidas.

Figura 46: Formas representativas das plantas encontradas nas residências das integrantes.

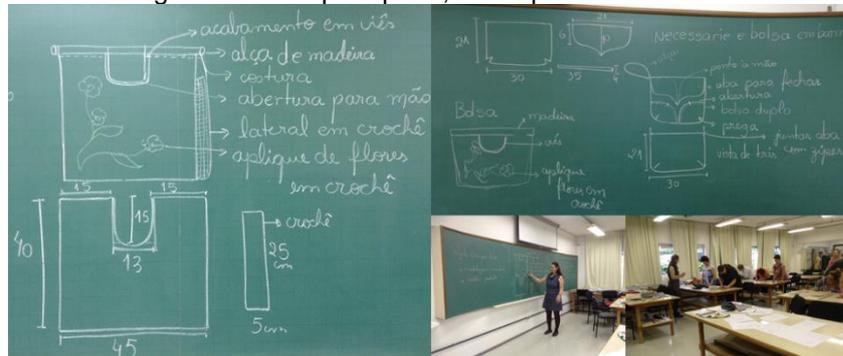


Fonte: Primária (2014).

Em seguida, as técnicas manuais (Figura 43), como crochê, *patchwork* e bordados, foram analisadas, bem como as habilidades que gostariam de aprender, compartilhando os saberes com as colegas do projeto.

Como o projeto foi idealizado próximo ao verão, optou-se em projetar um acessório feminino para transporte e proteção de produtos básicos que comportam uma bolsa para praia, rio ou piscina, como mostra a figura 47.

Figura 47: Projeto e modelagem da bolsa para praia, rio ou piscina.



Fonte: Primária (2014).

Na perspectiva em projetar uma bolsa para praia, uma problemática foi abordada. Alguns modelos não protegem porque são confeccionados com materiais que molham e sujam os itens que são levados.

Objetivando-se projetar uma bolsa funcional e que proteja os produtos, como toalhas e protetor solar, foi trabalhada em sala a possibilidade de desenvolvimento de produtos cuja matéria-prima principal fosse *banners* descartados pela UNIVILLE (Figura 48). Pretendeu-se, por meio de tal escolha, amenizar o impacto causado pelo descarte desses materiais utilizados como alternativas de comunicação e divulgação das ações sustentáveis da instituição, servindo como incentivo para o desenvolvimento de consciência ambiental.

Figura 48: *Banners* descartados e processo produtivo da bolsa: modelagem; corte; encape com tecido cru; aplicação do acabamento das bordas (viés ou ponto caseado); colocação das laterais (tecido ou crochê); dobra e costura para colocação das alças de madeira.



Fonte: Primária (2014).

No processo do reaproveitamento dos *banners*, notou-se que os bastões de madeira e as ponteiros seriam descartados. A proposta, por parte das integrantes, foi reutilizar esses suportes como alças, conforme projeto preliminar. As ponteiros plásticas, por sua vez, serviram como acabamento das alças de madeira.

Figura 49: Bastões de madeira e ponteiros plásticos dos *banners* foram utilizados para fazer as alças das bolsas.



Fonte: Primária (2014).

Outro material que acompanha os *banners* são os cordões para pendurá-los. Trata-se de cordas de náilon, em média de 1,5 cm de comprimento, que também seriam descartadas. A proposta diante desse material foi utilizá-lo acompanhado por um mosquetão como porta-chaves. Assim, estas não se “perdem” em meio aos utensílios transportados dentro da bolsa (Figura 50).

Figura 50: Porta-chaves feito do cordão de náilon usado para pendurar o *banner*.



Fonte: Primária (2014).

Na intenção de personalizar para um público feminino que deseja exclusividade nas peças com um toque artesanal, realizaram-se de forma participativa oficinas (Figura 51) de troca de conhecimentos a respeito de técnicas manuais, como o crochê. Pontos básicos e diferenciados foram trocados e/ou ensinados entre as integrantes.

Figura 51: Oficina na qual integrantes, professores e bolsistas trocaram conhecimento sobre a técnica do crochê para customização das bolsas.



Fonte: Primária (2014).

Voltado ao projeto de um produto para o público feminino que aprecia o lazer junto à água para diminuir o calor dos dias quentes do verão e anseia por produtos ambientalmente amigáveis e que transmitam esse zelo por meio de um artefato confeccionado artesanalmente, foram desenvolvidas bolsas para a praia ou piscina. A base da bolsa agracia o tecido no tom cru, remetendo à natureza; forro confeccionado com lona de *banner* para o reforço e cuidado dos pertences no transporte e acondicionamento dos objetos; alças reaproveitando-se os bastões de madeira e ponteiros plásticos; cordão de náilon usado como porta-chaves e que seria desprezado. As bolsas foram customizadas artesanalmente com o crochê e patchcolagem, inspiradas no título “Cidade das Flores”, como é conhecida a cidade de Joinville. Algumas laterais e revestimento das lonas dos *banners* foram confeccionados em crochê, dependendo da habilidade de cada integrante (Figura 52).

Figura 52: Bolsas para praia ou piscina confeccionadas pelas integrantes do projeto SempreViva em 2014.



Fonte: Primária (2014).

Destaca-se a variedade das técnicas de acabamentos das alças, ponteiros e laterais das bolsas. De tecido ou crochê, costura à mão ou máquina, colagem ou aplicação, de acordo com o procedimento escolhido para customização (Figura 53).

Figura 53: Diversidade nos acabamentos (crochê, encape, ponto caseado e costura à máquina) das alças e ponteiros, bem como no fechamento das laterais das peças.



Fonte: Primária (2014).

Diante dos produtos confeccionados, acrescenta-se que foram ministradas oficinas de administração, marketing e custos, no intuito de valorização e precificação dos produtos em relação aos concorrentes presentes no mercado.

No encerramento, realizado no dia 4 de dezembro, as protagonistas do projeto SempreViva apresentaram para o público presente (composto de autoridades da Prefeitura, Secretaria de Assistência Social e UNIVILLE; parentes e amigos das integrantes; professores, colaboradores e bolsistas) as bolsas produzidas e customizadas por elas em 2014. A Figura 54 mostra as integrantes orgulhosas em produzir e mostrar aos presentes os protótipos prontos.

Figura 54: Integrantes estavam orgulhosas em apresentar aos presentes as bolsas produzidas. Professoras, colaboradoras e bolsistas do projeto na foto de encerramento, realizado nas dependências do Anfiteatro 1 da UNIVILLE. Em destaque a professora Elenir premiando a Sra. Márcia Vieira Coelho, como a autora da bolsa que mais retratou a cidade, conforme escolha entre as próprias integrantes.



Fonte: Primária (2014).

É interessante observar que, mesmo com o emprego de maquinário industrial, algumas participantes optaram em costurar as laterais das bolsas à mão, por meio do ponto caseado. Outras perceberam que as ponteiros plásticas não condiziam com a caracterização da bolsa personalizada, preferindo-se fios ou tecidos para o acabamento.

3.c.c Projeto Vida em Flor desenvolvido em 2013 e 2014

O projeto, conforme especificado no capítulo 1, é constituído por mulheres oriundas de cidades do interior do Paraná e Santa Catarina que residem no bairro Ulisses Guimarães, propriamente no Loteamento José Loureiro, área de terra invadida e em processo de regularização dos lotes. Local próximo do mangue, e as famílias serão realocadas em condomínios residenciais, construídos em parceria com o Governo Federal (PAC).

Tendo como pano de fundo a Teoria dos Sistemas Simbólicos, desenvolvida por Pierre Bourdieu²³⁴, que propõe uma análise das práticas dos grupos a partir de conceitos-chave (campo, *habitus* e capital simbólico), desenvolveu-se a aplicação prática com as turmas dos projetos **Vida em Flor** durante o segundo semestre de 2013 e o primeiro semestre de 2014.

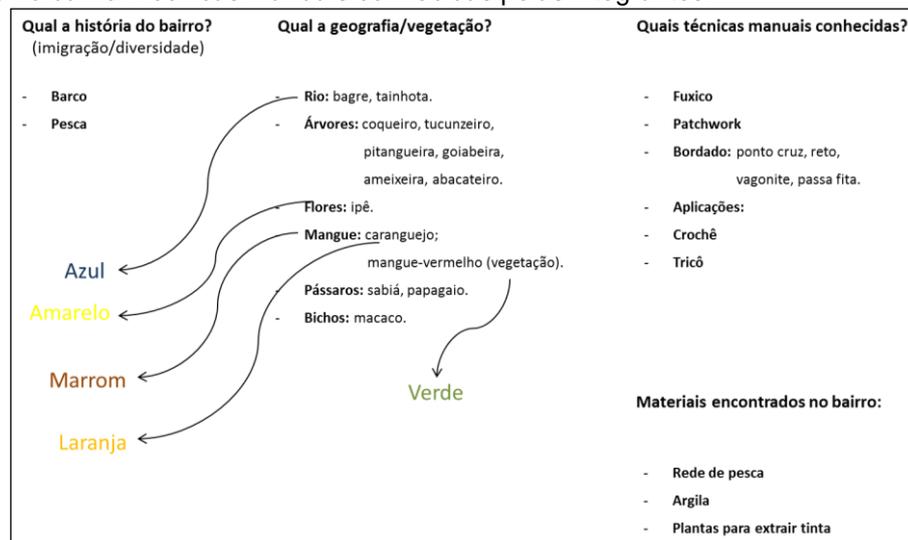
Com base nas reflexões da presente pesquisa, em 2013 deu-se início a uma nova proposta no que diz respeito a ações para a valorização local. Assim, o projeto Vida em Flor desenvolveu nas dependências da UNIVILLE oficinas com mulheres oriundas do bairro Ulysses Guimarães (população: 9.418 – Estimativa Ippuj, 2010²³⁵), Loteamento José Loureiro (local invadido e próximo ao mangue) de Joinville. Por meio das atividades proporcionadas aos integrantes, com foco em modelagem e costura, os agentes produtores tiveram acesso a conhecimentos técnicos e estéticos em projeto de produto, projeto de programação visual e estampa.

²³⁴ BOURDIEU, 2002.

²³⁵ IPPUJ: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Joinville. *web*, 2014.

Preliminarmente, incentivou-se em sala de aula que os integrantes falassem sobre o local em que moram. Foram montados mapas mentais com as principais características do bairro e quais técnicas artesanais eram de conhecimento ou domínio do grupo. A Figura 55 mostra o resumo da apuração.

Figura 55: Investigação realizada com os integrantes sobre as características e os materiais encontrados no bairro. Técnicas manuais conhecidas pelas integrantes.



Fonte: Primária (2013).

No intuito de valorizar o bairro, foram realizadas oficinas de projeto de programação visual no local onde residem, distante cerca de 7 km do centro da cidade. Primeiramente os integrantes foram instigados a conhecer o ambiente onde moram. Mais precisamente, a olhar de maneira diferenciada e observar a importância da preservação de uma área tão próxima ao mangue. Numa primeira pesquisa de campo, feita pelos professores, estagiários e integrantes do projeto, fotografaram-se (Figura 56) a fauna e flora do bairro, margeados pelo Rio Velho, braço da Baía da Babitonga.

Figura 56: Registro fotográfico do Rio Velho.



Fonte: Primária (2013).

Em seguida, nas dependências da Univille, os integrantes puderam trocar informações e experiências acerca do local onde vivem. Num primeiro momento, com material visual, puderam conhecer a geografia e história do bairro. Chamou a atenção o fato de 90% dos integrantes não saberem quem foi o político e advogado agraciado com o nome do bairro (Ulysses Guimarães). Em seguida, sobre a população do bairro ser jovem, com cerca de 50% (Censo IBGE 2010) com idade de até 24 anos (Figura 57). E por último, o quanto o local onde habitam é envolvido por manguezais que abrigam rica representação da fauna e flora de nossa região.

Figura 57: Vista parcial do número elevado de crianças presentes no bairro. Nota-se ao fundo a vegetação do manguezal junto ao Rio Velho – Dia das crianças 2013 Univille/Prefeitura.



Fonte: Primária (2013).

Com o encerramento do segundo semestre das atividades do projeto Vida em Flor, realizado em 2013, nova turma foi formada no primeiro semestre de 2014, com remanescentes e novos integrantes do Loteamento Jardim Loureiro. Nas oficinas, com foco na modelagem e costura, confeccionaram-se novas peças de vestuário, com foco na cidade de Joinville, como visto a seguir:

Como percebido no 2.º semestre do ano anterior²³⁶, os participantes poucos sabiam sobre Joinville. Nas oficinas, conheceram a história, geografia e infraestrutura do município, por meio de vídeos e fotografias. Em seguida, foram instruídos na busca de ilustrações (Figura 58) que retratassem Joinville.

²³⁶ Pouco ou nada sabiam sobre o bairro que residem.

Figura 58: As integrantes confeccionaram painéis retratando Joinville com ilustrações de flores, danças, bicicletas, paisagens e arquiteturas.



Fonte: Primária (2014).

No processo de análise e interpretação dos painéis, colheram-se ilustrações das características da cidade, colocadas à disposição para inspiração na customização de uma peça (saia infantil) de vestuário.

Figura 59: Peças customizadas, tendo como inspiração as características de Joinville, como uma cidade chuvosa, dispoendo de uma arquitetura bonita em meio a jardins floridos.



Fonte: Primária (2014).

O projeto Vida em Flor investiu no desenvolvimento de vestuário representativo dos elementos visuais locais (linhas, formas, cores e texturas). Em sua execução, saberes relativos ao campo do design de moda (modelagem, costura e estamparia) evidenciaram o desenvolvimento amigável do processo produtivo, investindo na aplicação de tintas naturais, extraídas de vegetais encontrados pelos integrantes no próprio bairro, e priorizando a valorização dos produtos por meio de aplicação de técnicas artesanais manuais, nas “sobras” de tecidos retiradas no corte da peça do vestuário.

Figura 60: Aproveitamento e tingimento natural (com açafão-da-terra) das sobras de tecido no corte da camiseta, na customização da bermuda, com aplicação de fuxicos.



Fonte: Primária (2013).

O projeto de produto foi direcionado ao público jovem, feminino, altamente presente no bairro. Foram desenvolvidas bermudas e camisetas. A base das bermudas contempla os tons de verde e azul, encontrados na vegetação, rios e canoas de pescadores. As peças foram customizadas, pois cada integrante optou por técnicas ancoradas em habilidades manuais individuais, como fuxico, macramê e patchcolagem (Figura 55). A técnica de macramê (representativa das redes de pesca) foi obtida por meio do tingimento natural do açafão (Figura 61). As flores de fuxico e canoa de patchcolagem foram confeccionadas a partir das sobras dos tecidos tingidos com açafão e urucum. Os detalhes dos miolos dos fuxicos, da rede de pesca e vela da canoa foram adornados com sementes naturais de açáí.

Figura 61: Bermudas customizadas ancoradas em habilidades manuais individuais de cada integrante, como fuxico, macramê e patchcolagem.



Fonte: Primária (2013).

Na personalização das bermudas, chamou a atenção a confecção da rede. Na oficina ministrada pela bolsista Daiane Fontana, puderam aprender e conhecer uma nova maneira de confeccionar a rede para enfeite das peças. Nela, a estudante destacou que aprendeu essa habilidade (desmanche de toalhas de algodão para utilização dos fios) com sua avó e acrescentou que viaja nas férias para aprender novos conhecimentos a respeito do fazer manual. Nota-se então quão valioso é o aprendizado com os mais velhos, especialmente para estudantes de moda que

conseguem enxergar a importância das técnicas artesanais nos produtos contemporâneos.

Figura 62: Tingimento natural com açafraão-da-terra e urucum (sobras de tecidos e linhas de algodão cru). Última foto: técnica para a confecção da rede, com tear artesanal utilizando madeira descartada e pregos.



Fonte: Primária (2013).

As camisetas femininas foram tingidas com a técnica de *tie dye*. Cada integrante escolheu a dobradura que melhor combinasse com a customização diante da bermuda pronta. O resultado foi visto na exposição das peças na formatura das turmas de capacitação de trabalho e renda do bairro Ulisses Guimarães, realizada na própria universidade, conforme mostra a figura 63:

Figura 63: Exposição das peças customizadas na cerimônia de formatura e entrega de certificados aos integrantes (de pé) do projeto Vida em Flor do bairro Ulisses Guimarães (Loteamento Jardim Loureiro).



Fonte: Primária (2013).

Notou-se nas oficinas grande interesse em aprender as técnicas existentes na montagem das peças de vestuário em tecido plano (bermuda) e malharia (camiseta), como também criatividade individual acerca das habilidades manuais (Figura 55, sobre técnicas manuais conhecidas) na aplicação de adornos nas bermudas, em que cada integrante empregou técnicas diferenciadas para expor o tema.

3.c.c.a Materiais e técnicas aplicadas nos artefatos produzidos pelo Projeto Vida em Flor em 2014

Percebeu-se o interesse em aprender técnicas existentes na estamparia de diferentes tipos de tecidos. Nessa fase, foram estampados tecidos sintéticos inspirados nas flores hemerocales²³⁷, presentes nos jardins e áreas verdes da cidade:

Figura 64: Tecidos estampados tendo como inspiração as cores das flores hemerocales encontradas em Joinville.



Fonte: Primária (2014).

Diante do reaproveitamento de sobras de tecidos na customização das peças do vestuário, em 2014 elegeu-se, para confecção, um vestido na tonalidade azul, remetendo a água (chuva, rio e mar). As flores foram evidenciadas nas singelas customizações das peças femininas, para mulheres cultas e independentes²³⁸, na faixa etária dos 20 aos 40 anos de idade.

Figura 65: As integrantes de maneira espontânea e criativa customizaram suas peças com pedaços e orelhas dos tecidos, descartados durante o corte do vestido.



Fonte: Primária (2014).

²³⁷ Nome científico: *hemerocallis*. 13º Festival Brasileiro de *Hemerocallis*. *web*, 2014.

²³⁸ Percebe-se na segmentação, por partes dos integrantes, a importância da mulher que trabalha fora de casa, aqui retratada como independentes.

Tratando-se do tecido plano, parte da turma percebeu uma utilidade criativa para a orela²³⁹, descartada durante o corte, na ornamentação dos vestidos. Com ela, podem-se personalizar os modelos, de maneira singular e imaginativa, na composição de desenhos retilíneos, encontrados no detalhe dos telhados na arquitetura enxaimel²⁴⁰, e orgânicos, presentes nas flores e caminhos dos jardins de Joinville.

Figura 66: Customização dos vestidos com orelas dos tecidos, descartados durante o corte das peças. Material resistente e que não desfia.



Fonte: Primária (2014).

Apoiando-se na análise de uma experiência prática com integrantes procedentes do bairro Ulisses Guimarães, mais precisamente do loteamento José Loureiro, tendo como foco modelagem e costura, promoveu-se o reconhecimento das ferramentas do design de moda, de forma participativa, de modo a buscar valorização do território, transmitida por meio da confecção de peças do vestuário que representem características do local onde residem.

Investiu-se no desenvolvimento de vestuário feminino representativo dos elementos visuais encontrados no bairro, com ancoragem em habilidades manuais individuais encontradas no grupo, somadas a técnicas de tingimento natural de tecidos que seriam descartados.

²³⁹ Borda dos tecidos.

²⁴⁰ Técnica de construção trazida pelos colonos europeus na colonização de Santa Catarina. Detalhe na figura 49 do Pórtico de Joinville/SC.

Bourdieu²⁴¹ reitera que os *habitus* propiciam as diferenças nas práticas dos agentes, ou de seus grupos, em meio ao campo.

Percebe-se no estudo que, em Joinville, a herança cultural marcada pelo hibridismo cultural é acentuada, já que a cidade comporta pessoas provenientes de outras localidades, estimuladas pela característica industrial e universitária do município. Dessa forma, como bem esclarece Bourdieu, constatou-se que não basta analisar o objeto de estudo, isoladamente, faz-se necessário considerar o campo no qual o agente está incluído e o sistema simbólico nele estabelecido.

Dessa maneira, observaram-se os benefícios propiciados mediante o conhecimento teórico e prático acerca do bairro e da cidade em que os agentes estão inseridos. Procurou-se, por meio das ferramentas do design de moda, a valorização da localidade, representada na confecção de artefatos que carregam características presentes do local onde residem.

Constata-se que, a partir da aplicação das ações fundadas na teoria do design participativo, as integrantes passaram a reconhecer a sua identidade e começaram a ter um novo olhar sobre a sua realidade. Considera-se que deverá ser “ela própria”, conforme atividades dos projetos, a protagonista responsável pelo desenvolvimento local, de forma participativa e comprometida com os recursos naturais presentes no município. Nota-se que com as ferramentas apropriadas as pessoas se unem, são criativas, se manifestam e participam do processo de design, levando à colaboração e à inovação, buscando-se a adaptação da cultura do agente ao novo ambiente.

Percebem-se, por meio da participação nos projetos, a força e a determinação dos integrantes, que investem esforços para expandir seu horizonte de saberes e contribuir com a ampliação da renda familiar.

²⁴¹ BOURDIEU, 2013.

CONCLUSÃO

A investigação 'Design de Moda e Artesanato: uma relação social recíproca' objetivou verificar a contribuição dos estudos fundados na abordagem social, para o campo do Design de Moda, visando aplicabilidade junto a projetos que visam geração de trabalho e renda, por meio de processos artesanais. O estudo identificou e analisou potencialidades de colaboração entre professores e estudantes de design e grupos femininos, integrantes de projetos de extensão universitária, primando pela integração de ferramentas e tecnologias acadêmicas com conhecimentos populares de técnicas, processos e materiais locais.

O desenvolvimento da pesquisa, apoiada na teoria dos sistemas simbólicos de Pierre Bourdieu, destacou a relevância de estabelecer-se uma relação social recíproca, marcada pelo hibridismo cultural, entre designers e artesãos. Investindo na conceituação do campo do Design de Moda, pelo viés sociológico, contextualizou as práticas de designers de moda em Santa Catarina e destacou o caráter multicultural do Estado. Nesse processo, enfatizou a produção cultural e mercado local da cidade de Joinville, onde os agentes produtores estão inseridos.

A pesquisa foi aplicada junto aos projetos de geração de renda 'SempreViva' e 'Vida em Flor'. Esses projetos, destinados a um público feminino - na grande maioria constituído por mulheres de baixa renda, cadastradas na Secretaria de Assistência Social de Joinville - são vinculados ao departamento de Design da Universidade da Região de Joinville/UNIVILLE e desenvolvidos pela Extensão Universitária.

O primeiro capítulo, intitulado 'CONTEXTUALIZANDO O CAMPO DE ESTUDO' apresentou as agentes produtoras e os demais agentes envolvidos, como professores e estudantes do curso de Design da UNIVILLE (principalmente, da linha de formação em Moda). Evidenciou que o agente é o ser que participa e pleiteia, dentro do campo de interesses.

Neste primeiro capítulo, foram relatados os históricos dos projetos 'SempreViva', 'Vida em Flor' e 'AmaViva', que capacitam mulheres de pouca

escolaridade e com dificuldade de inserção profissional, para geração de trabalho e renda, por meio de conhecimentos teóricos e práticos, relacionados ao campo do Design. Em seguida, o capítulo apresentou os financiadores responsáveis pelo investimento e concretização dos projetos, como a Universidade da Região de Joinville/UNIVILLE - por meio de um fundo financiador próprio (FAEX – Fundo de Apoio a Extensão) que investe em 35 atividades de Extensão Universitária; e a Secretaria de Assistência Social de Joinville, que desenvolve e executa serviços, programas e projetos de geração de trabalho e renda que proporcionem o desenvolvimento econômico e social das famílias em situação de vulnerabilidade social do município. O capítulo destacou que os projetos de geração de renda, promovidos pela UNIVILLE em parceria com a Secretaria de Assistência Social, proporcionam, além da aprendizagem de conteúdos específicos, o desenvolvimento pessoal e a responsabilidade sócio ambiental e ética. Evidenciou que as práticas dos projetos investem no aprimoramento profissional e conseqüente evolução das condições de vida familiar e local, investindo na constituição de um futuro mais favorável aos menos favorecidos socialmente.

O segundo capítulo, nomeado 'CONSIDERANDO OS SISTEMAS SIMBÓLICOS', adentrou em conceituações e definições histórico-sociais de termos como artesanato, moda, cultura e identidade. Investiu na definição de uma noção contemporânea de artesanato, delineada a partir da observação das atuais práticas de sua produção, interpretação e distribuição.

A conceituação do campo da Moda apoiou-se na perspectiva teórica sociológica e, por esse viés, contextualizou o campo da moda em Santa Catarina; abordou os limites e hibridismos do campo; destacou o caráter multicultural do Estado, pela incorporação dos valores culturais de grupos sociais oriundos de outras regiões do Brasil; e, analisou a produção cultural local considerando mercado e economia local. Evidenciou-se, nesse capítulo, a história da imigração de Joinville e a herança cultural que os imigrantes trouxeram, marcada pelo hibridismo cultural. Sobre Joinville, ressaltou-se o intenso processo de crescimento populacional referente à contínua migração de pessoas em busca de trabalho.

O terceiro capítulo, denominado 'APLICANDO A TEORIA NA PRÁTICA', propôs uma aplicação da teoria (apresentada nos capítulos anteriores) na prática, no

intuito de obter-se um senso prático e não meramente teórico. A pesquisa prática, relatada neste terceiro capítulo, foi aplicada no final do segundo semestre de 2013 e ao longo do ano de 2014, junto a dois grupos específicos: Projeto de Renda 'Vida em Flor' e Geração de Renda: Grupo 'SempreViva'. Esses grupos foram selecionados por constituírem-se de integrantes do primeiro ano de capacitação e, assim, sem vícios metodológicos. Os referidos grupos reúnem-se semanalmente nas dependências da UNIVILLE, com carga de quatro horas semanais, sendo orientados por professores dos cursos de design (Moda, Produto, Gráfico) e Administração, e apoiados por estudantes bolsistas e voluntários.

Concebendo os saberes cultos do Design e os saberes populares do artesanato, em meio a uma relação social recíproca, marcada pelo hibridismo cultural, e tendo como pano de fundo a teoria dos sistemas simbólicos, desenvolvida por Pierre Bourdieu, propôs-se, no terceiro capítulo, uma análise das práticas dos grupos integrantes dos projetos que visam geração de trabalho e renda, desenvolvidos pela Extensão Universitária da UNIVILLE. Nesta abordagem prática, os referenciais teóricos, destacados no primeiro e no segundo capítulos, foram confrontados com a pesquisa prática, sistemática, que objetivou romper com o senso comum ao estabelecer relações do objeto estudado com fatores externos (históricos, sociais, culturais, filosóficos, econômicos). A pesquisa prática foi realizada e registrada com apoio de fichas cadastrais dos projetos (APÊNDICE A), registros imagéticos e inserções (da mestrandia pesquisadora) para planejamento, práticas e discussões em grupo.

As reflexões apresentadas, no terceiro capítulo, adentraram nas questões estruturais e técnicas (as oficinas; os materiais) aplicadas ao longo dos anos de existência dos projetos; na sequência, confronta-se a teoria de apoio desta investigação, com as referidas práticas dos grupos femininos (os projetos definidores das práticas), ultrapassando-se as metodológicas, comumente disseminadas nos cursos de design, consideraram-se os agentes produtores, sua história e sua cultura. Apostou-se numa relação social recíproca entre Designer de Moda e artesãos. Ou seja, não uma relação de dominação simbólica ou econômica, mas uma prática que, situada histórica e socialmente, confere devido valor a artesãos e designers de moda e promove o desenvolvimento sustentável, por meio de consideração ao meio ambiente na definição de técnicas, manejos e materiais elegidos.

Durante o segundo semestre de 2013 e o primeiro semestre de 2014 foi desenvolvido o projeto 'Vida em Flor', integrado por pessoas que residem no bairro Ulisses Guimarães, precisamente do loteamento Jardim Loureiro (área de invasão), em Joinville. As atividades, focadas na modelagem e costura, contaram com conhecimentos técnicos e estéticos em projeto de produto, projeto de programação visual e estamparia. No propósito de considerar o bairro, foram realizadas oficinas de projeto de programação visual do local, quando os integrantes foram instigados a olharem a beleza e importância da preservação de uma área tão próxima ao mangue. Na coleta e registro da vegetação, encontrada nas suas residências, muitos começaram a enxergar e valorizar o local onde moram, mostrando interesse no plantio de espécies de plantas que podem ser utilizadas no tingimento de tecidos, como também, a surpresa e encantamento em descobrir que o bairro em que moram, são importantes áreas que devem ser preservadas. Outro exemplo positivo no grupo, em 2014, foi a confecção de um vestuário feminino customizado com as sobras das orelhas, antes descartadas, inspirados nas casas em enxaimel e nos jardins presentes na cidade.

Durante o ano de 2014 foi desenvolvido o projeto 'SempreViva' constituído por mulheres provenientes de bairros variados de Joinville, cadastradas pela Secretaria de Assistência Social. Desse público, cerca de 70% (APÊNDICE B – Gráfico 4) não nasceram em Joinville. Perante essa realidade migratória foi trabalhada em sala de aula, as principais características de Joinville. No processo de coleta de informações acerca do território, foram citadas a vegetação encontrada em morros e parques, podendo-se perceber que as integrantes tinham em suas residências quintais providas de plantas. Dessa forma, elas puderam colher e trazer para compartilhar com a turma, exemplares de chás, flores, folhas e frutos. Com isso, foi possível conhecerem espécies de plantas conhecidas e preferidas por parte dos moradores de Joinville. Como incentivo em meio a tantas indagações acerca das espécies, foi solicitado, por parte da turma, livros da biblioteca da Univille, para sanar dúvidas sobre variedade, plantio e floração. Durante o decorrer do procedimento foi realizado o aprimoramento de habilidades manuais, troca de informações e experiências, dentre as próprias integrantes, de novidade das técnicas e materiais utilizados.

Diante da pesquisa pode-se constatar o apreço com que são cuidados os jardins presentes nas residências das integrantes do projeto 'SempreViva', no qual aproximadamente 65% das residências são próprias (Apêndice B, gráfico 9). Diferentemente, das participantes do projeto 'Vida em Flor', em que as casas simples possuem terrenos com pouca vegetação, por consistir num local de invasão, sem documentação e com pouca infraestrutura.

Propondo-se novos usos e composições para os banners descartados pela UNIVILLE, foi confeccionada pelo projeto 'SempreViva' em 2014, bolsas utilizando-se de todos os materiais que os compõem o artefato. Além das lonas, também os bastões de madeira, ponteiros plásticos e cordões de nylon foram utilizados na confecção das peças. Integrou-se a consciência ambiental, no uso de banners que seriam descartados, com o fazer manual, na customização das bolsas com detalhes em crochê e o *patchwork*.

O método utilizado nas oficinas, excedeu as aplicações metodológicas disseminadas nos cursos de design, observando-se a vivência dos agentes produtores, sua história e sua cultura. Destacou-se, desse modo, o valor dos saberes dos artesãos e dos designers de moda (saber popular e saber científico), promovendo o desenvolvimento sustentado, por meio de considerações ao meio ambiente na definição de técnicas, manejos e materiais usados.

Diante do estudo realizado, intenciona-se, para 2015, por meio de investigações e desenvolvimento de projetos, adentrar em pesquisas de novos subsídios teóricos relacionados aos agentes que construíram Joinville. Em especial, sobre a cultura negra, da qual pouco se fala, sabendo-se que a cidade comporta o maior número de pessoas afrodescendentes do estado de Santa Catarina.

Alvitram-se, novas oficinas para os projetos, em parceria com professores e bolsistas do departamento de história, no aprofundamento da história de Joinville e região. O registro de imagens poderá somar com oficinas de fotografia, contando com professores especializados na área. Para isso, serão organizadas saídas de campo, com excursões monitoradas para obtenção de subsídios para novos artefatos de referência cultural, alavancadas pela produção local comprometida com suas origens, conhecimentos e hábitos. Dessa forma, entende-se que as iniciativas dos projetos para a geração de renda realizada pela Extensão da UNIVILLE,

contribuem significativamente para a melhoria da autoestima do artesão, enriquecendo o seu trabalho e tendo, como pano de fundo, o sentido de pertencimento ao local onde vivem (ANEXO C).

A aproximação dos estudantes com os projetos ocasionou reconhecerem-se, na prática artesanal, novos saberes a respeito de técnicas utilizadas para a confecção e artefatos, acessórios e vestimentas, de maneira amigável diante do processo produtivo, na intensão de utilizarem-se refugos de tecidos e tintas naturais, extraídas da vegetação encontradas pelos próprios integrantes. A partir do trabalho colaborativo, com a troca de conhecimento e informações entre bolsistas, professores, colaboradores e integrantes dos projetos propôs-se um olhar diferenciado aos futuros profissionais da área de design, vindo ao encontro dos valores e princípios da Extensão universitária da UNIVILLE: possibilitar o aprendizado ultrapassando os espaços acadêmicos, aproximando o conhecimento científico e o conhecimento popular.

Por meio da abordagem social foi possível perceber a determinação e a força das mulheres (filhas, tias, mães ou avós) integrantes dos projetos de geração de renda UNIVILLE, que investem esforços para expandir seu horizonte de saberes, contribuindo para melhoria da autoestima, conseqüentemente melhorando a qualidade de vida, como também, na obtenção de receita, para ampliação da renda familiar.

REFERÊNCIAS

APARO, E.; SOARES, L. O design como factor de desenvolvimento do terceiro mundo. Revista Design em Foco, Salvador, v. IV, n. 1, jan./jun. 2007.

BORGES, Adélia. **Design + Artesanato: o caminho brasileiro**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2008.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. **A produção da crença**. Zouk, 2006.

_____. **O amor pela arte**. São Paulo: EDUSP, 2007.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **Razões práticas sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papyrus, 2003.

_____. **Razões práticas sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papyrus, 2014.

_____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2011.

_____. **Culturas híbridas**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2013.

_____. **Sociedade sem relato:** antropologia e estética da iminência. São Paulo: EDUSP, 2012.

CORTE, costura & modelagem. São Paulo: Escala, 2012.

FEITO a mãos: o artesanato em Santa Catarina. Florianópolis: Tempo Editorial, 2010.

GOMES FILHO, João. **Design do objeto:** bases conceituais. São Paulo: Escrituras, 2006.

KEBRUSSLY, Maria Emília; IMBROISI, Renato. **Desenho de fibra:** artesanato têxtil no Brasil. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2011.

MODELAGEM. Tecnologia em produção de vestuário. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

ONO, Maristela Mitsuko. **Design e cultura:** sintonia essencial. Curitiba: Edição da autora, 2006.

SCARTEZINI, Natália. **Introdução ao método de Pierre Bourdieu.** Artigo UNESP. São Paulo: [s.d.].

SEBRAE. **Artesanato:** um negócio genuinamente brasileiro. Edição comemorativa. V. 1, n.1, mar. 2008.

SENNETT, Richard. **O artífice.** Rio de Janeiro: Record, 2009.

Complementares:

AVELAR, Suzana. **Moda:** globalização e novas tecnologias. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

ABEST - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTILISTAS. **Isabela Capeto.** Disponível em: <http://www.abest.com.br/abest/associados_interna.php?id=31>. Acesso em: 28 fev. 2013.

_____. **Isabela Capeto**. Disponível em: <<http://www.abest.com.br/abest/associados/31/Isabela+Capeto>>. Acesso em: 28 fev. 2013.

BAÍA da Babitonga por Marcelo Ferrari. Disponível em: <<http://www.panoramio.com/user/7185247/tags/Joinville>>. Acesso em: 1 out. 2014.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias**. Petrópolis: Vozes, 1973.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2003.

CASTRO, Maria L. A. C. Entre arte e indústria: o artesanato em suas articulações com o design. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 102, nov. 2009.

CIPINIUK, Alberto. Design e artesanato: aproximações, métodos e justificativas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 7., 2006, Paraná. **Anais...**

_____. **Design: o livro dos porquês** – o campo do design compreendido como produção social. Rio de Janeiro: Reflexão, 2014.

_____; PORTINARI, Denise B. In: COELHO, Luiz Antonio L. **Design método**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Teresópolis: Novas Idéias, 2006.

DALLA ROSA JUNIOR, João. **A representação social da produção de Ronaldo Fraga: os lugares da memória**. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/6-Coloquio-de-Moda_2010/68797_A_representacao_social_da_producao_de_Ronaldo_Fraga_-_pdf>. Acesso em: 20 mar. 2014.

DALLA ZEN, Ana Maria. **Atividade de extensão na UFRGS: êxitos, falhas e perspectivas**. Porto Alegre: UFRGS, 1982.

13.º FESTIVAL BRASILEIRO DE HEMEROCALLIS. Disponível em: <<http://www.hemerocallis.com.br/ofestival.asp>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

DNA Brasil. Região Sul. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

FLETCHER, Kate. **Moda & Sustentabilidade: design para mudança**. São Paulo: SENAC, 2011.

FURJ – FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DA REGIÃO DE JOINVILLE. Disponível em: <<http://novo.univille.edu.br/null/pt-BR/a-univille/fundacao/605894>>. Acesso em: 31 ago. 2014.

GABRIEL, Ivana Gussi. Herbert Marcuse, reflexões sobre a sociedade tecnológica. **Jus Navigandi**, 2004. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/5503/herbert-marcuse>>. Acesso em: 9 set. 2014.

GUIA de informação de Joinville. Disponível em: <<http://www.mochileiros.com/guia-de-informacao-de-joinville-t78189.html>>. Acesso em: 6 out. 2014.

GUIA de informações de Joinville. **Joinville bucólica**: Estrada Rio do Júlio. Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=68969203&langid=6>>. Acesso em: 6 out. 2014.

GUIAVILLE. **Cultura de Joinville**. Disponível em: <<http://guiaville.com.br/joinville/perfil-de-joinville/cultura-de-joinville-2.html>>. Acesso em: 7 out. 2014.

_____. **Manchester**. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/manchester/>>. Acesso em: 7 out. 2014.

INSTITUTO VIRTUAL DE TURISMO. **Sul Brasil**. Disponível em: <<http://www.ivt-rj.net/ivt/indice.aspx?pag=n&id=10557&cat=SUL%20.%20Santa%20Catarina&ws=0>>. Acesso em: 30 ago. 2014.

IPPUJ - INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE JOINVILLE. Disponível em: <ippuj.joinville.sc.gov.br>. Acesso em: 28 mar. 2014.

_____. **Galeria de fotos**. Disponível em: <<https://ippuj.joinville.sc.gov.br/foto>>. Acesso em: 3 set. 2014.

JOINVILLE. Disponível em: <<http://www.joinville.co/>>. Acesso em: 7 out. 2014.

JOINVILLE. **Bicicletas**. Disponível em: <http://www2.fiescnet.com.br/web/pt/site_topo/principal/noticias/show/tipoNoticia/2/id/10106/portalld/1?v=>>. Acesso em: 7 out. 2014.

JOINVILLE: 150 anos. Joinville: Letradágua, 2001.

JOINVILLE em dados. EDM Logos Comunicação, 2013.

JOINVILLETour. **Museu do Sambaqui.** Disponível em: <<http://joinvilletour.blogspot.com.br/2011/02/museu-do-sambaqui.html>>. Acesso em: 8 out. 2014.

_____. **Museu Fritz Alt.** Disponível em: <<http://joinvilletour.blogspot.com.br/2011/02/museu-casa-fritz-alt.html>>. Acesso em: 8 out. 2014.

_____. **Museu Nacional da Imigração.** Disponível em: <http://www.sctur.com.br/joinville/museu_nacional_imigracao_colonizacao.asp>. Acesso em: 8 out. 2014.

_____. **Parque Zoobotânico.** Disponível em: <<http://joinvilletour.blogspot.com.br/2011/02/parque-zoobotanico.html>>. Acesso em: 8 out. 2014.

JORNAL A NOTÍCIA. **Cinco passeios joinvilenses para curtir a primavera.** Disponível em: <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/cultura-e-variedades/guia-mais/noticia/2014/09/cinco-passeios-joinvilenses-para-curtir-a-primavera-4607433.html>>. Acesso em: 8 out. 2014.

JORNAL A NOTÍCIA. **Do Paraná, mas bem joinvilense.** Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=3131&catid=159&Itemid=75>. Acesso em: 8 set 2014.

JORNAL NOTÍCIAS DO DIA. **A força do meio rural de Joinville e sua gente foram lembradas nas festas da polenta e da colheita em Joinville.** 2012. Disponível em: <<http://www.ndonline.com.br/joinville/noticias/34155-a-forca-do-meio-rural-e-de-sua-gente-foram-lembradas-nas-festas-da-polenta-e-da-colheita.html>>. Acesso em: 7 out. 2014.

JULIANA Salles. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/29945628@N03/8382155208/>>. Acesso em: 8 out. 2014.

KRUCKEN, Lia. **Design e território:** valorização de identidades e produtos locais. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

LIMA, Maria Cristina Dias dos Reis. Sotaque italiano em Joinville. **Jornal Notícias do Dia**. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/joinville/colunas/memoria/92538-sotaque-italiano-em-joinville.html>>. Acesso em: 7 out. 2014.

LINKE, Paula Piva; VELHO, Ana Paula M. Moda, artesanato e cultura. **Revista Multidisciplinar da UNIESP**, 2014.

MACCRACKEN, Grant. **Cultura e consumo**: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

MARINHO, Heliana. **Artesanato**: tendências do segmento e oportunidades de negócios. Rio de Janeiro, [s.d.].

MARTINS, Rosane F. F. **A gestão de design como estratégia organizacional**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rio Books, 2011.

MARRECO recheado, strüdel e cuca - sabores de Joinville. **Revista Premier**. Disponível em: <<http://www.revistapremier.com.br/site/Post/Post.aspx?id=2510>>. Acesso em: 6 out. 2014.

MAZZARO, Rafaela. Instituto Internacional Juarez Machado é inaugurado na terça-feira em Joinville. **Jornal Diário Catarinense**. Disponível em: <<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/variedades/noticia/2014/11/instituto-internacional-juarez-machado-e-inaugurado-na-terca-feira-em-joinville-4649477.html>>. Acesso em: 1 dez. 2014.

MEIRELLES, Luísa Helena Silva; CIPINIUK, Alberto. **Uma abordagem ao campo da moda no Rio de Janeiro**: o caso da favela Rio das Pedras. 2011. 168 f. Dissertação (Mestrado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MELLO, Carolina Iuva de *et al.* Projeto Design Social: geração de renda e resgate cultural através do design associado ao artesanato. **Inclusão Social**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 106-113, jul./dez. 2011.

MIGRAÇÃO. **Diário Catarinense**. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/pdf/14116888.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2014.

MINHA HISTÓRIA, MEU PATRIMÔNIO. **A casa como templo**. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/an_especiais_patrimonio/ottokar/arquitetura.html>. Acesso em: 7 out. 2014.

_____. **Tijolos históricos**. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/an_especiais_patrimonio/enxaimel/index.html>. Acesso em: 24 set. 2014.

MODA ARTSY: Isadora Guercovich lança coleção inspirada pelo escultor Ivens Machado. **Revista Donna**. Disponível em: <<http://revistadonna.clicrbs.com.br/amodacatarina/2014/09/05/moda-artsy-inspirada-pelo-escultor-catarinense-ivens-machado-estilista-isadora-guercovich-lanca-colecao-em-bh/>>. Acesso em: 9 set. 2014.

MORGENSTERN, Elenir Carmen; CIPINIUK, Alberto. **Arte e design, fronteiras evanescentes?** 2011. 190 f. Tese (Doutorado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MUSEU DE ARTE DE JOINVILLE. Disponível em: <<http://joinvilletour.blogspot.com.br/2011/02/museu-de-arte.html>>. Acesso em: 8 out. 2014.

NETO, Eduardo Barroso. **O que é artesanato**. Curso artesanato. Módulo 1. Disponível em: <http://www.fbes.org.br/biblioteca22/artesanato_mod1.pdf>. Acesso em: 4 maio de 2013.

PHILIPPS, Rodrigo. Artista joinvilense usará como sede a antiga casa da família restaurada na rua Lages. **Jornal A Notícia**. Disponível em: <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/cultura-e-variedades/anexo/noticia/2014/03/instituto-d-e-juarez-machado-tem-previsao-de-inauguracao-para-este-ano-em-joinville-443719-1.html>>. Acesso em: 1 dez. 2014.

PROJETO ICHTUS. **Geração de trabalho e renda - couro de peixe e acessórios**. Itapoá/SC. Disponível em: <<http://couroichtus.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 8 dez. 2014.

RADAR SUL. **Portal Turístico e Cultural do estado de Santa Catarina**. Disponível em: <http://www.sctur.com.br/joinville/museu_fritz_alt.asp>. Acesso em: 8 out. 2014.

RECH, Sandra R.; SOUZA, Renata K. R. **Ecoluxo e sustentabilidade: um novo comportamento do consumidor**. Disponível em: <<http://futurodo presente.ceart.udesc.br/Site%20Antigo/httpdocs/Artigos/Sandra%20R>>

ech_Renata%20de%20Souza_Futuro%20dd%20PresenPr_Relatorio%20Final.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2014.

ROSA, José Guilherme Santa. **Ergonomia participativa**: um possível caminho para a inovação no design de interfaces, produtos, ambientes, serviços e processos. Ergonomia, design, usabilidade, interação. Juiz de Fora: MAMM/UFJF, 2013.

SALVADOR, Marieza Rosso. **Artesanato X design**: a busca da identidade. 2011. 70 f. Monografia (Curso de Artes Visuais)–Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2011.

SANTUR - SANTA CATARINA TURISMO S/A. **Aspectos histórico-culturais**. Disponível em: <<http://www.santur.sc.gov.br/sc-terra-e-gente/aspectos-historico-culturais.html>>. Acesso em: 13 abr. 2014.

SCHWOELK, Alana. Juarez Machado apresenta instituto internacional em Joinville. **Jornal Notícias do Dia online**. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/joinville/plural/215301-juarez-machado-apresenta-antiga-casa-da-familia-hoje-instituto-internacional.html>>. Acesso em: 1 dez. 2014.

SCTur. Disponível em: <<http://www.sctur.com.br/joinville/index.asp>>. Acesso em: 8 out. 2014.

SCTur. **Casa Krüger**. Disponível em: <http://www.sctur.com.br/joinville/casa_kruger.asp>. Acesso em: 8 out. 2014.

SCTur. **Rua das Palmeiras**. Disponível em: <http://www.sctur.com.br/joinville/rua_das_palmeiras.asp>. Acesso em: 8 out. 2014.

SEBRAE. **Programa Sebrae de artesanato**: termo de referência. 2004.

_____. **Valorizando o território de artesanato**. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/setor/artesanato/sobre-artesanato/identidade-cultural/650-direita/BIA_650>. Acesso em: 31 ago. 2013.

SECRETARIA EXECUTIVA ESTADUAL DO SC RURAL. **Agricultoras do norte do Estado participam de curso de tecelagem com fibra de bananeira**. Disponível em: <<http://www.scrural.sc.gov.br/?p=4278>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

SENAC.DN. **Fios e fibras**. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2002.

SERRA do Mar por Valmice. Disponível em: <http://www.panoramio.com/user/131794/tags/Joinville%20SC?photo_page=8>. Acesso em: 1 out. 2014.

SETTON, Maria da Graça. A moda como prática cultural em Pierre Bourdieu. **IARA – Revista de Moda, Cultura e Arte**, São Paulo, v. 1, n. 1 abr./ago. 2008.

SILVA, Janine Gomes da. **Tensões, trabalhos e sociabilidades**: histórias de mulheres em Joinville no século XIX. Joinville: Univille, 2004.

SIMON, Seivewright. **Fundamentos de design de moda**: pesquisa e design. Porto Alegre: Bookman, 2009.

SIOP. Disponível em: <<https://www.joinville.sc.gov.br/noticia/5085-Siop+inicia+novas+oficinas+de+capacita%C3%A7%C3%A3o+em+agosto.html>>. Acesso em: 20 set. 2014.

SOUZA, Júlia Brümmer. O design de moda e a instituição social da cultura simbólica. **Caderno de Iniciação à Pesquisa**, Joinville, 2014.

SOUZA JR., Rogério. Jacatirões, cigarras e caranguejos marcam a chegada do verão em Joinville. **Jornal Notícias do Dia**. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/joinville/noticias/129984-jacatiros-cigarras-e-caranguejos-marcam-a-chegada-do-verao-em-joinville.html>>. Acesso em: 6 out. 2014.

TERNES, Apolinário. **Joinville, a construção da cidade**. Joinville: Bartira, 1993.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. **Pierre Bourdieu**: a teoria na prática. Rio de Janeiro, 2006.

UNIVILLE – UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE. **Área de Extensão Universitária**. Disponível em: <<http://novo.univille.edu.br/pt-BR/a-univille/proreitorias/proex/area-extensao/index/597362>>. Acesso em: 24 set. 2014.

UNIVILLE. **Campus Joinville**. Disponível em: <<http://novo.univille.edu.br/user/novoportal/null/pt-BR/a-univille/campi-unidades/campus-jlle/599080>>. Acesso em 01 set 2014.

_____. **Edital para a chamada de projetos de extensão de demanda interna.** Disponível em: <http://univille.edu.br/community/novoportal/VirtualDisk.html?action=readFile&file=Edital_2014.pdf¤t=/>. Acesso em: 19 fev. 2015.

_____. **Ensino.** Disponível em: <<http://novo.univille.edu.br/>>. Acesso em: 1 set. 2014.

_____. **Extensão.** Disponível em: <<http://www.univille.edu.br/pt/extensao/index/25651>>. Acesso em: 31 ago. 2013.

_____. **Resolução n.º 32/07.** Disponível em: <<http://novo.univille.edu.br/pt-BR/a-univille/resolucoes/2007/index/604646>>. Acesso em: 19 fev. 2015.

VEGINI, Valdir. **Subsídios para o plano de desenvolvimento institucional da UNIVILLE.** Joinville: UNIVILLE, 2004.

WOLFF, Janet. **A produção social da arte.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GLOSSÁRIO

Açoriano: habitante ou natural dos Açores (arquipélago de Portugal).

Arte popular: O conjunto de atividades poéticas, musicais, plásticas e expressivas, que configuram o modo de ser e de viver daquela parcela da população de menor grau de instrução formal e distanciada do acesso (tanto física quanto econômica) aos bens e serviços ofertados pela sociedade industrial e urbana²⁴².

Artesanato: Compreende como toda atividade produtiva de objetos e artefatos realizados manualmente, ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, apuro técnico e arte²⁴³.

Campo: A noção de campo, para Bourdieu refere-se às questões de legitimação, de corrente de padrões culturais, dos campos simbólicos. Para o autor, a sociedade é formada por campos sociais. Assim, as práticas sociais dos agentes, que operam nos limites do campo, estão orientadas para a aquisição de reconhecimento de suas posições (na territorialidade constituída). Um campo continua o teórico, é definido por leis instituídas socialmente (e não pela consciência humana) e difere-se de outro campo pelas leis que o regem²⁴⁴.

Cultura: Ancorados em Bourdieu, compreendemos cultura não como um código universal, nem mesmo enquanto repertório genérico de resposta a problemas recorrentes, mas como um conjunto comum de esquemas fundamentais previamente assimilados a partir dos quais se articula²⁴⁵.

Habitus: Na estrutura do campo, os participantes adquirem, segundo a teoria de Bourdieu, um conjunto de disposições (sistema socialmente constituído de disposições). Para o autor, as práticas sociais, 'fenomenalmente muito diferentes' organizam-se objetivamente, sem ter sido explicitamente concebido e postas com

²⁴² NETO, Eduardo Barroso. O que é artesanato. Curso artesanato. Módulo 1. Disponível em: <http://www.fb.es.org.br/biblioteca22/artesanato_mod1.pdf>. Acesso em 04 mai de 2013. p. 25.

²⁴³ *Id. Ibid.* p. 3.

²⁴⁴ *Id. Ibid.* p. 189.

²⁴⁵ MORGENSTERN, Elenir Carmen; CIPINIUK, Alberto. Arte e Design, fronteiras evanescentes? Rio de Janeiro, 2011. 190 f. Tese de Doutorado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. p. 186.

relação a este fim, de modo que estas práticas contribuam para a reprodução do capital possuído²⁴⁶.

Poder simbólico: para Bourdieu, é necessário descobrir o poder onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, o poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem²⁴⁷.

Referência cultural: para Neto²⁴⁸, são artesanatos de forte personalidade formal, utiliza-se de uma iconografia (símbolos e imagens) típicas da região, assim como das técnicas de elaboração tradicionais.

Territorialidade: Neste caso, territorialidade não se refere a um lugar geográfico, mas ao espaço simbólico delimitado pelos campos²⁴⁹.

²⁴⁶ MORGENSTERN, Elenir Carmen; CIPINIUK, Alberto. Arte e Design, fronteiras evanescentes? Rio de Janeiro, 2011. 190 f. Tese de Doutorado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. p. 189.

²⁴⁷ MORGENSTERN, Elenir Carmen; CIPINIUK, Alberto. Arte e Design, fronteiras evanescentes? Rio de Janeiro, 2011. 190 f. Tese de Doutorado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. p. 65.

²⁴⁸ NETO, Eduardo Barroso. O que é artesanato. Curso artesanato. Módulo 1. Disponível em: <http://www.fbes.org.br/biblioteca22/artesanato_mod1.pdf>. Acesso em 04 mai de 2013. P. 29.

²⁴⁹ MORGENSTERN, Elenir Carmen; CIPINIUK, Alberto. Arte e Design, fronteiras evanescentes? Rio de Janeiro, 2011. 190 f. Tese de Doutorado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. p. 190.

APÊNDICE A – Modelo de ficha cadastral dos Projetos de geração de trabalho e renda da UNIVILLE:

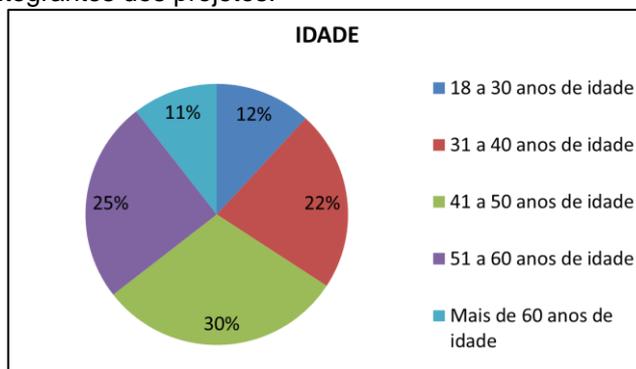
Figura 67: Ficha cadastral preenchida pelas integrantes dos projetos.

Perfil Público	Ano: _____
<p>Projeto</p> <p> <input type="checkbox"/> Sempre  Viva <input type="checkbox"/> Ama  Viva <input type="checkbox"/>  Vida em Flor </p>	
1. Dados cadastrais	
Nome completo: _____	
Data de nascimento: ____/____/____. Idade: _____	
Naturalidade: _____ Estado civil: _____	
Endereço: _____	
Telefone e (ou) celular para contato: _____	
Grau de instrução (série estudou):	
<input type="checkbox"/> Analfabeto <input type="checkbox"/> 1º grau incompleto <input type="checkbox"/> 1º grau completo <input type="checkbox"/> 2º grau incompleto <input type="checkbox"/> 2º grau completo <input type="checkbox"/> Superior	
2. Condições socioeconômicas	
Você mora numa residência	
<input type="checkbox"/> Própria quitada <input type="checkbox"/> Própria financiada <input type="checkbox"/> Emprestada <input type="checkbox"/> Alugada <input type="checkbox"/> Outros	
Fora você. Quantas pessoas compõe sua família (Mora na mesma residência)?	
<input type="checkbox"/> Um <input type="checkbox"/> Dois <input type="checkbox"/> Três <input type="checkbox"/> Quatro <input type="checkbox"/> Cinco <input type="checkbox"/> Mais. Quantos? _____	
Qual é a renda familiar mensal?	
<input type="checkbox"/> Até 1 salário mínimo (Até R\$ 724,00); <input type="checkbox"/> De 1 à 1,5 salários mínimos (De 725,00 à 1.086,00); <input type="checkbox"/> De 1,5 à 2 salários mínimos (De 1.087,00 à 1.448,00); <input type="checkbox"/> De 2 à 3 salários mínimos (De 1.449,00 à 2.172,00); <input type="checkbox"/> Acima de 3 salários mínimos (Acima de 2.172,00).	
3. Dados técnicos	
Descreva suas habilidades manuais:	

Fonte: Primária.

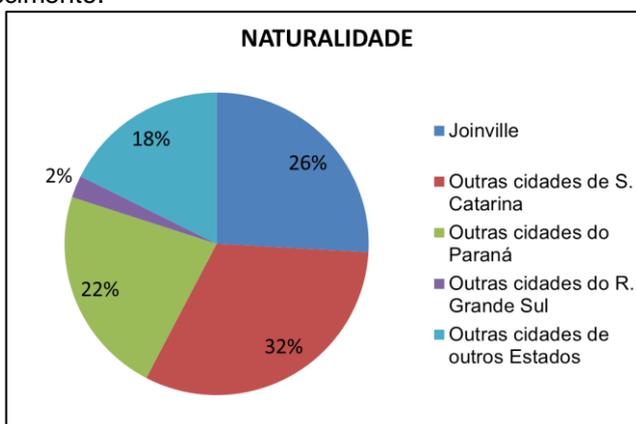
APÊNDICE B - Levantamento de 85 fichas cadastrais dos projetos de geração de renda da Univille, desde o ano de 2012:

Gráfico 3 – Idade das integrantes dos projetos.



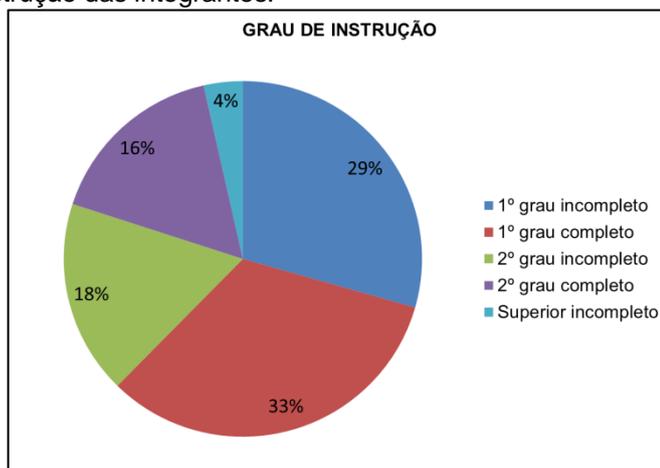
Fonte: Primaria (2014).

Gráfico 4 - Local de nascimento.



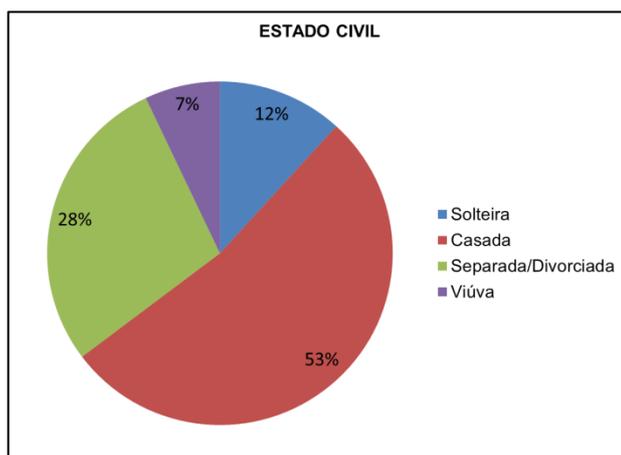
Fonte: Primaria (2014).

Gráfico 5 - Grau de instrução das integrantes.



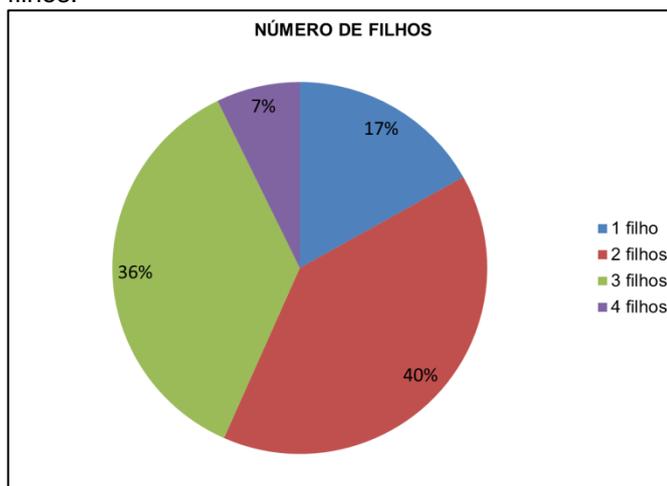
Fonte: Primaria (2014).

Gráfico 6 - Estado civil.



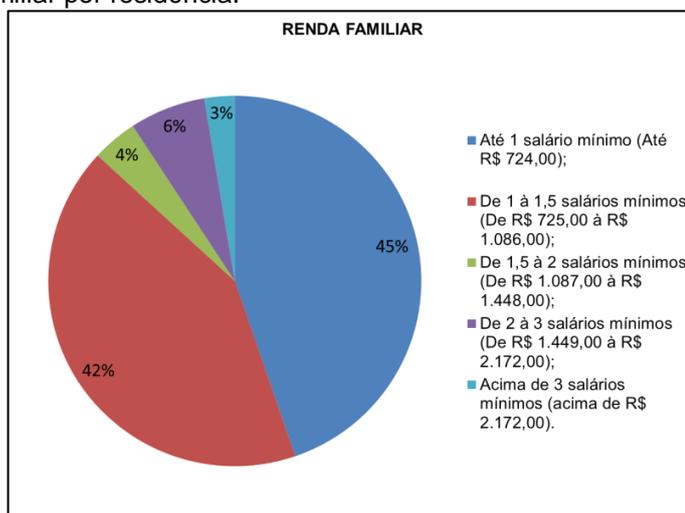
Fonte: Primaria (2014).

Gráfico 7 - Número de filhos.



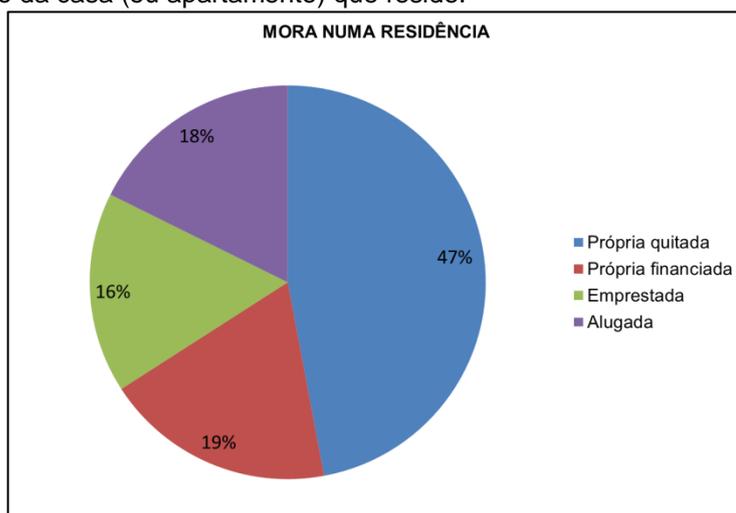
Fonte: Primaria (2014).

Gráfico 8 – Renda familiar por residência.



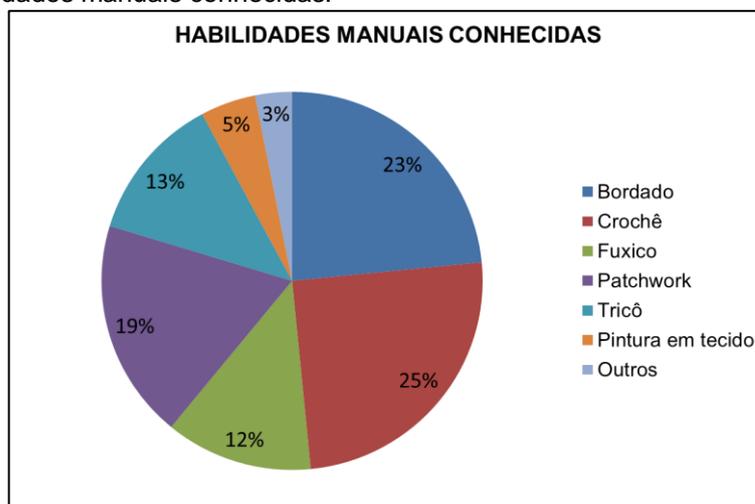
Fonte: Primaria (2014).

Gráfico 9 – Situação da casa (ou apartamento) que reside.



Fonte: Primária (2014).

Gráfico 10 – Habilidades manuais conhecidas.



Fonte: Primária (2014).

APÊNDICE C – Exemplos de algumas oficinas ministradas nos projetos de geração de renda da Univille:

Figura 68: Oficinas de geração de renda ministradas nas dependências da Univille.



Fonte: Primária.

APÊNDICE D – Autorização de Uso da Imagem das integrantes ‘SempreViva’ e ‘AmaViva’:

Figura 69: Fotocópia da Autorização de Uso da Imagem das integrantes ‘SempreViva’ e ‘AmaViva’.

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, Giani de Ramos abaixo assinado(a), cadastrado(a) sob o número de RG: _____, autorizo nos termos do art. 5º, X da Constituição da República Federativa do Brasil, a Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE a utilizar a minha imagem, nas divulgações dos Projetos de Extensão, sob o título Projeto Sempre Viva e Projeto Ama Viva, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será apenas para essa finalidade.

Giani de Ramos
Assinatura

Joinville, 21 de Agosto de 2014.

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, Helio D. Gouveia abaixo assinado(a), cadastrado(a) sob o número de RG _____, autorizo nos termos do art. 5º, X da Constituição da República Federativa do Brasil, a Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE a utilizar a minha imagem, nas divulgações dos Projetos de Extensão, sob o título Projeto Sempre Viva e Projeto Ama Viva, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será apenas para essa finalidade.

Helio D. Gouveia
Assinatura

Joinville, 21 de Agosto de 2014.

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, Livia A. J. de Jilva abaixo assinado(a), cadastrado(a) sob o número de RG _____, autorizo nos termos do art. 5º, X da Constituição da República Federativa do Brasil, a Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE a utilizar a minha imagem, nas divulgações dos Projetos de Extensão, sob o título Projeto Sempre Viva e Projeto Ama Viva, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será apenas para essa finalidade.

Livia A. J. de Jilva
Assinatura

Joinville, 21 de Agosto de 2014.

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, Auréliia Regina Kolombesky abaixo assinado(a), cadastrado(a) sob o número de RG 6, autorizo nos termos do art. 5º, X da Constituição da República Federativa do Brasil, a Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE a utilizar a minha imagem, nas divulgações dos Projetos de Extensão, sob o título Projeto Sempre Viva e Projeto Ama Viva, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será apenas para essa finalidade.

Auréliia Regina Kolombesky
Assinatura

Joinville, 21 de agosto de 2014.

Continua...

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, Anna Solt de Oliveira Jansen abaixo assinado(a), cadastrado(a) sob o número de RG 2054379, autorizo nos termos do art. 5º, X da Constituição da República Federativa do Brasil, a Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE a utilizar a minha imagem, nas divulgações dos Projetos de Extensão, sob o título Projeto Sempre Viva e Projeto Ama Viva, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será apenas para essa finalidade.


Assinatura

Joinville, 21 de agosto de 20 14.

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, MARCIA VICINA COELHO abaixo assinado(a), cadastrado(a) sob o número de RG 1.437.756, autorizo nos termos do art. 5º, X da Constituição da República Federativa do Brasil, a Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE a utilizar a minha imagem, nas divulgações dos Projetos de Extensão, sob o título Projeto Sempre Viva e Projeto Ama Viva, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será apenas para essa finalidade.

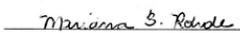

Assinatura

Joinville, 21 de Agosto de 20 14.

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, Mariana Basso Rohde abaixo assinado(a), cadastrado(a) sob o número de RG 1163938, autorizo nos termos do art. 5º, X da Constituição da República Federativa do Brasil, a Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE a utilizar a minha imagem, nas divulgações dos Projetos de Extensão, sob o título Projeto Sempre Viva e Projeto Ama Viva, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será apenas para essa finalidade.


Assinatura

Joinville, 21 de agosto de 20 14.

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, Irene Domingues Loecher abaixo assinado(a), cadastrado(a) sob o número de RG 464712PR, autorizo nos termos do art. 5º, X da Constituição da República Federativa do Brasil, a Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE a utilizar a minha imagem, nas divulgações dos Projetos de Extensão, sob o título Projeto Sempre Viva e Projeto Ama Viva, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será apenas para essa finalidade.


Assinatura

Joinville, 21 de Agosto de 20 14.

Continua...

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, Luciane R. de Lourenço abaixo assinado(a),
 cadastrado(a) sob o número de RG _____, autorizo nos termos do art. 5º, X da
 Constituição da República Federativa do Brasil, a Fundação Educacional da Região de Joinville –
 FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE a utilizar a minha imagem,
 nas divulgações dos Projetos de Extensão, sob o título
Projeto Sempre Viva
e Projeto Ama Viva
 estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será apenas
 para essa finalidade.

Luciane R. de Lourenço
Assinatura

Joinville, 21 de agosto de 20 14.

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, Mariza da Silva abaixo assinado(a),
 cadastrado(a) sob o número de RG _____, autorizo nos termos do art. 5º, X da
 Constituição da República Federativa do Brasil, a Fundação Educacional da Região de Joinville –
 FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE a utilizar a minha imagem,
 nas divulgações dos Projetos de Extensão, sob o título
Projeto Sempre Viva
Projeto Ama Viva
 estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será apenas
 para essa finalidade.

Mariza da Silva
Assinatura

Joinville, 21 de Agosto de 20 14.

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, Alzira T. dos Santos abaixo assinado(a),
 cadastrado(a) sob o número de RG _____, autorizo nos termos do art. 5º, X da
 Constituição da República Federativa do Brasil, a Fundação Educacional da Região de Joinville –
 FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE a utilizar a minha imagem,
 nas divulgações dos Projetos de Extensão, sob o título
Projeto Sempre Viva
Projeto Ama Viva
 estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será apenas
 para essa finalidade.

Alzira T. dos Santos
Assinatura

Joinville, 21 de Agosto de 20 14.

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, Yacilene Marques Ramos abaixo assinado(a),
 cadastrado(a) sob o número de RG _____, autorizo nos termos do art. 5º, X da
 Constituição da República Federativa do Brasil, a Fundação Educacional da Região de Joinville –
 FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE a utilizar a minha imagem,
 nas divulgações dos Projetos de Extensão, sob o título
Projeto Sempre Viva
Projeto Ama Viva
 estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será apenas
 para essa finalidade.

Yacilene Marques Ramos
Assinatura

Joinville, 21 de Agosto de 20 14.

Continua...

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, Leante da Silva abaixo assinado(a), cadastrado(a) sob o número de RG _____, autorizo nos termos do art. 5º, X da Constituição da República Federativa do Brasil, a Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE a utilizar a minha imagem, nas divulgações dos Projetos de Extensão, sob o título Projeto Sempre Viva
Projeto Anna Viva, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será apenas para essa finalidade.

Leante da Silva
Assinatura

Joinville, 21 de Agosto de 20 14.

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, LIA DO CARMO DESOUSA abaixo assinado(a), cadastrado(a) sob o número de RG _____, autorizo nos termos do art. 5º, X da Constituição da República Federativa do Brasil, a Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE a utilizar a minha imagem, nas divulgações dos Projetos de Extensão, sob o título Projeto Sempre Viva
Projeto Anna Viva, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será apenas para essa finalidade.

Lia do Carmo Desousa
Assinatura

Joinville, 21 de Agosto de 20 14.

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, Marzili S. Pittencourt abaixo assinado(a), cadastrado(a) sob o número de RG _____, autorizo nos termos do art. 5º, X da Constituição da República Federativa do Brasil, a Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE a utilizar a minha imagem, nas divulgações dos Projetos de Extensão, sob o título Projeto Sempre Viva
Projeto Anna Viva, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será apenas para essa finalidade.

Marzili S. Pittencourt
Assinatura

Joinville, 21 de Agosto de 20 14.

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, Marina Helena Lima Silva abaixo assinado(a), cadastrado(a) sob o número de RG _____, autorizo nos termos do art. 5º, X da Constituição da República Federativa do Brasil, a Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE a utilizar a minha imagem, nas divulgações dos Projetos de Extensão, sob o título Projeto Sempre Viva
Projeto Anna Viva, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será apenas para essa finalidade.

Marina Helena Lima Silva
Assinatura

Joinville, 21 de Agosto de 20 14.

Continua...

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, Robin Melling abaixo assinado(a), cadastrado(a) sob o número de RG _____ autorizo nos termos do art. 5º, X da Constituição da República Federativa do Brasil, a Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNVILLE a utilizar a minha imagem, nas divulgações dos Projetos de Extensão, sob o título Projeto Sempre Viva e Projeto Ama Viva, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será apenas para essa finalidade.

Robin Melling
Assinatura

Joinville, 21 de agosto de 20 14.

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, Rosemary Maria Rino Antonio abaixo assinado(a), cadastrado(a) sob o número de RG _____ autorizo nos termos do art. 5º, X da Constituição da República Federativa do Brasil, a Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNVILLE a utilizar a minha imagem, nas divulgações dos Projetos de Extensão, sob o título Projeto Sempre Viva e Projeto Ama Viva, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será apenas para essa finalidade.

Rino
Assinatura

Joinville, 21 de agosto de 20 14.

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, Macléia da Silva Santos abaixo assinado(a), cadastrado(a) sob o número de RG 24 autorizo nos termos do art. 5º, X da Constituição da República Federativa do Brasil, a Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNVILLE a utilizar a minha imagem, nas divulgações dos Projetos de Extensão, sob o título Projeto Sempre Viva e Projeto Ama Viva, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será apenas para essa finalidade.

Macléia da Silva Santos
Assinatura

Joinville, 21 de Agosto de 20 14.

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, Luiza Aparecida Vieira abaixo assinado(a), cadastrado(a) sob o número de RG _____ autorizo nos termos do art. 5º, X da Constituição da República Federativa do Brasil, a Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNVILLE a utilizar a minha imagem, nas divulgações dos Projetos de Extensão, sob o título Projeto Sempre Viva e Projeto Ama Viva, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será apenas para essa finalidade.

Luiza
Assinatura

Joinville, 21 de Agosto de 20 14.

Continua...

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, Marina Zimete Luz abaixo assinado(a),
cadastrado(a) sob o número de RG (_____), autorizo nos termos do art. 5º, X da
Constituição da República Federativa do Brasil, a Fundação Educacional da Região de Joinville –
FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE a utilizar a minha imagem,
nas divulgações dos Projetos de Extensão, sob o título
Projeto Sempre Viva
Projeto Anna Viva

estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será apenas
para essa finalidade.


Assinatura

Joinville, 21 de Agosto de 2014.

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, Rosimar P Reinert abaixo assinado(a),
cadastrado(a) sob o número de RG (_____), autorizo nos termos do art. 5º, X da
Constituição da República Federativa do Brasil, a Fundação Educacional da Região de Joinville –
FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE a utilizar a minha imagem,
nas divulgações dos Projetos de Extensão, sob o título
Projeto Sempre Viva
e Projeto Anna Viva

estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será apenas
para essa finalidade.

Rosmar
Assinatura

Joinville, 21 de Agosto de 2014.

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, Marina Eloisa R. Pereira abaixo assinado(a),
cadastrado(a) sob o número de RG (_____), autorizo nos termos do art. 5º, X da
Constituição da República Federativa do Brasil, a Fundação Educacional da Região de Joinville –
FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE a utilizar a minha imagem,
nas divulgações dos Projetos de Extensão, sob o título
Projeto Sempre Viva
Projeto Anna Viva

estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será apenas
para essa finalidade.


Assinatura

Joinville, 21 de Agosto de 2014.

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, Dilma T. nelli abaixo assinado(a),
cadastrado(a) sob o número de RG (_____), autorizo nos termos do art. 5º, X da
Constituição da República Federativa do Brasil, a Fundação Educacional da Região de Joinville –
FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE a utilizar a minha imagem,
nas divulgações dos Projetos de Extensão, sob o título
Projeto Sempre Viva
e Projeto Anna Viva

estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será apenas
para essa finalidade.

Dilma T. nelli
Assinatura

Joinville, 21 de agosto de 2014.

Fonte: Primária (2014).

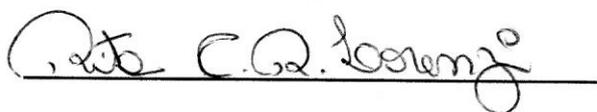
APÊNDICE E – Autorização autorizando cópias da Dissertação.**Figura 70:** Autorização para disponibilizar cópias da Dissertação:**AUTORIZAÇÃO**

Nome do autor: Rita de Cássia Rothbarth Lorenzi

RG: 1.866.32-0

Título da Dissertação: “DESIGN DE MODA E ARTESANATO: UMA RELAÇÃO SOCIAL RECÍPROCA”.

Autorizo a Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, através da Biblioteca Universitária, disponibilizar cópias da dissertação de minha autoria.

Joinville, 11 de maio de 2015.

Rita de Cássia Rothbarth Lorenzi

Anexo A - Boletim Informativo Semanal da Univille (BISU): Reportagem sobre o interesse a respeito dos Projetos Sociais da Univille.

Figura 71: Reportagem BISU sobre interesses a respeito projetos sociais da Univille.

MAR
4

Projetos sociais da Univille despertam interesse internacional

Durante a última semana de fevereiro, nossos hermanos representantes da Universidade Nacional de Villa Maria (UNVM), na Argentina, estiveram em visita à Univille. Maria Cecilia Conci (reitora), Hilda Estela Lopes Favre (diretora do CELE - Centro Espanhol como Língua Estrangeira) e Cleidis Peccoud (coordenadora de projetos sociais) estreitaram o Acordo de Cooperação entre as Universidades, ampliando a mobilidade acadêmica. Aproveitaram para conhecer, também, a respeito do Projeto de Reciclagem, do Sempreviva e do Amaviva. Ao visitar a UNVM, em 2010, Sandra Furlan, atual reitora da Univille, levou brindes e materiais compostos de elementos recicláveis e essa iniciativa despertou o interesse da visita argentina à Univille. “O que mais impressionou, àquela ocasião, foi um lápis fabricado com papel reciclável”, relembra a reitora, Maria Cecilia Conci. O projeto “Geração de renda: mulher sempre viva” surge com três frentes de capacitação e trabalha com mulheres de 19 a 59 anos que têm dificuldade de inserção profissional. Reúso do papel, novos produtos a partir da fibra da bananeira e reúso de tecidos são o foco das atividades. Além disso, o Amaviva reagrupa as mulheres que já se capacitaram no Sempreviva, e essa turma continua elaborando os produtos e vendendo de forma associada. “Reutilizar, em outros elementos, resíduos que não se tornam contaminantes, promover a inclusão social e ainda gerar renda com a produção de papéis, anotadores e outros materiais é um trabalho precioso”, completa a reitora da UNVM.



Postado há 4th March 2013 por [BISU - Universo Univille](#)

0
 Tweet 0
 Curtir 0

Disponível em: <<http://bisunaweb.blogspot.com.br/2013/03/projetos-sociais-da-univille-despertam.html>>. Acesso em 03 set. 2014.

ANEXO B – Reportagem do jornal interno da UNIVILLE a respeito da formatura das integrantes dos projetos de geração de renda, em 2011:

Figura 72: Reportagem BISU sobre a formatura dos projetos de geração de renda da Univille.

Projetos de geração de renda da Univille formam 60 mulheres

A vontade de gerar uma renda familiar extra é cada vez mais comum entre as mulheres brasileiras. A Univille proporciona oportunidade para isso por meio de projetos de extensão universitária, que levam para a população o conhecimento da Universidade em várias áreas. Alguns deles – como os projetos Sempre Viva e Ama Viva – resultaram até na criação de uma cooperativa.

No dia 24 de novembro, cerca de 60 mulheres de Joinville participantes des-

ses projetos e de outros dois do gênero – Vida em Flor e Ecosol - formaram-se em cerimônia no auditório da Universidade.

Durante o ano, elas participaram de atividades vinculadas à qualificação profissional, com oficinas práticas e teóricas destinadas à geração de renda e qualificação de produtos artesanais. Os quatro projetos são fruto da parceria entre o departamento de Design e a Secretaria de Assistência Social, entre outras entidades. 🌱



Formatura reuniu alunas de quatro projetos de extensão universitária do departamento de Design da Univille

(47) 3461 - 9000
www.univille.br



ANEXO C – Reportagem do Jornal A Notícia de Joinville (Encarte Revista Donna) sobre a integrante Simone A. Lima, do projeto da UNIVILLE:

Figura 73: Reportagem 'Revista Donna'. Encarte semanal do Jornal A Notícia de Joinville/SC.

SIMONE APROVEITOU AS OPORTUNIDADES QUE APARECERAM PARA APRENDER EM JOINVILLE

Moradora do Loteamento Jiquiá, ela começou dois cursos na Univille em 2013



Foto: Maiara Bersch

 Por **Redação Donna**

27-09-2013 às 19h18

Simone saiu da escola para casar muito cedo. Agora, busca capacitação para o mercado de trabalho.

Simone Aparecida de Lima tem 33 anos. Há 21 anos, saiu de casa para se casar. Tinha 12 anos. Ela conta este episódio e sorri. É quase como se pedisse desculpas pela surpresa que provoca. Ela 12, ele 16. Decidiram que já era hora e foram morar juntos. Isso foi em Capitão Leônidas Marques, cidade de 16 mil habitantes localizada no Paraná, de onde vieram há cinco anos.

- Minha mãe trabalhava muito, quase não podia conversar com a gente. Eu comecei a namorar e quis casar. Ele já trabalhava como músico e tinha saído da escola, então fomos morar juntos - recorda.

Quando casou, Simone estava na quinta série. Não voltou mais para a escola para se formar. Assumiu a casa e o papel de esposa, depois o de mãe de três meninos, hoje com 18, 16 e 13 anos. Tentou trabalhar fora quando os filhos cresceram: durante um mês saiu às 3h30 do loteamento Jiquiá, no bairro Estevão de Matos, para começar às 5 horas na cozinha de um restaurante industrial.

Desistiu e passou a oferecer serviço de manicure em casa, até que ficou sabendo do projeto da Univille que, em parceria com a Secretaria de Assistência Social, buscava mulheres da região que tinham interesse em cursar oficinas de costura ou de gastronomia.

Simone não teve dúvidas: se inscreveu nas duas e preencheu a semana de educação. Entre julho e setembro, ela passou todas as tardes da semana na Univille, exceto nas quintas-feiras. Nas segundas, quartas e sextas, ela aprendia técnicas de panificação e confeitaria. Nas terças, começava a conhecer métodos de modelagem e costura, os primeiros níveis da oficina do projeto Sempre Viva.

- Eu já sabia fazer alguma coisa de artesanato porque aprendi com a minha mãe. Mas quis fazer o curso porque gosto de sair, de aprender - afirma ela.

Estar entre os bancos da escola, onde permanecendo até o fim do ano - as aulas de panificação já terminaram, mas as de costura ocorrem até dezembro - inspira Simone a querer mais. Ela agora sonha com mais clareza para o futuro: quer continuar fazendo moda, quem sabe até criar uma marca de roupas.

Fonte. Revista Donna. Encarte semanal do Jornal A Notícia de Joinville/SC Disponível em: <http://revistadonna.clicrbs.com.br/2013/09/27/simone-aproveitou-as-oportunidades-que-apareceram-para-aprender-em-joinville/>. Acesso em: 03 set. 2014.

ANEXO D – Reportagem do Jornal A Notícia de Joinville (Encarte Revista Donna) sobre integrante do projeto da UNIVILLE:

Figura 74: Reportagem a respeito da ex-integrante do projeto (Darlene M. Baixo) que se formou em moda no ano de 2013.

DARLENE SUPEROU AS LIMITAÇÕES PARA REALIZAR O SONHO DE FAZER FACULDADE
Ela se forma no curso de Design de Moda no fim de 2013



Foto: Salmo Duarte



Por **Redação Donna**

27-09-2013 às 19h26

Exemplo de superação, Darlene estuda tecelagem para fazer o trabalho de conclusão de curso de Design de Moda.

Das mãos de Darlene sempre saíram tesouros. Aos nove anos, ela já fazia crochê, seguindo os ensinamentos da família. Nos últimos anos tratou de, finalmente, conquistar mais técnica, compartilhar conhecimentos e fazer seus tesouros crescerem. Atualmente, aos 43 anos, Darlene espera com expectativa o momento em que tudo isso será reconhecido: quando receber a aprovação no trabalho de conclusão de curso da faculdade de Design de Moda da Univille.

Se os ventos não mudarem, isto se realizará em dezembro próximo. É quando ela deve abrir o coração para gritar novamente, do mesmo jeito que gritou há quatro anos quando se descobriu aprovada no vestibular.

- Eu estava desde 1998 fora da sala de aula. Estudei sozinha em casa, com a minha filha ajudando. E meu marido apoiando, mas achando que eu não ia conseguir - conta Darlene.

Quando o primeiro desafio foi vencido, a dona de casa precisou superar outro: em pleno 2010, nenhum professor aceitaria trabalhos escritos à mão, nem as pesquisas poderiam contar apenas com livros e revistas. Mas Darlene ainda não sabia nem ligar o computador. Com coragem, ela seguiu em frente nos estudos e, entre aulas de estética, desenho e estamparia, adquiria os conhecimentos que a rotina até então não permitira que fizessem parte de sua realidade.

- Eu me lembro de quando a Darlene, muito curiosa, veio me perguntar como fazia para ingressar na faculdade. Ela se preocupava com a mensalidade, mas garanti que, quem precisava mesmo, conseguia bolsa de estudos. No ano seguinte, ela já era caloura - conta a professora Elenir Morgenstern.

Quando fez a pergunta, Darlene era uma das mulheres contempladas pelo projeto Ama Viva, para as remanescentes do programa básico de costura Sempre Viva. Apesar do talento como artesã, só fazia feira para os conhecidos. Senão, trabalhava como doméstica e diarista, sempre aliando ao tempo que dedicava aos dois filhos - o mais velho nasceu logo depois do casamento, aos 17 anos, quando ela ainda estava no 2º ano do Ensino Médio. O contato com professores e laboratórios da universidade instigou a mulher que havia sido uma jovem apaixonada pelos estudos.

- Quando terminar a faculdade quero fazer pós em História da Arte, algo assim. Me envolver mais com este lado da questão artesanal e ter certeza do que estou falando - afirma.

Fonte: 'Revista Donna'. Encarte semanal do Jornal A Notícia de Joinville/SC. Disponível em: <http://revistadonna.clicrbs.com.br/2013/09/27/darlene-superou-as-limitacoes-para-realizar-o-sonho-de-fazer-faculdade/>. Acesso 15 jul. 2014.